

AVE, VAQUEIRO:  
representação do vaqueiro na ficção  
de Guimarães Rosa

ANDRÉA MENDES DE ALMEIDA PEREIRA

AVE, VAQUEIRO:  
representação do vaqueiro na ficção  
de Guimarães Rosa

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS  
MONTES CLAROS  
Abril/2018

ANDRÉA MENDES DE ALMEIDA PEREIRA

AVE, VAQUEIRO:  
representação do vaqueiro na ficção  
de Guimarães Rosa

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura Brasileira

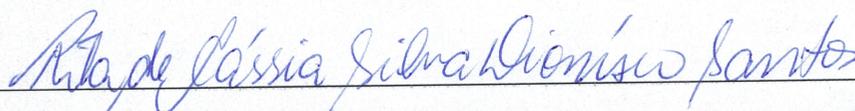
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Rita de Cássia Silva Dionísio Santos

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ivana Ferrante Rebello

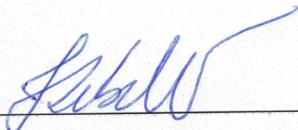
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS  
MONTES CLAROS  
Abril/2018



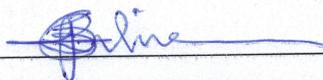
Dissertação de Mestrado intitulada **AVE, VAQUEIRO: representações do vaqueiro na ficção de Guimarães Rosa**, de autoria da mestranda em Letras – Estudos Literários **Andréa Mendes de Almeida Pereira**, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



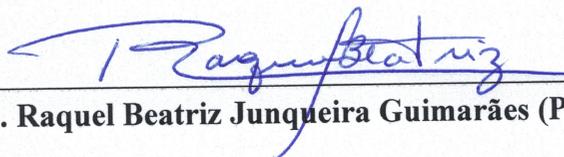
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (orientadora – Unimontes)



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ivana Ferrante Rebello e Almeida (Coorientadora - Unimontes)



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Telma Borges da Silva (Unimontes)

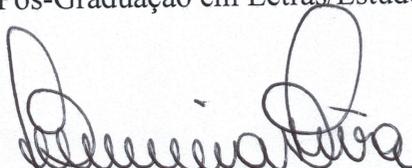


Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Raquel Beatriz Junqueira Guimarães (Puc/Minas)

Prof. Dr. Osmar Pereira Oliv.  
Coordenador do Mestrado em  
Letras / Estudos Literários  
UNIMONTES - Maio 1997

Prof. Dr. Osmar Pereira Oliva

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários



P436a Pereira, Andréa Mendes de Almeida.  
Ave, vaqueiro [manuscrito] : representação do vaqueiro na ficção de Guimarães Rosa / Andréa Mendes de Almeida Pereira. – Montes Claros, 2018. 106 f. il.

Bibliografia: f. 106-109.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários/PPGL, 2018.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Silva Dionísio Santos.

Coorientadora: Profa. Dra. Ivana Ferrante Rebello.

1. Vaqueiro – Representação. 2. Boi. 3. Sertão. 4. Rosa, Guimarães, 1908-1967. I. Santos, Rita de Cássia Silva Dionísio. II. Rebello, Ivana Ferrante. III. Universidade Estadual de Montes Claros. IV. Título. V. Título: Representação do vaqueiro na ficção de Guimarães Rosa.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelas inúmeras bênçãos. A minhas orientadoras, Rita e Ivana, pela inspiração, pela generosidade e pela leitura atenta e carinhosa de meus rascunhos. À CAPES e à FAPEMIG, pelos recursos destinados ao Programa. Também ao CCRAVE, por meio do financiamento FINEP. Aos meus avós, pais, irmãos e sobrinhas, os mais sacrificados pelas minhas ausências. Ao Rodrigo, pelo apoio. A Telma, pela amizade doce que aquece e motiva. Ao meu chefe, Adílson, e aos meus colegas, Arlete, Marluce e Pedro, pelo incentivo. Ao Pedro, agradeço ainda pelo entusiasmo contagiante com que comemorou cada pequeno avanço. Aos meus colegas de turma, com os quais aprendi muito. Destaco Enólia, Renata e Leo, meus amigos, com quem dividi as melhores risadas. A Renata, que lê as estrelas, agradeço pelas lições que levarei pela vida. Por fim, meu obrigada, novamente, a Deus, que permitiu todos esses encontros.

Sair de casa, mão que sim, pé na noite, fim de estrelas, rio de orvalho, pão do verde, galope e sol, deus no céu, mundo rei, tudo caminho. Escolher de si, partir o campo, falar o boi, romper à fula e à frouxa, dar uma corra, bater um gado; arrastar às costas o couro do dia.

(Guimarães Rosa)

## RESUMO

Historicamente, o vaqueiro e o gado são os seres que, desbravando territórios hostis, permitiram o estabelecimento dos primeiros povoados humanos. No Brasil, surgindo como atividade subsidiária do cultivo de cana-de-açúcar, a pecuária já nasceu destinada ao coração do país. Nas vastidões das terras sertanejas, o boi e o povo do boi empreenderam travessias, adaptando-se ao árido e inóspito de uma terra marcada pelo calor forte, pela vegetação tortuosa, mas também pela fauna e flora ricas, por cores e sons próprios. João Guimarães Rosa, mineiro de Cordisburgo, tem no vaqueiro o protagonista de grande parte de suas narrativas. Para estudar o boiadeiro, abordamos o percurso do pastor e do gado no Brasil, partimos dos estudos de Capistrano de Abreu, Caio Prado Júnior, Sérgio Schlesinger, João Batista de Almeida Costa, dentre outros autores, além das anotações de Rosa compiladas em *A Boiada*. Procuramos delinear o pastor rosiano, a partir dos textos “Entremeio com o vaqueiro Mariano”, que compõe o livro *Estas Estórias*; “Uma estória de amor” de *Manuelzão e Miguilim de Corpo de Baile*; “Cara-de-Bronze” e “A estória de Lélío e Lina”, do volume *No Urubuquaquá, no Pinhém*, de *Corpo de Baile*; além de “Pé-duro, chapéu de couro”, que faz parte de *Ave, palavra*. Considerando trabalhos como os de Ivana Ferrante Rebello, Sandra Gardini Teixeira Vasconcelos, Luiz Dagobert de Aguirra Roncari, procuramos ressaltar, na leitura aqui proposta, que, ao evidenciar, em suas narrativas, o vaqueiro, o autor mineiro busca delinear o perfil dessa figura, profundamente conectada ao sertão e ao boi. Ao erigir seus personagens-vaqueiros e fazer-se um vaqueiro-aprendiz, Guimarães Rosa retoma seres essenciais para a construção da sociedade como está posta, visto que o estabelecimento das comunidades humanas, desde os primeiros povoamentos, constituíram-se em torno do cultivo de sementes e, sobretudo, do pastoreio. Partindo do sertão, o vaqueiro universaliza-se, funcionando como síntese de uma diversidade de experiências humanas.

Palavras-chave: vaqueiro; boi; sertão; Guimarães Rosa.

## ABSTRACT

Historically, the cowherd and the cattle are the beings that, breaking open hostile territories, allowed the establishment of the first human settlements. In Brazil, emerging as a subsidiary activity of sugarcane cultivation, livestock was already born destined to the heart of the country. In the vastness of the country lands, the ox and the people of the ox made crossings, adapting to the arid and inhospitable land marked by the strong heat, the tortuous vegetation, but also by the rich fauna and flora, by their own colors and sounds. João Guimarães Rosa, a mineiro from Cordisburgo, has in the cowboy the protagonist of much of his narratives. In order to study the cowherd, we approach the pastoral and cattle path in Brazil, starting from the studies of Capistrano de Abreu, Caio Prado Júnior, Sérgio Schlesinger, João Batista de Almeida Costa, among other authors, besides Rosa's notes compiled in *A Boiada*. We try to delineate the rosinian shepherd, from the texts “Entremeio com o vaqueiro Mariano”, that composes the book *Estas estórias*; “Uma estória de amor”, of *Manuelzão e Miguilim* (Corpo de Baile); “Cara-de-Bronze” and “A estória de Lélío e Lina” of *No Urubuquaquá, no Pinhém* (Corpo de Baile); as well as “Pé-duro, chapéu-de-couro”, which is part of *Ave, palavra*. Considering works such as those of Ivana Ferrante Rebello, Sandra Gardini Teixeira Vasconcelos, Luiz Dagobert de Aguirra Roncari, we try to emphasize, in the reading proposed here, that, in its narratives, the cowboy, the mining author seeks to delineate the profile of this figure, deeply connected to the hinterland and the ox. By erecting his cowboy characters and becoming a cowboy-apprentice, Guimarães Rosa resumes beings essential for the construction of society as it stands, since the establishment of human communities, from the first settlements, were built around the cultivation of seeds and, above all, grazing. Starting from the hinterland, the cowboy is universalized, functioning as a synthesis of a diversity of human experiences.

Keywords: cowboy; ox; sertão; Guimarães Rosa.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - O vaqueiro Rosa .....	17
Fotografia 2 - A comitiva .....	29
Fotografia 3 - Os buritis .....	33
Fotografia 4 - O sertão.....	34

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1. Capítulo I – O VAQUEIRO: UM BANDEIRANTE PERMANENTE .....	15
1.1 O vaqueiro e a ocupação do sertão brasileiro.....	19
2. CAPÍTULO II - VAQUEIROS DE ROSA .....	43
2.1 Os vaqueiros nas letras de Rosa .....	45
2.2 Um vaqueiro numa estória de amor .....	55
2.3 O vaqueiro Lélío .....	68
2.4 A busca da poesia em “Cara-de-Bronze” .....	75
2.5 “Pé-duro, Chapéu-de-couro”: uma síntese.....	80
3. CONCLUSÃO .....	95
REFERÊNCIAS.....	97

## INTRODUÇÃO

Inicialmente, este projeto de pesquisa era outro. A proposta era discutir o conceito de identidade a partir de elementos do livro *Ave, palavra*, de João Guimarães Rosa. No entanto, no Seminário de Pesquisa em Literatura e Criação Literária de 2016, da Universidade Estadual de Montes Claros, a professora Ivana Ferrante Rebello, parecerista do projeto, sugeriu que trabalhássemos com o vaqueiro, ressaltando o cuidado e a poesia com que Guimarães Rosa delineava esse personagem.

Abraçamos a proposta, que acabou se configurando, para mim, em algo além de um trabalho científico. Quando criança, eu passava as férias na casa dos meus avós, numa comunidade rural, Distrito de São Francisco, Minas Gerais. Numa ocasião, meu avô e um vaqueiro, amigo dele, contaram sobre a viagem que haviam efetuado com uma pequena manada, num percurso de um dia inteiro, de uma fazenda a outra. O relato, recheado de acontecimentos divertidos, incluía bois inteligentes e vaqueiros destemidos, que atravessaram trechos de caatinga para cumprir a tarefa.

Por muito tempo, durante essas férias, essa narrativa me divertiu. Depois, os anos se passaram, e ela acabou adormecida em algum canto da minha memória. Ao deparar-me com “Pé-duro, chapéu-de-couro”, os sucessos dessa travessia efetuada por meu avô me voltaram à mente. E a lembrança, carinhosa, acompanhou as leituras que efetuei ao longo desta pesquisa.

Data dos primeiros agrupamentos humanos a associação entre homens e rebanhos. Domesticados, esses animais favoreceram o desenvolvimento da agricultura e da pecuária, atividades que desobrigaram a espécie humana de viver uma existência permanentemente nômade.

No Brasil, no período colonial, foram introduzidas as primeiras manadas bovinas, na Capitania de São Vicente. Então, mais gado foi trazido e os rebanhos aumentados. Por ocasião do Ciclo do Açúcar, a pecuária, por oferecer subsídios para desenvolvimento da atividade, foi impulsionada e levada para o interior do país, afastada do litoral, onde a cana era cultivada.

Desde a origem destinados ao coração do Brasil, o gado e o vaqueiro encontraram no sertão o ambiente para se estabelecerem. O semiárido, hostil a grande parte das atividades econômicas desenvolvidas pelo homem, ofereceu ao boi vastas extensões, pastos naturais e depósitos de sal. O vaqueiro, associado ao boi, cuida e conduz o rebanho pelas sendas

sertanejas, buscando água e alimento, favorecendo a subsistência do boi e auferindo, daí, ganhos para mediar sua sobrevivência.

O norte de Minas Gerais foi inicialmente ocupado como curral dos estados da Bahia e Pernambuco. A pecuária se consolidou e se estendeu e, séculos depois, ainda é das principais atividades econômicas da região.

Para conseguir se sobressair na caatinga tórrida, coube ao vaqueiro aprender a ler o meio e seus seres, animais e plantas, de modo a extrair deles as lições que os fizeram subsistir ao ambiente quente e seco. Das plantas, de cascas grossas, entendeu que deveria também portar uma armadura que o protegesse do sol, dos espinhos e dos galhos secos. No boi, enxergou a indumentária ideal, revestindo-se do couro da rês, incorporando uma couraça à sua própria pele. Nas plantas e bichos, aprendeu a ler as estações do ano, as fontes de água.

João Guimarães Rosa, mineiro de Cordisburgo, tem o ambiente sertanejo como principal cenário de suas narrativas e faz do vaqueiro o protagonista de muitos dos seus textos. O boiadeiro rosiano, mosaico histórico, literário e cultural, tenta dar conta de um homem que, forjado no ofício da lida com o boi, se fez pela reflexão do sertão, do solo, plantas e animais que o compõem. A partir de enredos aparentemente locais, Guimarães Rosa representa um personagem que pensa questões universais sobre o estar do homem no mundo.

Em 1952, acompanhando uma boiada conduzida por Manuel Nardy, Guimarães Rosa se fez vaqueiro, viajando por dez dias no lombo da mula Balalaiaca, comendo, dormindo e viajando como pastor. No dicionário virtual Michaelis, o termo pastor é definido como “[i]ndivíduo que conduz e vigia o gado no pasto; pegureiro”. Assim, abordaremos o vocábulo como sinônimo para vaqueiro, subsidiados também pelo comentário de Rosa acerca do excerto de *Marília de Dirceu*, trazido em “Pé-duro, chapéu-de-couro”, texto publicado no livro *Ave, palavra*:

[...] de começo, nossa volumosa lida pastoril, subalterna e bronca, desacertava das medidas clássicas, segundo se sente do árcaico:  
Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,  
Que viva de guardar alheio gado,  
De tosco trato, de expressões grosseiro... (ROSA, 2009, p. 175).

No trecho, Guimarães Rosa chama de pastoril a lida do vaqueiro, aproximando os sentidos dos dois termos.

Na viagem, perguntando sobre plantas e animais, foi anotando, em uma caderneta presa ao pescoço, cores, sons, nomes, acontecimentos. Esses registros estão reunidos no livro *A Boiada* e aparecem multiplicados em várias páginas da ficção rosiana. Ao empreender essa

travessia, inferimos que o objetivo do escritor mineiro seria conhecer melhor o vaqueiro, entendendo que a alma do boiadeiro é tributária do meio em que vive, do seu ofício e das relações que estabelece com o gado. Numa experiência sinestésica e poética, Rosa aborda o vaqueiro, o sertão e o boi em narrativas que pensam a existência humana a partir de uma teia de relações que conectam todos os seres.

Nosso projeto objetivou discutir a configuração do vaqueiro em textos da lavra rosiana. No primeiro capítulo, apresentamos o percurso histórico do pastor e do gado no Brasil, numa abordagem histórica, sociológica e literária, partindo dos estudos de Capistrano de Abreu, Caio Prado Júnior, Sérgio Schlesinger, João Batista de Almeida Costa, dentre outros autores, além das anotações de Rosa compiladas em *A Boiada*. No tomo seguinte, procuramos ressaltar alguns vaqueiros da ficção rosiana, propondo uma leitura crítica e interpretativa de Mariano, Manuelzão, Lélío, Grivo, mencionando ainda as centenas de boieiros em “Pé-duro, chapéu-de-couro” e outros vaqueiros presentes na literatura de Guimarães Rosa. Considerando trabalhos como os de Ivana Ferrante Rebello, Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, Luiz Dagobert de Aguirra Roncari, procuramos ressaltar, na leitura aqui proposta, que, ao evidenciar, em suas narrativas, o vaqueiro, o autor mineiro busca delinear o perfil dessa figura, profundamente conectada ao sertão e ao boi.

O boiadeiro é um ancestral comum a todas as sociedades, desbravou territórios hostis, permitiu a formação dos primeiros povoados. No Brasil, faz parte da história do país, desde as primeiras décadas que sucederam ao Descobrimento. Rosa o resgata de sua invisibilidade, dando-lhe o protagonismo em suas narrativas, representando o boi e o povo do boi como figuras emblemáticas para a construção do país. Partindo do sertão, o vaqueiro de Rosa traz em si uma vastidão de experiências humanas, universalizando-se.

## 1. Capítulo I – O VAQUEIRO: UM BANDEIRANTE PERMANENTE

Quem elegeu a busca, não pode recusar a travessia...

Guimarães Rosa

Historicamente, coube ao gado e ao vaqueiro o papel de desbravar os territórios desconhecidos, abrindo caminho para o estabelecimento dos núcleos populacionais humanos. No Brasil, o sertão inóspito e hostil deveu sua ocupação à atividade pecuária que, desenvolvendo-se paralelamente ao ciclo da cana-de-açúcar, foi empurrada para o interior do país para não prejudicar os cultivos.

Em sua produção, Guimarães Rosa dá relevo ao vaqueiro, ao boi e ao sertão, em narrativas que extraem poesia da flora, da fauna, da terra e dos homens. Em seu projeto de escrita, o autor mineiro busca entender a alma do vaqueiro, fazendo-se boieiro também, como mostra a Fotografia 1, e, nesse intento, volta-se para o ambiente que o rodeia, visto que a substância do boiadeiro deriva das relações que estabelece com seus pares, com o gado e com o meio.

Fotografia 1 - O vaqueiro Rosa

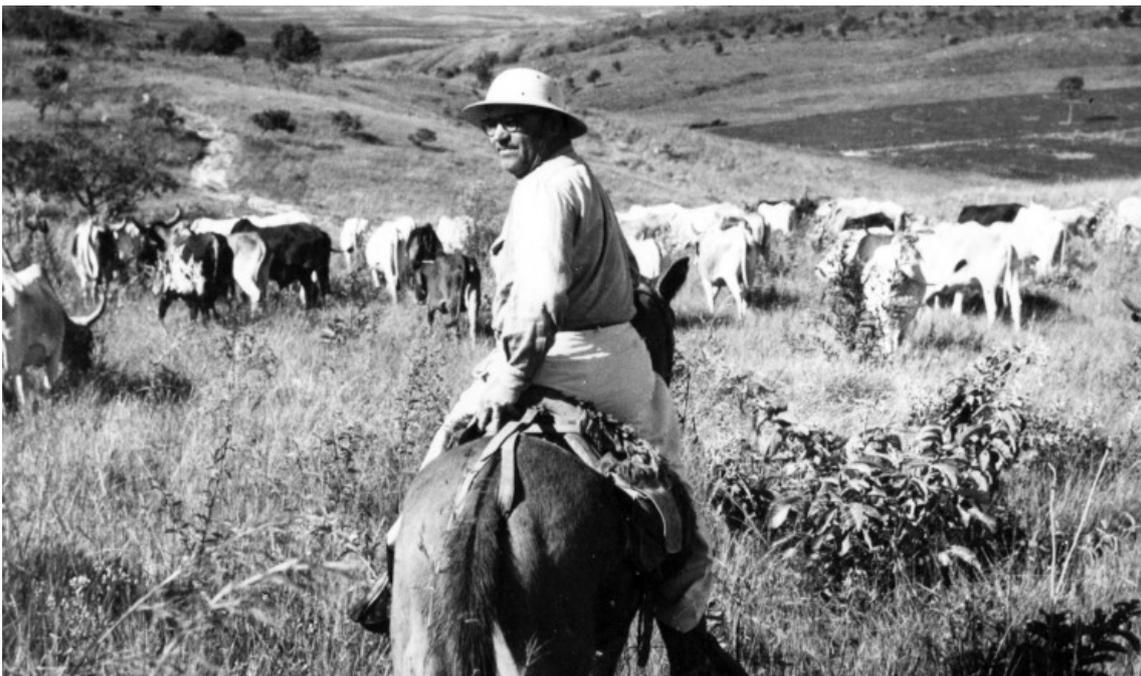


Foto de Eugênio H. Silva, na reportagem “Com o vaqueiro Guimarães Rosa – um escritor entre seus personagens”. In: ROSA, João Guimarães Rosa. *A Boiada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

João Guimarães Rosa tem o sertão de seu berço como cenário, em grande parte de seus escritos: seus habitantes, sua biologia e sua geografia. Para Hélen Cristina Pereira Rocha, em *Subverter e controlar: dos modos de dominação em “A estória de Lélío e Lina”*, de Guimarães Rosa,

[...] além da linguagem de cunho regional extremamente elaborada, presente nos contos de Rosa, coexiste em sua obra [...] um olhar atento e sempre

disposto a nos apresentar uma série de ações que se referem a uma realidade ficcionalmente recriada pelo autor mineiro, mas que de alguma forma fez parte do cotidiano sertanejo (ROCHA, 2013, p. 18).

Rosa se volta para o sertão: para fatos, temas e ambiente, apresentando a aridez de uma terra e de um povo de um modo, até então, inédito, visto que diz da dureza e também das belezas e riquezas culturais do lugar. Não há, em sua ficção, um projeto sociológico que tente justificar a rusticidade do meio e dos homens; há, antes, o objetivo de pôr em relevo um cenário pouco explorado em suas especificidades. Para tanto, é preciso renovar a linguagem, para que dê conta de instrumentalizar subjetividades outrora silenciadas. A sintaxe usual precisa ser redimensionada e novos vocábulos urgem ser inscritos no léxico para dar forma a peripécias e protagonistas brotados do chão: Rosa cuida de descrever, em minúcias, corpos d'água, a flora, a fauna e o relevo que se descortinam conforme os personagens se deslocam por municípios sertanejos. Entre seus principais protagonistas, assoma o vaqueiro.

Neste primeiro capítulo cuidaremos de tecer o percurso histórico do vaqueiro e do gado no Brasil, salientando o Nordeste e o estado de Minas Gerais, que também são os espaços preferidos por Rosa, entendendo que os primeiros povoados, ainda no período colonial, foram possíveis graças às grandes marchas de gado e pastores, que desbravaram o território incerto, partindo rumo ao interior do país.

Abordaremos inicialmente o texto “Pé-duro, chapéu-de-couro”, originalmente publicado no Rio de Janeiro, em 1952, em *O Jornal*, conforme Maria de Lourdes Viana Lyra (2006), no texto “Guimarães Rosa: uma reflexão sobre a questão da identidade nacional”. Depois, a narrativa foi republicada na primeira edição de *Ave, palavra*, em 1970. Nele, Guimarães Rosa tenta localizar a gênese do vaqueiro, na história geral, entre os primeiros homens que, ainda primitivos, já se vestiam de couro e procuravam se impor ao ambiente. Aceitaremos esse pacto proposto pelo escritor mineiro, objetivando, com esse movimento, compreender o vaqueiro como ancestral comum de diversas nações, conectando seres humanos em variados pontos do globo.

Para auxiliar na discussão, à perspectiva histórica e antropológica, buscaremos associar a poética, para tanto recorrendo a alguns dos registros expostos no livro *A boiada*, editado pela Nova Fronteira em 2011, que se compõe de manuscritos e datiloscritos elaborados por Rosa quando, em 1952, se pôs como um dos vaqueiros que, sob o comando de Manuel Nardy, conduziu centenas de reses, atravessando o sertão, numa jornada que perfez dez dias. Como se trata de um diário de bordo, deveria possuir um teor documental; no entanto, o tom é poético. Os excertos do livro são artísticos, plásticos, estéticos. O autor,

fundindo à realidade seu gênio criativo, captou a poética que emanava da terra, dos bichos, das plantas e dos homens. Trazendo ao pescoço lápis e caderneta, Rosa tomou nota de nomes de vegetais e animais, cantigas e provérbios dos vaqueiros, tentando representar a essência do sertanejo.

A articulação da dimensão do fato às anotações de Rosa, presentes em *A Boiada*, nos parece apropriada, visto que os textos, de certo modo, são complementares, tendo como matéria o mesmo objeto, mas abordando-o em espaços diferentes. A matéria científica oferece uma visão panorâmica, externa, do desenvolvimento da pecuária no Sertão, enquanto nos manuscritos e datiloscritos as porteiras são abertas, permitindo a percepção do interior, da substância do boi e do povo do boi. As anotações de Rosa não se prestam a explicar a região; antes se compõem de impressões e registros que delineiam esse universo, o modo de vida das populações e os enlaces com o meio.

O boieiro sertanejo está sempre acompanhado de seu cavalo, guia o boi nas trilhas poeirentas do sertão. O ofício, no país, remonta ao início da colonização, quando os pioneiros na ocupação do território, tão hostil, se limitavam a caravanas de pastores e de gado. O vaqueiro, artesanalmente, cuida da rês, garantindo que haja para ela comida e água, mesmo que isso envolva a transposição de grandes distâncias até se conseguir suprimento.

### **1.1 O vaqueiro e a ocupação do sertão brasileiro**

No Brasil colonial, ainda no século XVI, pioneiros embrenharam-se pelo inexplorado interior do país, com o fito de aprisionar índios e buscar riquezas. Quase que simultaneamente, nos mesmos espaços, foram desenvolvidas atividades ligadas à pecuária. Para Capistrano de Abreu, em *Capítulos da história colonial*,

[a] criação de gado primeiro se desenvolveu nas cercanias da cidade do Salvador; a conquista de Sergipe estendeu-se à margem direita do São Francisco. Na outra margem veio dar menos forte e menos acelerado o movimento idêntico partido de Pernambuco. [...] Foi o gado acompanhando o curso do São Francisco. (ABREU, 1998, p. 128).

No compasso do boi e do pastor é que novos caminhos foram sendo desvelados, abrindo passagem para a ocupação e exploração de territórios até então desconhecidos, traçando vários dos contornos do mapa do Brasil. Acompanhando os cursos d'água, percorrendo grandes extensões de terra, as boiadas, desde as primeiras marchas, tiveram como guia o vaqueiro, figura que apontava o rumo e cuidava do gado, assistindo-o durante a

travessia, planejando os passos, para garantir pouso, água e comida, de modo a subsistir no ambiente hostil até o término da jornada, que costumava durar dias. O gado, conduzido por várias léguas, em manadas numerosas, cruzava regiões rudes, em nada acolhedoras, em que imperavam o rigor do sol e a escassez, ou até falta de água.

O nordeste de clima semiárido e rios intermitentes deveu sua ocupação, basicamente, à pecuária, que primeiro se consolidou na Bahia e em Pernambuco para, depois, se estender a outros territórios, seguindo o curso do rio São Francisco. Para Caio Prado Júnior, em *História econômica do Brasil*, partindo do rio, as fazendas se orientaram em dois rumos opostos: um que seguiu o curso da água e alcançou Minas Gerais e outro que, dirigindo-se para o Norte, em fins do século XVII, ramificou-se depois para territórios que hoje formam os estados do Piauí, Maranhão e Ceará. O sul do Brasil reúne condições ambientais propícias para a pecuária, mas o gado só foi introduzido nos campos sulistas muito tempo depois de já estar presente no Nordeste e no Sudeste.

A ocupação promovida pela pecuária resulta em aglomerados com baixa densidade populacional, uma vez que o gado exige poucos braços para tratar dele, sendo criado solto, em propriedades imensas, distantes umas das outras. É principalmente a oferta de água que vai orientar o estabelecimento de povoações nas regiões sertanejas. Nesses locais, até pelo número reduzido de habitantes e pelas limitações oferecidas pelo meio, a dinâmica da economia, fora da pecuária, é, basicamente, de subsistência.

Segundo Jodenir Calixto Teixeira e Antônio Nivaldo Hespanhol, no texto “A trajetória da pecuária bovina brasileira”, de 2014, o gado vacum foi introduzido no país, inicialmente, na capitania de São Vicente, onde hoje é São Paulo, em 1534. As primeiras reses teriam sido mandadas por Dona Ana Pimentel, esposa de Martim Afonso de Sousa, primeiro donatário da capitania de São Vicente.

Em seus primórdios, a pecuária foi desenvolvida como atividade subsidiária da exportação de açúcar. O boi era o animal de tração ideal para rodar os engenhos de cana e para transportar o produto, além de fornecer couro para fabricação de utensílios diversos, carne e leite para alimentação. No entanto, para não comprometer o cultivo da cana, era necessário que o gado fosse criado em regiões mais distantes, o que ensejou a publicação de uma carta Régia, em 1701, que estabeleceu a distância de 10 léguas entre uma atividade e outra. Como as plantações de cana tinham espaço no litoral, o gado e o vaqueiro foram empurrados para o interior do país, sertão em que as altas temperaturas e a escassez de água representam empecilhos para grande parte das atividades humanas, mas que favorecia a

pecuária por contar com grandes extensões de planície e pastagens naturais, e pela presença de depósitos de sal-da-gema, para alimentação do gado. (TEIXEIRA; HESPANHOL, 2014).

Conforme Capistrano de Abreu,

[...] ao vaqueiro cabia amansar e ferrar os bezerros, curá-los das bicheiras, queimar os campos alternadamente na estação apropriada, extinguir onças, cobras e morcegos, conhecer as malhadas escolhidas pelo gado para ruminar gregariamente, abrir cacimbas e bebedouros. Para cumprir bem com seu ofício vaqueiral, escreve um observador, deixa poucas noites de dormir nos campos, ou a menos as madrugadas não o acham em casa, especialmente de inverno, sem atender às maiores trovoadas, porque nesta ocasião costuma nascer a maior parte de bezerros e pode nas malhadas observar o gado antes de espalhar-se ao romper do dia, como costumam, marcar as vacas que estão próximas a ser mães e trazê-las quase como à vista, para que parindo não escondam os filhos de forma que fiquem bravos ou morram de varejeiras. (ABREU, 1998, p. 135).

Para o trabalho em campo aberto, havia implicações para utilização de mão-de-obra escrava, fato que desencadeou a contratação de homens livres para cuidar do gado. O vaqueiro amansava, observava, tratava e marcava o gado, manejava pastos, mantinha animais selvagens longe das fazendas e localizava e providenciava fontes de água. Como mencionado por Sérgio Schlesinger no trabalho *Onde pastar? O gado bovino no Brasil*, de 2010, a remuneração dos vaqueiros era composta também por cabeças de gado, o que favorecia que montassem um rebanho, contribuindo assim para a disseminação da pecuária. Citando Simonsen<sup>1</sup> (1937), Schlesinger menciona que os trabalhadores se empenhavam para merecer a denominação de “vaqueiro”, um título de honra para as comunidades da região.

A pecuária foi se estabelecendo na região semiárida e o boi, o homem e o ambiente estreitaram laços: a natureza ditava o contexto no qual o gado e o pastor buscaram meios de se adaptar, auxiliando-se. Do pastor, o boi recebia o trato que garantia sua subsistência; do boi, o vaqueiro obtinha carne, leite, couro, além da possibilidade de converter tais benesses, e a própria rês, em dinheiro, permitindo auferir alguma renda.

Para João Batista de Almeida Costa, no artigo “Fronteira regional no Brasil: o entre-lugar da identidade e do território baianos em Minas Gerais”, publicado em 2002, devido a sua localização central, o estado mineiro é uma mistura de vários mundos, conjugando em si diferentes ambientes, climas, realidades. A sociedade mineira, também heterogênea, em linhas gerais, ramifica-se de dois troncos principais: ou do explorador de metais preciosos ou do povo do boi. Essas duas formas diferentes de ocupação humana

---

<sup>1</sup> SIMONSEN, R. *História Econômica do Brasil*, vol. 1, 1500-1820. São Paulo: Editora Nacional, 1937.

redundaram em panoramas culturais próprios. O mesmo autor, no texto “Minas Gerais na contemporaneidade: identidade fragmentada, a diversidade e as fronteiras regionais” divulgado no Caderno da Escola Legislativa, em 2009, acrescenta que “[n]a criação da Capitania de Minas Gerais em 1720, duas regiões, uma vinculada ao ouro e a outra ao gado, foram articuladas para dar fundação à sociedade mineira.” Fragmentando Minas em regiões, para tratar dessa gênese, pontua o autor:

[...] o Triângulo surgiu em consequência das entradas e bandeiras oriundas de São Paulo, percorrendo o sertão e em busca de novas áreas mineradoras, mas tendo sua ocupação socioeconômica vinculada à criação de gado, que se expandiu do norte rumo ao sudeste. O Noroeste teve sua ocupação vinculada aos bandeirantes paulistas e aos criadores de gado dos antigos Currais da Bahia, caracterizado por Guimarães Rosa como Norte sertanejo. O Centro apresenta-se como o espaço territorial onde duas economias distintas se encontraram: a exploração aurífera, que se ampliou por toda a Serra do Espinhaço, que corta longitudinalmente Minas Gerais, e a criação de gado que, vinda do Norte sertanejo, ajudou a suprir a região dedicada à mineração dos alimentos e animais de transportes necessários. (COSTA, 2009, p. 122).

No sul de Minas, região em que predomina a vegetação da Mata Atlântica e altos índices pluviométricos, a pecuária conseguiu se desenvolver bem, havendo inclusive aperfeiçoamento das metodologias de criação, tendo em vista as boas condições de solo e clima, ilustrada, por exemplo, pelo desenvolvimento de indústrias de laticínios, devido ao aumento na produção do leite e implementação de técnicas para beneficiamento.

Da citação, inferimos que Minas Gerais, como um todo, ocupou-se da atividade pastoril. No entanto, entre as regiões mencionadas, apenas o norte, ou noroeste, cuidou exclusivamente da pecuária. Não havia um plano alternativo. Num ambiente hostil, marcado pela aridez, apenas o boi e o vaqueiro persistiram. Se trabalharmos com a dicotomia metal/gado, o norte de Minas se opõe, então, ao resto do Estado e aqui, nesta região, o vaqueiro é o protagonista do processo de formação da sociedade. Esta é a região tida como sertão, de origem vinculada a currais e fazendas, em que a estrutura social se fez da articulação entre boi, fazendeiros e vaqueiros.

Para Costa (2002), a formação histórica da região norte-mineira está associada aos bandeirantes que por aqui passaram rastreando índios ou destruindo quilombos. Muitos desses decidiram fixar residência, acompanhando o progresso das fazendas de gado, descidas do nordeste. Paulistas, baianos e pernambucanos foram aliados na povoação do território inicialmente designado como Currais do São Francisco, formados por currais da Bahia e de Pernambuco.

Otaviano de Moreira Filho (2006), no artigo “Resistência identitária: a configuração etnocultural da comunidade sertaneja norte-mineira no processo histórico de Minas Gerais”, revela que a porção norte do estado mineiro, originalmente, recebeu também a alcunha de Currais da Bahia, visto os baianos terem estabelecido aqui suas fazendas de criação de gado. Seguindo os afluentes do São Francisco, o autor igualmente ressalta que principalmente os gadeiros da Bahia e de Pernambuco desempenharam papel de destaque no primeiro momento da ocupação colonizadora da região. O território, selvagem, precisou ser desbravado por feras – homens e animais, também rudes.

O gado e seu pastor criaram as condições para povoamento do norte mineiro, pois, conforme Mônica Celeida Rabelo Nogueira, na tese *Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre geraizeiros do norte de Minas Gerais*, de 2009, além de acomodarem-se aos poucos recursos oferecidos pela terra, “ensejaram a vinda de animais de transporte e tração e o criatório de pequenos animais de granja, como porcos e galinhas. Instalaram-se ainda na região pequenos engenhos, para a produção de cachaça e rapadura” (NOGUEIRA, 2009, p. 48). A conjunção de todas essas atividades, além da caça e da pesca, associadas ao cultivo de mandioca e de abóbora, permitiram que os primeiros habitantes encontrassem meios para se manter, para se alimentar e empreender trocas financeiras que afiançassem sua permanência no território.

Nas fazendas, a vida orbitava em torno do boi. Prevalencia o emprego de homens livres, que se constituíram vaqueiros, e recebiam como paga moradia, alimentação e crias de gado. O profissional gozava de posto de prestígio na hierarquia da fazenda. Como os proprietários, por vezes, residiam nas cidades, cabia ao vaqueiro cuidar das terras e administrar os trabalhos. A pecuária era extensiva, criando-se o gado solto por imensidões de terra. O sertão, com duas estações climáticas bem demarcadas, o período das chuvas e o período da seca, ditava as normas para o trabalho do vaqueiro. No tempo das águas, quando os pastos eram abundantes, cabia cuidar do leite, intensificar a produção de queijos e outros derivados lácteos, negociar o boi gordo para corte, pastorear as vacas prenhes, para que não estivessem isoladas ao parir. Já a seca reclamava do vaqueiro a habilidade de atravessar, guiando os bois, os tabuleiros sem fim do pastoreio, no enalço de água e alimento.

Minas Gerais deve seu nome às incontáveis riquezas minerais que aqui foram encontradas e, historicamente, a imagem de Minas, no imaginário coletivo do resto do país, é tributária desse passado: o gentílico “mineiro” guarda analogia com o significado “trabalhador das minas”. No entanto, no solo mineiro, a pecuária teve a primazia, em detrimento da

exploração do ouro. Quando começou o ciclo do metal, já estavam aqui, no norte, o vaqueiro e o boi: no estado já se vivia a idade do couro.

Conforme Oliveira Filho, a região norte-mineira, com seus currais, foi responsável por subvencionar os territórios mineradores, fornecendo gêneros alimentícios, couro, gado e animais de tração, itens fundamentais para manutenção dos povoados formados em torno da exploração do ouro. Em linhas gerais, podemos pensar na efemeridade das riquezas geradas pela extração dos metais preciosos, em se considerando que o metal, em si, não é capaz de prover necessidades básicas do ser humano, biologicamente falando, possuindo, tão somente, um valor monetário convencionado. O sucesso da atividade aurífera se deveu, e muito, à relação estabelecida entre dois polos: fazendeiros e vaqueiros, de um lado, oferecendo meios reais de subsistência, e garimpeiros, de outro, pagando o preço socialmente estabelecido pelos recursos. Essas trocas comerciais acarretaram consequências que até hoje reverberam geograficamente, tendo em vista que a metrópole, para coibir o contrabando do precioso metal, acabou por anexar essa região às Minas, traçando fronteiras que o estado ainda conserva.

A associação com as Minas do ouro tornou o norte pecuário partícipe das relações que então ditavam o modo de vida da colônia. Consequentemente, o colapso na exploração dos metais preciosos repercutiu no cenário sertanejo, isolando e invisibilizando esse território. A região ensimesmou-se, orientando-se fracamente pelo mercado externo, dedicando-se em larga escala a atividades de subsistência, como dito por Mônica Celeida Rabelo Nogueira, no referido trabalho. Cultural, social e economicamente, essas populações se organizaram, articulando o humano, o natural e o místico na elaboração de uma visão de mundo em que os recursos provenientes do ambiente são amplamente utilizados a partir da congregação de saberes acumulados ao longo das eras que as habilitaram a fazer um uso otimizado da vegetação, do solo e dos animais. Ao observar e se adaptar ao clima, que talvez represente o obstáculo mais crítico no ambiente, essas comunidades encontram meios para subsistir e persistir, dedicando-se ao pastoreio, ao extrativismo, à agricultura, à caça e à pesca. Importante mencionar que, comumente religiosos, esses grupos encontram também na espiritualidade um meio para lidar com as adversidades impostas e para buscar caminhos de resistência.

João Capistrano de Abreu<sup>2</sup>, citado por Ivana Ferrante Rebello no texto “Entremeio: poesia e cultura popular nos vaqueiros de Guimarães Rosa”, refere-se a esse

---

<sup>2</sup> ABREU, Capistrano de. O caráter nacional e as origens do povo brasileiro. 1976. 4ª série, p. 3-24, originalmente publicados em *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1876 e 8 mar. 1876, respectivamente.

período do século XVI ao XVIII como a “época do couro”. Nesse período, o couro do boi era utilizado para revestir as casas, forrar leitos, fazer cordas, arreios, bainhas, surrões, e, principalmente, para compor a vestimenta do vaqueiro, com a qual ele conseguiria lidar com a caatinga. No texto “Pé-duro, chapéu-de-couro”, de Guimarães Rosa, chapéu-de-couro é o pastor e o boieiro é homem-terra-animal. Afinal “de um só couro são as rédeas, os homens, as bardas, as roupas e os animais – como num epigrama” (ROSA, 2009, p. 182). Epigrama é uma composição poética curta, incisiva, com conteúdo delimitado, que encerra uma mensagem densa e marcante. Gravada, exalta a importância de um momento ou de uma figura. Ao sintetizar poeticamente o conjunto, o autor de *Sagarana* o converte num epigrama para ressaltar a relevância do vaqueiro nas particularidades que condensam homem e animal sob uma mesma pele. O ofício do vaqueiro exige que ele incorpore outro couro ao seu:

[... laudel completo: guarda-pés, como esarpes; grevas estrictas, encanando coxa e perna; joelheiras de enforço; coletes assentados; guarda-peitos; peitos de armas; os gibões; os chapelões; e manoplas que são menos luvas que toscos escudos para as mãos. Tudo encardido, concolor, monocromico, em curtido de mateiro, guatapará, suassuapara, bode, sola ou vaqueta, cabedais silvestres. (ROSA, 2009, p. 181-182).

No título do texto referido, o boi e o seu cuidador estão irmanados, confundem-se: pé-duro é também o vaqueiro, o homem simples, que exige pouco para sobreviver, num ambiente que nenhum luxo oferece. São os homens “rompidos da poeira, do sol, do pasmaço da viagem, engolindo fome sempre, e sede” (ROSA, 2009, p. 198). E o boi, da mesma forma, é couro, de couro também é sua indumentária e também ele se expõe a uma existência de renúncias. A natureza de ambos pertence à caatinga, que os molda, “o ananás bravo ou o mandacaru vertical, em meio às folhas de fogo, espetos cruzados, árvores de força, monstrenhos ramos dolorosos, tortura, e a catanduva crispa” (ROSA, 2009, p. 194). Para sobreviver ao ambiente hostil é preciso fazer-se duro também: transformar pele em couraça e sangue em rocha. O boi e o homem, que se associaram um ao outro, no início dos tempos, quando os homens começaram a se organizar em comunidades, se fundiram, séculos depois, na aridez da caatinga, no labor do *mister*.

Se no Brasil, os historiadores fazem figurar o vaqueiro e o boi entre os desbravadores do território nacional, Guimarães Rosa, em “Pé-duro, chapéu-de-couro”, universaliza esse movimento. Para o autor, os vaqueiros provêm de cepa antiga, são tributários dos pastores que acompanharam os primeiros rebanhos, quando da formação das povoações humanas originais. Rosa traça um percurso histórico que localiza esses homens

como ascendentes “dos de Creta, da Creta egeia, taurina e taurólatra, domadores dos bois primigênios, gigantes, esmochados, às manadas.” (ROSA, 2009, p. 190). Em Creta, a civilização teria surgido em 2000 a.C., antecipando-se ao resto da Europa em cerca de mil anos, conforme Edward McNall Burns, em *História da civilização ocidental: do homem das cavernas até a bomba atômica*, de 1968. No entanto, a gênese desses indivíduos tem raízes ainda mais antigas: os vaqueiros “são de couro. Surgiram da “idade do couro” (ROSA, 2009, p. 182). Estariam, então, localizados na história antiga, contemporâneos de seres humanos ainda primitivos que, com vestes de couro, buscaram subsistir e se impor a um ambiente em tudo adverso. Singrando a terra, desbravando territórios virgens, percorrendo grandes extensões, os vaqueiros foram permitindo a evolução e o sucesso da espécie humana, hasteando as bandeiras inaugurais nos territórios que viriam a ser ocupados. Segundo o autor, no Brasil, país de dimensões continentais, permitiu o desbravar da terra, encarnando um “bandeirante permanente” (ROSA, 2009, p. 192), em direção ao interior, da borda para dentro, expondo a aridez de territórios ainda selvagens, em toda sua rusticidade.

Para Rosa, a trajetória do gado e do pastor remonta à Canaã bíblica: “Antigo veio o tema: o de estrênuos pegureiros, que lutavam com anjos, levantavam suas tendas e vadeavam os desertos – Caldeia a Canaã, um rastro de rebanhos, e o itinerário do espírito.” (ROSA, 2009, p. 175). O vaqueiro é o ser que caminhou através das eras, guiando rebanhos de animais e de homens, domando o inóspito e o hostil. Para Lyra (2006), Guimarães Rosa “identifica as raízes mais antigas e universais da humanidade na pureza da relação estabelecida entre o homem e o boi” (LYRA, 2006, p. 146). É no ofício do boiadeiro, na associação entre o ser humano e o gado, que Rosa encontra caminhos para refletir sobre questões universais.

O sucesso da pecuária foi devido à resistência dos pastores e à tenacidade dos bois. Tolerante à sede e à aridez sertaneja, alimentando-se do sal das rochas, esse animal percorria enormes trechos, sob sol abrasador, carregando a si próprio, exigindo pouco para sua manutenção. Para laborar com o gado, bastava uma mão-de-obra reduzida, sem qualificação formal. Era um serviço que precisava de poucos braços e demandava menos esforço, se comparado à lavoura. Tais características foram fundamentais para o sucesso da atividade em territórios parcamente povoados e economicamente carentes.

No *Dicionário de símbolos* de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant,

[...] o boi é um símbolo de bondade, de calma, de força pacífica, *de capacidade de trabalho e de sacrifício*, escreve Devoncoux a propósito do boi da visão de Ezequiel e do Apocalipse [...]. O boi e ainda mais o búfalo,

preciosos auxiliares do homem [...] [s]ervem de montaria aos sábios. [...] É um animal sagrado, oferecido em sacrifício, ligado a todos os ritos de lavoura e fecundação da terra. [...] [A]s lendas gaulesas testemunham a existência de bois primordiais. Os dois principais são os do Hu Gadarn, personagem mítico, que foi o primeiro a chegar à ilha da Bretanha, com a nação dos Cymry (galeses). Antes da chegada destes últimos, na ilha só havia ursos, lobos, castores e bois chifrudos. O Lebor Gabala (*Livro das Conquistas*), menciona também, embora sem outra indicação, bois místicos. O boi desempenharia nesse caso papel análogo ao do **herói civilizador**. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1997, p. 137-138, grifos dos autores).

No *Dicionário*, os autores buscam simbologias na África, na Grécia, na China, Índia, Vietnã. Predominam descrições que vinculam o boi à agricultura e lhe conferem um caráter dócil e afável. Além disso, há lendas galesas que colocam o boi como sendo o desbravador que alçou territórios inexplorados, abrindo espaço para a civilização e o progresso.

As leituras de mundo trazidas pelo *Dicionário de símbolos* expõem, no espaço de algumas linhas, concepções convergentes de partes diferentes do globo. Mesmo com o distanciamento geográfico e histórico entre as referências elencadas, os posicionamentos são assemelhados: o boi é bom, trabalhador, forte e nobre.

Cosmopolita, o boi parece se adaptar a vários climas e paisagens, deslocando-se pelo mundo, prestando auxílio ao homem, onde quer que seja necessário. De modo geral, é possível dizer que nossos ancestrais abdicaram do nomadismo e deram início aos primeiros assentamentos conforme desenvolveram a capacidade de domesticar animais e semear grãos. Desde aí o boi parece ter demonstrado ser o companheiro ideal.

Para Rosa, o boi se conforma ao ambiente. Sua natureza permanece a mesma, mas, fisicamente, ele se molda ao entorno. Conforme o autor, enquanto em climas mais agradáveis, convivem animais de raça, na aridez sertaneja só tem espaço o boi curraleiro, o pé-duro, sem raça definida:

Enquanto noutras áreas mais amenas, em clima e pastos, se agasalham raças cuidadas, hindus ou europeias, em toda a rugugem maninha do deserto se afez, quase como seu único possível habitador cornifronte, o *curraleiro* – gado antigo, penitente e pugnaz, a que também chamam de *pé-duro*.

[...]

[B]ois de raça conformada à selvagem semiaridez, o curraleiro beluíno e brasílico. (ROSA, 2009, p. 192-193).

Melhor dizendo, é o animal que carrega em seu genoma a mistura de diversas raças. Essa configuração heterogênea parece aprimorar a força, a capacidade de resistência e a tenacidade do boi.

O clima árido, o solo seco, a vegetação de galhos retorcidos, dão a tônica da paisagem sertaneja. Todos aqui, animais e plantas, resistem aos períodos de seca, desenvolvendo adaptações que lhes permitem lidar com a escassez de água. Dentre estes, temos o boi e o vaqueiro: a feras belicosas que irrompem destemidas, se pondo a serviço, vencendo ou contornando os obstáculos que a natureza apresentar. Para persistir num ambiente tórrido, o vaqueiro sertanejo, vestido de couro, desenvolveu modos de ler a terra, adivinhar o clima, valendo-se do que lhe contam o céu e os animais.

Conforme Sandra Gardini Teixeira Vasconcelos, no texto “Sertão e memória: as cadernetas de campo de João Guimarães Rosa”, presente no já mencionado *A Boiada*, desde Cordisburgo, sua terra natal, o escritor “conviveu intensamente, mesmo que durante largo tempo apenas no plano da memória, com o universo daquilo que ele mesmo referiu como pé-duro, chapéu-de-couro” (VASCONCELOS, 2011, p. 191). O conjunto da produção rosiana não se compõe, entretanto, apenas de reminiscências a que o autor foi reduzindo a termo para dar corpo a romances e contos. É lícito dizer que há uma comunhão entre memórias e vivências: em algum ponto, o autor sentiu a necessidade de experienciar o sertão. Para tanto, em 1952 acompanhou o grupo de vaqueiros comandados por Manuel Nardy, o Manuelzão, pelo sertão de Minas Gerais. Após traçar um percurso histórico do vaqueiro, pensando sua trajetória quando das primeiras povoações no território brasileiro, vamos apresentar esse personagem a partir das cores que Rosa conferiu a ele nos manuscritos e datiloscritos de *Boiada I* e *Boiada II*.

A comitiva conduziu uma boiada de Francisco Guimarães Moreira, primo do autor, entre os dias 19 e 28 de maio, da Fazenda da Sirga à fazenda São Francisco, num percurso que abrangeu quarenta léguas, ou 240 quilômetros, conforme mencionado por Sandra Gardini Teixeira Vasconcelos no texto aludido. Tal texto desvela também que, durante essa incursão, Rosa se travestiu de vaqueiro, dormiu, comeu e viajou como um deles, recusando o rótulo de doutor e preferindo a alcunha de “vaqueiro Rosa”. Despertando nas primeiras horas do dia, se alimentando de arroz, farinha, carne-seca e feijão, descansando em leito improvisado forrado com pelego, o escritor fez jus à denominação de vaqueiro. Colocou-se como um, intentando, a partir dessa posição, ver o mundo pelos olhos de um pastor, como se tivesse se submetido a um ritual para adentrar o mundo, se integrar ao cosmos do gado e dos boieiros. Do manuscrito do Rosa, lemos que a jornada teve as seguintes etapas:

- 19, segunda-feira – Sirga/Tolda
- 20, terça-feira – Tolda/Andrequicé
- 21, quarta-feira – Andrequicé/Santa Catarina
- 22, quinta-feira – Santa Catarina/Catatau (Vereda)
- 23, sexta-feira – Catatau/Riacho das Vacas
- 24, sábado – Riacho das Vacas/Meleiro
- 25, domingo – Meleiro/Etelvina (Barreiro do Mato)
- 26, segunda-feira – Etelvina/Juvenal (José Costa)
- 27, terça-feira – Juvenal/José Costa (Taboquinha)
- 28, quarta-feira – José Costa/São Francisco (ROSA, 2011, p. 20).

Conforme transcrito por Mônica Meyer, no texto “A natureza do sertão”, de *A Boiada*, da relação constante no caderno do vaqueiro e guieiro João Henriques Ribeiro, o Zito, compunham a comitiva, além deste, os vaqueiros Manoel Nardy, Sebastião Leite de Moraes, Raimundo Ferreira de Nascimento, Grigório Leite de Moraes, Raimundo Ferreira de Nascimento, Aquiles Luiz de Carvalho, Raimundo Santana e Sebastião Alves de Jesus, como nos atesta a Fotografia 2.

Foram dez dias de viagem na companhia desses homens, que atuaram como mestres para o discípulo Rosa. Durante a travessia, o autor manteve consigo caderneta de espiral, atada ao pescoço, e lápis, conversando com os vaqueiros e tomando nota, numa letra meio bagunçada, talvez por causa do trote da mula Balalaiaca, que lhe serviu de montaria, dos nomes de bichos e plantas, das conversas, versos, histórias, da cor da noite, da terra, dos sons, de suas impressões. Citando as palavras do guieiro Zito, “— O senhor esta assinando (tomando nota de) toda essa bobagem...”.

Fotografia 2: A comitiva



Fotografia de Eugênio Silva. Sebastião Leite, Gregório, Zito, Manuelzão, Guimarães Rosa, Bindoia, Santana, Criolo e Chico Moreira em frente ao curral da Fazenda São Francisco, em Araçá, em 1952. Disponível em *O Cruzeiro*, 1º.mai.1952. Mencionada por ALMEIDA, Ivana Ferrante Rebello e. Entremeio: poesia e cultura popular nos vaqueiros de Guimarães Rosa. *Revista Literatura, História e Memória*, Cascavel, v. 13, n. 22, p. 91-102, 2017.

Para Janaína Senna, na Nota Editorial da obra, as anotações “revelam o interesse do autor em cartografar aquele espaço, inventariando tudo que pudesse contribuir para sua compreensão da natureza local e da cultura sertaneja, em especial dos boiadeiros” (2011, p. 5).

Ao encarnar um vaqueiro, o escritor intenta assumir um espaço que lhe permita ver o sertão por dentro. Numa extensão de sentido, tal qual as reses, também Rosa está sendo guiado pelo cerrado pelos pastores da comitiva, iniciados, que vão descortinando o ambiente, apresentando plantas e bichos, revelando ao autor o verdadeiro nome das coisas.

Simplificadamente, sertão é o espaço que se opõe ao litoral. É terra insalubre e selvagem. Quando se dedica à viagem, Rosa quer, de volta às suas origens, entender melhor a terra e os fenômenos que nela se produzem, os processos biológicos, geológicos, sociais subjacentes à atuação das comunidades. Ao usar o termo origens, nos referimos ao sertão natal do cordisburguense, que, ao se fazer cosmopolita, cidadão do mundo, parece ter sentido aflorar o interesse e o amor pelo seu berço sertanejo, numa tentativa de estar em casa, entre as plantas e bichos de sua terra. A partir da compreensão rigorosa do sertão e do sertanejo, da relação entre os homens, os animais, o ambiente e os costumes, o escritor consegue dar vazão a uma poesia que emana daquela realidade que, sublimada e invisibilizada, distante dos centros canonizados como produtores de conhecimento, restava silenciada.

É possível dizer que nos livros de Rosa, o enredo parte de um contexto local, o sertão, e o universaliza a ponto de várias outras realidades reconhecerem-se no narrado. Atrevemo-nos a considerar que, a partir de paisagens, personagens e roteiros aparentemente sertanejos, o autor descortina o ser humano. Para Leyla Perrone-Moisés, na obra *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*, publicado em 1998, “a obra deve ter uma função de conhecimento e auto-conhecimento, que só pode ser exercida se ela disser respeito a todos os homens.” (PERRONE-MOISÉS, 1988, p. 170). Rosa desembrenha o sertão, não cuidando de tecer justificativas, apenas exprimindo o real, numa leitura que parte do cerne e desmistifica uma ascendência que teria raízes na barbárie e, nesse processo, amplia cenários e fatos, cujas significações não ficam circunscritas a um meio e grupo específico, dialogando com todos os homens.

Partindo dos fragmentos de que se compõe *A Boiada*, é possível vislumbrar o itinerário percorrido pelo escritor, no sertão e em sua literatura. Um percurso sinuoso que demonstra que a poesia já estava ali, no chão sertanejo, carecendo de alguém que lhe pertencesse para estar habilitado a lhe dar corpo.

Ao empreender a viagem, Rosa multiplica olhos e ouvidos, atento a tudo. Marca datas e horários, índices lógicos, como que para manter referências reais em meio ao ambiente onírico e mágico com qual se deparava. Como ao descrever o despertar em 28 de maio, “[à]s 6 horas da manhã. Claridade da madrugada. O sol ainda não saiu.” (ROSA, 2011, p. 15), e, em outra manhã: “Às 6 hs. Menos 5’. Já está claro.” (ROSA, 2011, p. 31). A partida de Paraopeba, em “12-V-52: Partida de auto, para Paraopeba.” (ROSA, 2011, p. 25), observações sobre a manada, no meio da manhã “10 hs. 10’ – Vários bois deitados em grupo.” (ROSA, 2011, p. 29). São muitas as alusões ao calendário e às horas, entrelaçando realidade e poesia, na observação da passagem do tempo, no ritmo da vida.

Acompanhando a comitiva, durante os dez dias da viagem, Rosa questionou, observou e escreveu. Com os sentidos aguçados, ouvidos e olhos atentos, tomou nota de cenas do cotidiano, cantigas, paisagens e histórias. As marcações de tempo são constantes. Servem ainda para dizer do progresso da viagem e também de como o sol se comporta em relação aos horários, se há bruma ou luz, evidenciando também os horários em que é preciso despertar, prosseguir e descansar. O relógio denota exatidão, mas se mostra dispensável, se levarmos em conta que o tempo também era mensurado e refletido por marcadores ambientais, como a posição do sol, o comportamento da passarada, os ciclos da vegetação. As ações dos vaqueiros tem espaço enquanto o sol ocupa o céu: as atividades são desenvolvidas em relação diretamente proporcional à claridade: o início da manhã marca o começo da lida, sendo a noite destinada ao descanso.

Na noite é que o vaqueiro, já liberado do serviço, se dedica ao lúdico, fazendo jogos de adivinha: “Perguntas: 1) Qual a diferença entre a galinha e a chita? (bota e desbota). (ROSA, 2011, p. 141).” Ou recitando versos:

“Fui à fonte das pedrinhas  
Pra fazer a minha queixa.  
As pedrinhas responderam:  
— Amor firme não se deixa.

Jacaré deu uma risada  
A capivara não gostou  
Tem um murundu na pá  
Todo bezerro brigador.”  
(ROSA, 2011, p. 141).

A sabedoria popular, marcadamente, tem lugar nesses momentos de ócio, em que os vaqueiros socializam entre si e se divertem com práticas e conhecimentos que foram compartilhados ao longo das eras, pela comunidade. Os membros da comitiva, antes de se entregarem ao sono, entoam versos e cantigas e conversam ao pé da fogueira. O ocaso abre espaço para o lazer e o repouso. Cantos, versos e jogos acalutam o momento de descanso dos boieiros.

Nos dois cadernos são frequentes a referência à fauna e à flora. São citadas lobeiras, pequis, cagaiteiras, pequizeiros, jatobá do campo, pau-terra, bate-caixa. “Uma barriguda: cheia de flores cor de rosa.” (ROSA, 2011, p. 26). Além das plantas do cerrado, Rosa menciona o quintal de uma moradora, dona Joaquina, em que há “pimenta, mamoeiros, mamão-macho, urucum (pero da ceca), quiabeiro, marmeleiro, ameixeira. Acelga, etc.” (ROSA, 2011, p. 26). O solo do cerrado, aparentemente pobre, engana quem não o conhece ou não o olha de perto, visto que nele viceja uma grande diversidade de plantas, cultivadas pela mão do homem ou brotadas espontaneamente do chão sertanejo.

A fotografia 3, a seguir, expõe aos olhos do leitor a aridez que se depreende da terra seca e se vê nas árvores baixas, torcidas, em contraste à altivez e à exuberância das palmeiras buritis.

Fotografia 3 - Os buritis



Fotografia da Expedição Caminhos de Rosa. Disponível em Enciclopédia Grande Sertão Rosa, em: <<http://grandesertaorosa.com/fotos/>>. Acesso em 15 nov. 2017.

A fauna do cerrado tem a pomba verdadeira, que, arisca, “[n]unca se deixa pousar ou ficar ao alcance do tiro da gente. Só tocaia.” (ROSA, 2011, p. 35); também o popularmente conhecido como fogo-apagou, além dos pássaros-pretos, “lúdicos, jograis.” (ROSA, 2011, p. 35). Há o pica-pau, com seu “vôo de arranco.” (ROSA, 2011, p. 34), e o “[c]uriango, [que] na entrada das águas, gosta de cantar: “— Amanhã eu vou!” (ROSA, 2011, p. 17). Rosa chama os pássaros pelo nome e anota aspectos de seu comportamento. As aves emprestam cores, canto e movimento ao ambiente rústico e árido.

Seja para a vegetação nativa, exposta na Figura 4, seja para as plantas cultivadas no quintal, Rosa abre olhos e ouvidos, esmiuçando detalhes. Com os animais, observamos comportamento análogo: aprende deles a designação, as cores, os hábitos. Nesse movimento, o autor deseja se tornar íntimo desses seres, estreitar os laços, chamá-los pelo primeiro nome. Inferindo que no espaço sertanejo todos os elementos que o formam estão unidos numa teia de relações, é o meio que dita o ritmo pelo qual homens e animais organizam suas existências. O sertanejo aprendeu a ler o solo, o céu e as plantas, a entender o canto dos pássaros, o mugido do gado, de modo que essas variáveis deixam de ser entorno e passam a fazer parte de sua própria substância.

Fotografia 4: O sertão



Fotografia da Expedição Caminhos de Rosa. Disponível em Enciclopédia Grande Sertão Rosa, em: < <http://grandesertaorosa.com/fotos/>>. Acesso em 15 nov. 2017.

As descrições, imagéticas, coloridas, odorantes, onomatopaicas, vão concretizando um mosaico: quando a claridade já cedia espaço para a noite, a noite “azul e preta”, “[p]assa uma verdadeira, voando alto... 6 hs. menos 20’. O jantar está quase pronto.” (ROSA, 2011, p. 181). Rosa anota a hora, sua cor, observa o proceder dos pássaros e marca o tempo também pelas atividades desenvolvidas pelos homens na comitiva: antes de escurecer completamente, o jantar é feito, enquanto, lá fora, as pombas procuram o pouso para passar a noite. As corujas assumem o protagonismo “[n]o lusco-fusco: — Krríi! Krríi — Kli, kli, kli, kli, klli! (É uma coruja batuqueira. E Os bois mugem).” (ROSA, 2011, p. 12).

De manhã, é uma outra paleta e são outros os sons: “[o]ntem à noite: duas ou três corujas, se raspando da estrada. Hoje, madrugada: curiango.” (ROSA, 2011, p. 31). Aqui fica bem marcado que a passagem do tempo condiciona os seres que vão ocupar o espaço. Às 6 hs. menos 5’. Já está claro. Os cantores matinais são o canarinho madrugador, o papa-capim, o pássaro-preto, o gavião pinhé. “SAÍDA: 8 hs. Muitos pássaros na beira do riacho (na árvore). Três anús brancos, arrupiados, quentando sol, nos ramos da bolsa-de-pastor.” (ROSA, 2011, p. 144). Em outra anotação, fica evidente ao leitor como o perfil de pesquisador de Guimarães Rosa não se desvincula de seu ímpeto de criação poética:

“Romper da aurora”. Perto de nós, o grosso, enorme rôlo reto, de bruma branca (“fumaça”) desce da bocaina pela baixada. Sobre ele o outeiro, que marca o nascente. Grandes nuvens alaranjadas, que, a certa hora, se mudam em azuis – mas sobre elas o céu se toma de difusos laivos cor de rosa, extensos. São agora riscos grossos, imensos, irradiados = aumento dos raios de sol. Aumenta a claridade. (ROSA, 2011, p. 15-16).

Cada hora do dia tem sua cor característica, numa gradação que vai dos tons mais claros e brilhantes, enquanto o sol caminha no céu, para o negrume da noite, quando se põe. Os sons também marcam a passagem do tempo, pois os pássaros se comportam em função da hora, havendo os que cantam durante o dia e aqueles que ditam a sinfonia noturna.

Além de visão e audição, Rosa também aguça o olfato: ladeado pela observação, manuscrita em azul, “cheiros no cerrado”, registra Rosa: “Mata-barata: fruta (moitazinha) no “alegre”. Está de-vez. Cheira muito. Em junho, quando maduro sente-se seu cheiro, de longe. (É um cheiro entre o de grão-de-galo e o do pequi).” (ROSA, 2011, p. 145).

CHEIROS:

Bate-caixa (flor)

Laranjeira-do-campo –

Caigaiteira (flor) –

Pequi (flor) – fede (ROSA, 2011, p. 145).

É preciso sentir os odores do cerrado, os tons e sons, na tentativa de apreender o conjunto. Nada no ambiente é dispensável: tudo precisa ser considerado, visto, anotado.

Acima, só algumas citações para as quais há registros semelhantes ao longo do livro todo. Optamos pela transcrição de vários trechos, porque se escolheu privilegiar a instância primeira da anotação, para dar ideia do complexo de emoções, ideias e inventividade poética que, mesmo nos registros catalográficos, estão presentes. O vaqueiro e o boi não saíram de foco, apenas cederam espaço para outros componentes do meio, que também são importantes para a compreensão da alma do boiadeiro e do boi, participando de sua composição. A parecença entre os trechos, no entanto, reside no exercício descritivo, não nos seres, visto que é nítido o cuidado do autor em descrever, em minúcias, cada habitante do cenário, bicho ou vegetal, cheiro e voz, bem como as cores observadas no céu, que parece amanhecer e anoitecer, a cada dia, numa tonalidade diferente. O verde do canavial, o negro-azul da noite, o rosa-alaranjado do amanhecer, o cheiro das plantas, o canto dos pássaros, além de figurarem como registro documental, uma vez que são excertos de um diário, carregam em si uma dimensão outra, pois, a experiência sensorial que evocam é estética, pura poesia. Esse exercício de anotar é uma forma que Rosa encontrou para apreender e carregar em si tudo aquilo quanto via e ouvia.

As anotações permitem uma experiência sinestésica em que todos os sentidos são aguçados. O ambiente e os seres que o compõem têm cheiro, cor, sabor e textura. A iluminação natural tem tons, concebendo uma aquarela. É preciso mobilizar visão, tato, olfato, paladar para se perceber o mundo natural em sua inteireza, multiplicando sensações que permitirão experimentar, plenamente, o sertão.

O caminho da comitiva na terra replica o caminho do astro-rei, no céu. O sol também parece ordenar o mundo natural: os pássaros, por exemplo, apresentam-se conforme o horário, havendo as espécies diurnas, como os anús, as pombas verdadeiras, os canários; e noturnas, como as corujas. A coruja que pia no lusco-fusco do alvorecer está se despedindo da noite e os bois; aparentemente mugem para saldar a manhã que começa.

A leitura dos animais e da vegetação permite ainda demarcar as estações climáticas:

Bonito é na seca: quando tudo está crestado, seco, e só o canavial se destaca – verdinho, flagrante, uma faixa, um lençol verde, verdinho. Tudo seco. Desolação. A cor parda domina. Seca tudo. As folhas das árvores sujas, feias. O castanho (marrom) domina. Toda a faixa de arbustos das margens da estrada estão vermelhas, sujas, empastadas de poeira vermelha. (Ao lado: pedra azul, calcárea, com gameleiras). Poeira, cheiro de pó. Sente-se o gosto de terra. (ROSA, 2011, p. 25-26).

Durante os meses de estio, impera o tom pardacento e amarelado. A vegetação está seca, tudo coberto de pó, com gosto de terra. O marrom, o pardo e o vermelho predominam, mas aparece o azul da pedra e, mais destacadamente, o verde do canavial, que desafia a secura que o envolve.

“Quase nenhum pássaro canta agora, na seca.” (ROSA, 2011, p. 174). Rosa recebe a informação e anota que perdizes e codornizes aparecem entre agosto e outubro, quando o tempo ameaça chuva. Registra também outros sinais que marcam a estação das águas:

Sinais de chuva:

- i) Quando o tesoureiro (pássaro) aparece, é que está vesperando chuva.
- ii) Quando o sabiazinho (pardo) pequeno, menor que um João-de-Barro canta muito. (É pássaro da beira do córrego).
- iii) Os sapos. (ROSA, 2011, p. 151).

A poeira do solo, que avermelha os arbustos, a cor amarelada da vegetação indicam a estação seca, do sol quente, pó solto, escassez de água. O tempo das águas, anunciado pelo canto dos pássaros, é a estação do verde e da fartura. São as plantas e animais que marcam as estações no calendário da natureza e o vaqueiro, ao longo do tempo, aprendeu

a observar os padrões, a ler o céu, a interpretar e a resignificar esses índices, por meio dos quais orienta seu estar no mundo. Mais do que isso: a interação entre todos esses agentes os une num só conjunto.

Vasconcelos, em texto já mencionado, transcreve uma fala de João Guimarães Rosa ao amigo Pedro Bloch<sup>3</sup>:

Você conhece meus cadernos. Quando saio montado num cavalo, pela minha Minas Gerais, vou tomando nota das coisas. O caderno fica impregnado de sangue de boi, suor de cavalo, folha machucada. Cada pássaro que voa, cada espécie, tem um voo diferente. Quero descobrir o que caracteriza o voo de cada pássaro, a cada momento. Eu não escrevo difícil. EU SEI O NOME DAS COISAS. (ROSA, 2011, p. 191).

As cadernetas funcionam como uma extensão da memória do autor. É preciso sentir primeiro, extrair o sumo, tingir o papel de seiva e sangue, para depois anotar, reduzir a termo, para ser possível compreender e expressar. A consciência de Rosa, ao salientar que sua escrita não era difícil, talvez revele que a inteligibilidade de sua produção deve levar em conta, além da competência cognitiva, também um mergulhar no universo sertanejo, de modo a se vislumbrar significados. Nesse ponto, a coruja mencionada em uma das citações acima, aparece bem oportunamente, se considerarmos sua faceta simbólica na Mitologia Grega, que a coloca como companhia de Atena, para quem revelava segredos. Para Rosa, a coruja, metonímia para o sertão, também pode ter prestado esse serviço.

Os cadernos dão relevo à vida do vaqueiro com o boi, esboçando os contornos da vida desses homens do sertão. “Há um [i]nteresse especial pela cultura sertaneja e, no interior dela, o gosto indisfarçado por bois e vaqueiros, manifestado nos registros e anotações de suas andanças.” (VASCONCELOS, 2011, p. 191). Para se aproximar da cultura material do sertanejo, Rosa observa e captura as práticas e falas de tropeiros e boeiros, das populações da “roça”, que parecem sintetizar o sentimento de pertença à pátria sertaneja. São essas comunidades e essas terras, descendentes dos primeiros currais que na região foram postos, que carregam a essência do sertão.

Nos versos, nas histórias, nas rezas e nos provérbios registrados por Rosa há laivos de cultura popular, oralmente transmitida de uma geração a outra, num processo que atravessou os séculos. A sabedoria dos vaqueiros é revelada nos registros feitos pelo autor, que denotam o quanto essa gente entende do meio que habita, e consegue refletir, a partir de

---

<sup>3</sup> Depoimento a Pedro Bloch. Paulo Rónai. João Guimarães Rosa, uma unanimidade. (Depoimentos de amigos). In: ROSA, João Guimarães. *Rosiana* – uma coletânea de conceitos, máximas e brocardos de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Salamandra/MPM Propaganda, 1983, p. 91-92.

sua existência, questões universais. O vaqueiro aprendeu a ler e a interagir com o ambiente, estruturando saberes que subsidiam seu estar no mundo. Rosa, ao se travestir de vaqueiro, viajar com eles, dividir o eito e o pão, intenta comungar dessa visão.

Além de retratar, em minudências, solo, plantas e animais, Rosa também descreve dizeres e práticas que denotam a erudição popular do vaqueiro sertanejo. Conforme Vasconcelos,

[o] povo em Guimarães Rosa canta, diz versos, conta histórias, dança, reza, expressa suas superstições e crenças, repete provérbios. Sua cultura é uma fala através da qual se revela seu modo de vida. O popular flui, nasce do texto, da boca dos homens, mulheres e crianças do sertão; é fruto de sua experiência e parte de suas vidas e cotidiano. (ROSA, 2011, p. 195).

Por meio das situações vivenciadas durante a viagem, Rosa inventaria o perfil do homem do sertão. As conversas, casos, máximas e cantigas anotadas evidenciam o modo como o homem se incorpora ao meio. O escritor se preocupa não só em transcrever o que ouve, mas também em reproduzir a dicção do vaqueiro. Não é um processo de tradução, nem de correção. Há um respeito pela variedade do falante e o seu modo de falar, que confere ao narrado, além de verossimilhança, uma cadência que também é fator de aproximação com o universo sertanejo.

Assumindo o isolamento de que o sertão foi objeto, já mencionado em parágrafos anteriores, durante décadas, sem a implementação de políticas públicas que o assistissem, coube ao homem sertanejo, sintetizado no vaqueiro, a elaboração de um modo autônomo e particular de conceber o mundo, partilhando saberes de uma geração a outra. Fruto da observação e da experiência acumuladas ao longo de séculos, o vaqueiro se instrumentalizou para perceber, no ambiente, as ferramentas disponíveis para garantir sua sobrevivência. Ao ler o meio, manejar recursos e transmitir essa sabedoria para a descendência, o vaqueiro garantiu a permanência dos grupos humanos no sertão, agressivo e hostil, em que se perpetuaram atividades, sobretudo as vinculadas à lida com o gado, que remontam ao período da colonização do país.

O excerto que evidencia que, mesmo no momento da anotação esparsa, Rosa agrupa o que vê numa lista que forma um todo sensorial, quase em forma de versos:

Manuelzão e Bindóia enxugando os baixeiros ao fogo (os baixeiros foram lavados e não enxugaram a tempo).  
Um vagalume.  
Fogueira grande, iluminando muito.

(Finado Lesbão - um que morava aqui no sítio... Começavam a tiração do leite à 1 hora da madrugada, para as vacas, às 7 horas pastarem ainda o capim molhado do orvalho...)  
 (Dava outra corra nas vacas)  
 (“— Dava grito no cerrado”)  
 (“— Naquele tempo, não se podia coçar pulga, não!”) (ROSA, 2011, p. 162).

Os vaqueiros dormem em catres, lonas, pelegos. Ao se pôr em marcha, acompanham no galope firme do cavalo o passo mole da rês. Os utensílios da cozinha são trazidos na cangalha, formada com taquaras transversais costuradas. Há uma capanga de couro para carregar o querosene e o azeite. É uma arrumação arcaica que, provavelmente, retoma hábitos antigos. À noite, a iluminação e o calor vêm da fogueira e há vagalumes.

Na comitiva, são vários os afazeres, quase não há tempo para descanso. A referência ao finado Lesbão, que começava a tirar o leite de madrugada, para que as vacas pudessem pastar cedinho, com o capim ainda molhado pelo orvalho, é arrematada pela máxima de que não havia nem tempo para coçar pulga, tantas eram as tarefas a cumprir. Observar o comportamento do gado também faz parte do trabalho e a identificação de padrões possibilita construir conhecimentos que ditam, por exemplo, que a vaca, quando pare no curral, não lambe o bezerro que se suja de estrume e, assim, não lhe cria afeto; ou que, diferentemente do cavalo, o boi não gosta de água fria, nem de beber de manhã.

O escritor capta o vigor do gado e do seu cuidador. Expõe a simplicidade da vida do vaqueiro, que, no cotidiano, conta com poucos recursos e os utiliza de modo sábio. É preciso cuidar dos utensílios, ajeitá-los para o transporte. Não há excessos. Nessa existência asceta, boi e pastor carecem apenas que sejam satisfeitas suas necessidades básicas. Nesse ponto, inferimos o gado *vacum* e o boieiro como irmanados, unidos por um sentimento até mesmo afetuoso. Acompanhar o boi, de modo a perceber suas preferências, denota zelo e cuidado. É preciso observar se o capim e a água estão do agrado, cuidar para que a vaca não enjeite o bezerro, atentar-se para a marcha, assegurar que a rês esteja bem.

É oportuna aqui uma reflexão que Rosa faz no já referido “Pé-duro, chapéu-de-couro”, num ponto em que o texto questiona se o gado pega amor. O boi e o homem criaram estima um pelo outro. Para o escritor mineiro, o gado pega amizade. Há, “não raro, os que conseguem o assomo de um contágio de alma, o senso contínuo de um sentimento. Os que, no centro de sua fúria, no fervor da luta, se acalmam e acodem à voz do amigo que os trata.” (ROSA, 2009, p. 197).

Os homens, por seu lado, “estão sempre tirando do pau do peito um desvelo, que nem que feminino, chegado a maternal, em todo passo de bom cuidado, ou lance de socorro”

(ROSA, 2009, p. 197); como se rompantes sentimentais fossem exclusividade das mulheres, cabendo aos homens o rigor, a objetividade. No trato com o gado, no entanto, os homens cedem e do coração duro retiram ternura e cuidado. Os dois seres vinculados estão, unidos pelo ofício e pelo afeto. Chegam a partilhar uma linguagem, o aboio, cujos sons emitidos pelo vaqueiro “falam ao bovino como interjeição direta [...] para que a própria voz se faça coisa íntima e estremecente” (ROSA, 2009, p. 179). O canto sem palavras, grave, que chama e conduz o gado. Ao som do aboio, o boi, “contramuge” em resposta. As duas espécies, então, biologicamente tão diversas, mas de existências tão próximas, também pela linguagem, criaram meios de estabelecer entendimento.

O sertanejo procura fazer uso do que o meio lhe oferece, como lemos nos dois fragmentos: “Aqui, acham que a carne do gambá é medicinal, boa para sífilis, para o sangue.” (ROSA, 2011, p. 175). O capim pubo, que nasce na beira das vargens, é bom para preencher colchão e fazer suador de sela. O fato de o sertanejo produzir, artesanalmente, vários dos utensílios de que faz uso, cotidianamente, como o colchão preenchido com capim, talvez tenha surgido da necessidade de se adaptar ao ambiente, tendo em vista o quão árdua seria uma jornada em busca dos bens industrializados.

Analogamente, o uso medicinal que o sertanejo aprendeu a fazer dos recursos oferecidos pelo ambiente talvez tenha nascido da necessidade de improvisar, tendo em vista as grandes distâncias, o árduo trajeto ou até mesmo os custos financeiros que envolveriam o deslocamento para um centro de saúde convencional. Podemos supor ser conhecimento repassado de um para outro, obtido por meio de exercícios de experimentação e, possivelmente, até copiados ou derivados de práticas dos índios, primeiros habitantes do território, que se mostraram eficientes para dada enfermidade. Uma medicina popular, calcada em saberes transmitidos de uma geração a outra, envolvendo o uso de ervas nativas, oferecidas gratuitamente pela natureza, utilizada para paliar ou curar males.

Numa comunidade não plenamente alcançada pela educação formal, em que muitos restavam analfabetos, como o Bindóia da comitiva, fato mencionado por Mônica Meyer, no texto já citado, é possível discutir acerca do comportamento mnemônico do grupo, que, aliás, foi estimulado por Rosa, que obteve seus registros a partir do relato oral dos vaqueiros. O trecho “Constantino, ao Miguel, que contou ao Zito” (ROSA, 2011, p. 170), é uma amostra que ilustra, no grupo, o ato primordial do narrar. A fala possibilita externar o recordado, revelando-o para o outro. Considerando essa comunidade sertaneja como essencialmente oral, os vaqueiros atuam como guardiões da memória do grupo, amalgamando o passado individual e o coletivo, atualizando e transmitindo saberes. Representante de uma

sociedade letrada, ao passar esses registros para o papel, Rosa dá publicidade e durabilidade aos feitos da comunidade.

No caso de a medicina alternativa falhar, há sempre que se recorrer ao místico, através de promessas, que deverão ser pagas pelos doentes, quando sarar, ou “[o]rações (invocações, jaculatórias) nas portas, em papeizinhos, a São Geraldo, Maria Concebida, etc.” (ROSA, 2011, p. 133), conforme lemos nas anotações do escritor. As orações nas portas, observadas por Rosa, dirigidas a santos católicos, talvez signifiquem a herança do colonizador, que ainda perdura no sertão.

Os provérbios, máximas e quadras, nessa mesma linha, também são indícios de uma cultura popular que teria sido repercutida, oralmente: “— Vem às missas perdidas... = Vem devagar”. (ROSA, 2011, p. 175). Guimarães Rosa reproduz a sabedoria de um povo, seu folclore, marcas importantes para se apreender sua constituição. De modo geral, os versos e frases possuem um tom descontraído, denotando um povo alegre, que, muitas vezes, parece ter como substrato de sua sabedoria uma visão bem-humorada da vida.

Acontece de o autor, nas bordas das folhas ou no correr do texto de *A Boiada*, referenciar a citação. No mais das vezes, no entanto, não é possível identificar o dono do enunciado, se de Rosa ou de algum dos outros vaqueiros. Essa dúvida denota a fusão do vaqueiro e do homem letrado. Seja literal, seja na poesia, seja com a anotação ou sensação, nos registros das cadernetas de Rosa percebemos o mundo pelo olhar de um sertanejo intelectual, considerando que o que o autor vivencia vem filtrado por suas próprias experiências de vida.

Para Schlesinger, a pecuária foi responsável por “estabelecer economicamente a ocupação de vastíssimas regiões do país” (SCHLESINGER, 2010, p. 7). Os núcleos populacionais consolidados garantiram também o desenvolvimento de outras atividades, como o cultivo do café. Retomamos a citação de “Pé-duro, chapéu-de-couro”, em que Rosa coloca o vaqueiro como um “bandeirante permanente” (ROSA, 2009, p. 192). De fato, o pastor encarnou o papel outrora exercido pelo bandeirante, configurando-se no meio para conquista do sertão.

No correr dos séculos, ainda segundo Schelesinger, a lida com o gado não sofreu alterações significativas em suas características principais. No sertão, ainda predomina a criação extensiva e as funções do boiadeiro permanecem praticamente inalteradas.

Os textos voltados para a perspectiva histórica de desenvolvimento da pecuária, as notas e impressões de Rosa em *A Boiada* integram-se, compondo um mosaico em que as tesselas, documentais ou literárias, oferecem um panorama do sertão, do boi e do sertanejo.

Considerando o ostracismo a que foi condenada a região, após o decaimento da atividade mineradora, a escrita de Rosa, magistralmente, “desembrenha” e “mobiliza” os vaqueiros, em “sua selvagem grandeza, com a sua virginal inocência” (ROSA, 2006, p. 191).

Às referências elencadas neste capítulo, que tratam do modo de ocupação do sertão, do estabelecimento das primeiras fazendas, da vida do vaqueiro, da presença do gado, se acrescentam as perspectivas de Rosa, que lê esse mesmo real, poeticamente, falando com curiosidade científica, mas sem o distanciamento a que uma abordagem puramente racional e sistematizada conduziria, mas com envolvimento sentimental, escrevendo sobre o sujeito e o território a partir do que recorda, aqui na perspectiva romana, que considerava o coração como o guardião da memória.

## 2. CAPÍTULO II - VAQUEIROS DE ROSA

Eu queria que o mundo fosse habitado apenas por vaqueiros. Então tudo andaria melhor.

Guimarães Rosa

Na coletânea de cadernetas de João Guimarães Rosa, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, IEB/USP, a caderneta de nº 27 possui um diferencial. Intitulada de “Descrição dos vaqueiros dos Jeraes” (*sic*), composta por 15 páginas, é a única que não contém registros pessoais do autor (JGR – CADERNO 27). Esse caderno foi escrito por Zito (João Henriques Ribeiro), que também estava na comitiva de 1952 e, em suas folhas, traz quadras e poemas de autoria do vaqueiro.

Ao preservar esses registros, o autor mineiro demonstra interesse por esses escritos em linguagem popular e materializa a deferência pelo boieiro sertanejo, pelo ambiente que participa de sua conformação e pela cultura que o molda. Esse gesto contemplativo e respeitoso toma corpo na ficção rosiana, em que se multiplicam vaqueiros, descritos em meio ao sertão e ao gado, profundamente marcados pelo ofício que exercem, pelos costumes de sua comunidade, e por uma concepção de mundo que, partindo de enredos aparentemente locais, pensa questões universais.

Pretendemos discutir a presença do vaqueiro, em Guimarães Rosa, a partir de uma amostra que inclui os textos “Entremeio com o vaqueiro Mariano”, que compõe o livro *Estas Estórias* (ROSA, 2013, p. 113); “Uma estória de amor” de *Manuelzão e Miguilim de Corpo de Baile* (ROSA, 2001, p. 83); “Cara-de-Bronze” (ROSA, 2001, p. 66) e “A estória de Lélío e Lina” (ROSA, 2001, p. 105), do volume *No Urubuquaquá, no Pinhém, de Corpo de Baile*; além de “Pé-duro, chapéu de couro”, que faz parte de *Ave, palavra* (ROSA, 2009, p. 174). Nesses textos, o vaqueiro é tomado como personagem.

## 2.1 Os vaqueiros nas letras de Rosa

Na produção rosiana, são recorrentes as figuras do vaqueiro e do boi, em cenários sertanejos historicamente formados em torno da pecuária, como a porção norte de Minas Gerais e regiões dos estados de Goiás, Bahia e Mato Grosso. Como discutido no capítulo anterior, foram as grandes marchas de pastores e de gado que delinearão vastas porções do território do interior do país, lançando sementes para a ocupação de terras áridas, desembrenhando territórios hostis, em que, aparentemente, só a fauna e flora nativa poderiam prosperar.

Poeticamente, Rosa referencia e reverencia o vaqueiro e o boi, desnudando frações da existência desses seres irmanados, que se vestem de couro. Seu exercício, em linhas gerais, consiste em alinhar as histórias de sua terra, suas experiências de viagem e os relatos de que tomou ciência, de modo a compor o panorama sertanejo. O viés não é

documental, nem científico: é literário. O vaqueiro assoma como detentor de sua própria história e cultura. Não se trata de uma figura exótica que deva ser analisada, mas sim de um personagem cuja sabedoria precisa ser ouvida e registrada, já que de sua lida, do trato com os animais e a natureza, parecem emanar reflexões acerca do lugar do homem no mundo. Não são narrativas que tratam de subjugar o ambiente selvagem, usando o rebanho e o meio como ferramentas, são, antes, textos em que é subjacente o reconhecimento e o respeito a uma teia de relações que vinculam existências.

No texto “Entremeio com o vaqueiro Mariano” há a conversa de um narrador com o boieiro José Mariano da Silva, numa noite de julho, à luz de um lampião, na cozinha da Fazenda Firme, em Nhecolândia, Pantanal do Mato Grosso. A narrativa contém as impressões de João Guimarães Rosa sobre sua viagem pelo Pantanal, em 1947. Originalmente, o texto foi publicado no *Correio da Manhã*. Em 1952, foi lançado em livro com mesmo título e, em 1969, reunido a *Estas estórias*.

Para Ivana Ferrante Rebello, em texto já mencionado, o termo “entremeio”, no título, aponta para o espaço que se encontra entre dois extremos: de um lado, um pesquisador, do outro, um vaqueiro. Cabe a palavra a Mariano, que produz um relato oral no qual entrelaça suas experiências e o viver de sua comunidade. O narrador, ouvinte, registra o modo de narrar. Toca ao pesquisador, homem das letras, a função de anotar e refletir sobre a narrativa, permeando-a com seus próprios saberes. O que há é uma troca de conhecimentos, como se pode notar no fragmento que se segue:

Te aprendo ao fácil, Zé Mariano, maior vaqueiro, sob vez de contador. A verdadeira parte, por quanto tenhas, das tuas passagens, por nenhum modo poderás transmitir-me. O que a laranjeira não ensina ao limoeiro e que um boi não consegue dizer a outro boi. *Ipsa* o que acende melhor teus olhos, que dá trunfo à tua voz e tento às tuas mãos. Também as estórias não se desprendem apenas do narrador, sim o performam; narrar é resistir (ROSA, 2013, p. 121).

Mariano é o contador. O estudioso que se põe a escrever os relatos é sóbrio em afirmar que a escrita não dá conta de transmitir a experiência vivida, em sua totalidade. Ao contar sua história, Mariano se transporta para o momento em que os fatos aconteceram, ou, pelo menos, é o que nos faz crer o jogo de Rosa, que dá aos fatos um caráter verossímil, palpável. Revendo as cenas e revivendo os sentimentos, o vaqueiro redimensiona-os a partir do espaço que ocupa agora, considerando o tempo transcorrido entre o acontecido e o momento da fala. O comportamento narrativo de Mariano o compõe e dá vazão à identidade

de seu grupo. Nas três palavras que encerram a citação podemos depreender um aforismo, que enuncia um pensamento em que o autor, filosoficamente, reflete, com expressividade e concisão, sobre uma das dimensões do ato narrativo: Narrar é resistir, porque é pela narrativa que os saberes são corporificados em práticas e perpetuados.

No primeiro parágrafo, o narrador descreve Mariano: “encontrei um vaqueiro que reunia em si, em qualidade e cor, quase tudo o que a literatura empresta esparso aos vaqueiros principais. Típico, e não um herói, nenhum.” (ROSA, 2013, p. 115). O escritor mineiro, em sua literatura, edifica seu vaqueiro, articulando memória, cultura e literatura, construindo uma figura que, no início do texto, o narrador já adianta se tratar de um homem de carne e osso. Trata-se de uma realidade que se faz na contingência do que está construído nas imagens literárias e também no projeto de escrita do autor. No decorrer da narrativa, as façanhas são heroicas, mas é preciso ter-se em mente que foram levadas a cabo por homens cujo ofício os fez sábios, firmes, seguros e bons, como se verifica no fragmento:

Era tão de carne-e-osso que nele não se poderia empessoar-se o cediço e fácil da pequena lenda. Apenas um profissional esportista: um técnico, amoroso de sua oficina. Mas denso, presente, almado, bom-condutor de sentimentos, crepitante de calor humano, governador de si mesmo; e inteligente. (ROSA, 2013, p. 115).

Mariano é um homem comum, “rosto de feitura franca, muito moreno, fino” (ROSA, 2013, p. 115). Um homem de ação que, solicitado, pôs-se em tarefa meditativa para compor um relato que dê conta de apresentar sua substância, profundamente integrada à sua prática cotidiana.

O espaço no qual transcorre o diálogo, uma cozinha, durante uma noite de inverno, pinta uma atmosfera onírica, propícia a relatos fantasiosos, sobre lendas e mitos. É o cenário no qual se pensa idealmente uma situação de transmissão oral de saberes, visto que há o detentor do conhecimento, o sábio, e uma plateia ávida por absorvê-lo num momento em que todos, já livres das tarefas diárias, podem se dedicar à contemplação e à meditação. Nesse sentido, a ressalva do narrador, ao frisar a materialidade de Mariano, faz desvanecer qualquer interpretação que o julgasse etéreo ou intangível, mesmo que seus feitos pareçam superiores à tenacidade humana. Fundamental estabelecer também que o vaqueiro é homem de ação: é sua lida, sua prática que parecem aprimorar suas melhores qualidades. É por ser vaqueiro, pelas renúncias, esforços e prazeres que seu ofício exige que Mariano parece aperfeiçoar-se como ser humano.

Conforme o texto, o contador “em tempo nenhum se gabava, nem punha acento de engrandecer-se” (ROSA, 2013, p. 119). Mariano simplesmente narrava. Não há a pretensão

de transformar os excertos em grandes feitos, de grandes homens; há sim a necessidade de expor situações limite, em que “a morte às vezes tem é ódio da gente” (ROSA, 2013, p. 119) e às quais a carne e a razão só não cederam porque o espírito ainda achou “fé p’ra um arranco mais” (ROSA, 2013, p. 126). A natureza humana de Mariano aparece, nítida, nos momentos em que revela ter sentido medo ante a iminência da morte:

Quando meio-enxerguei um vulto, ouvi o rosnado, em vez de empurrar p’ra diante a porteira segurei foi um touro enorme, que vinha saindo... Me abracei com ele, u’a mão no pescoço, a outra num chifre. [...] A força *daquilo*, relando o corpo de um, era coisa monstra demais – no peso, no ronco, na mexida, até no cheiro... [...] Se for firmar o sério nisso, ringe aflição, coração embrulha. (ROSA, 2013, p. 119).

O relato de Mariano, acerca de seu embate com esse boi bravio, traz à memória do leitor a Mitologia Grega e os Doze Trabalhos de Hércules, herói grego que, como uma das tarefas, precisou vencer o furioso touro de Creta. Enquanto o semideus grego, além de ascendência divina e força descomunal, dispunha também da ajuda de seres dotados de poderes sobrenaturais, Mariano só pode contar com seus próprios recursos. Tal qual o herói grego, o vaqueiro saiu vitorioso. A façanha, no entanto, destaca sua coragem e vulnerabilidade: o vaqueiro, exigido pelo seu labor, parece sobrelevar as qualidades que sua condição de ser humano lhe confere, mas é um homem, em toda sua fragilidade e insegurança.

No episódio em que a comitiva, acompanhada pelo vaqueiro, atravessou um rio com piranhas, conta Mariano:

— Medo? Se tive. A gente tem dó do corpo. Dei ânsia por me levantar daquela traição de água, morrendo p’ra me avoar, que como pássaro... Estragou p’ra mim, que fiquei esperando em todas as minhas partes a dor delas me comendo...  
[...]  
— Quand’isso, me esfriei de todo, e fiz contrição urgente, me resolvendo p’ra Deus (ROSA, 2013, p. 120-121).

Mariano não esconde sua aflição, nem o desejo de fugir da situação. As piranhas o apavoram e a dor e a morte parecem à espreita. Quer voar, quer escapar, temeroso de ser devorado, chega a sentir a dor das mordidas. Volta-se para Deus, pois, temendo não conseguir salvar o corpo, deseja garantir a redenção do espírito. Não havendo como fugir, segue o fluxo, até se pôr a salvo, na margem, junto com os outros vaqueiros e com as reses que

sobreviveram. Sentimentos análogos são experimentados pelo vaqueiro, quando conta do fogo que encurralou a boiada que guiava:

—...Meu coração minguou, no pensar que acontecesse d'o gado estourar p'r'a minha banda, podendo até derrubar meu cavalo e matar nós dois.

[...]

—...Sem querer, me deu um nervoso, achei que o gado estava me empurrando de maldade, p'ra o fogo. Me veio a ideia: se eu caísse, se o cavalo frouxasse... Larguei meu lugar e galopei p'ra junto com os *cabeceiras*, e lá eu fiquei dessarrepido, porque vi outros, que deviam de estar por atrás de mim, e já tinham vindo antes cá p'ra frente.

[...]

Mexi vergonha de querer fechar os ouvidos e os olhos, p'ra não receber aviso dos outros, de que não adiantava mais, que estava tudo cercado... (ROSA, 2013, p. 120-121).

Novamente, em uma situação extrema, vem à tona o terror e o receio da morte, um declinar da racionalidade e o desejo de evadir. Mariano é um homem. Quando sua sobrevivência está em risco, não o constrange o medo e o nervosismo. Não é pois como herói, como sobre-humano, que o vaqueiro se coloca, mas, sim, como homem, com todas as suas fraquezas e nuances. Não é uma força sobrenatural que guia suas ações, mas sim o instinto primordial de subsistir. Trabalho de junia

No entanto, mesmo em meio aos perigos, persiste no vaqueiro um sentimento de solidariedade para com os animais que guia. Voltando ao episódio das piranhas que devoravam um dos bois, Mariano pontua: “tonteei na água. Mas não podia apartar vista do triste do bicho.” (ROSA, 2013, p. 121). Na cena do incêndio, um dos bois se desgarra:

“Hor’essa eu vi um boi se apartar dos outros, deitar no capim e se amoitar. Era um boi preto, coitado, que tinha perdido sua fiança no duro da precisão. Ficou. Nós fomos...

[...]

—... Mas uma coisa eu guardei, por última, porque a gente gosta. Se alembra do boi que eu disse, do boi preto, coitado, que deitou-na-cama no charravasco, sem querer vir, e nós largamos?

—...Pois eu não tinha podido me esquecer e estava pensando nele, quando chegamos no salvo. [...] E, então, a gente estava acendendo o contrafogo em volta da *baía*, quando: que é que evém lá? Era ele, chê! [...] Chegou num galopinho, trotando ligeiro, feito um cachorro. Mancava dum quarto de trás, e tinha sapecado o rabo. [...] A gente deu viva! (ROSA, 2013, p. 125-126).

Nos episódios mencionados, além da apreensão e incerteza diante do perigo, toma vulto também a preocupação fraterna com o bem-estar dos animais. Desse modo, o risco faz se destacar aquilo que o vaqueiro tem de mais humano, tanto em relação ao instinto de auto sobrevivência, quanto ao desejo de que todos em torno estejam bem. Se no episódio do rio, a

alegria de ter alcançado a margem não parece plena, tendo em vista que um dos bois foi sacrificado, no caso do incêndio, a satisfação é completa por se ter podido concluir a narrativa com um desfecho feliz para o boi que havia ficado para trás, entregue à morte certa.

O colóquio entre Mariano e o “entrevistador” tem espaço na copa, numa noite. O interlocutor do vaqueiro pontua que “tinha precisão de aprender mais, sobre a alma dos bois”. (ROSA, 2013, p. 115): sobre o espírito do gado e do vaqueiro, sobre o meio no qual existiam, sobre as relações estabelecidas com o entorno, com que ruminavam a filosofia do seu existir. Como esse, instigava Mariano a narrar. O boiadeiro, guardião de um arquivo de memórias, expõe suas reminiscências, labirínticas, um emaranhado de caminhos, que, pelas mãos do escritor, são ordenados e transcendem o universo da oralidade, passando a figurar perenes no registro escrito. O escritor registra como narrar: os travessões, as reticências: pausas e marcas do verbal.

Mariano conta muita coisa.

[f]alou do boi Carocongo. Do garrote *Guabirú*, que, quando chegava em casa, de tardinha, berrava nove vezes, e só por isso não o matavam, e porque tinha o berro mais saudoso. Da vaquinha *Buriví*, que acompanhava ao campo sua dona moça, a colher as guaviras, ou para postar-se à margem do poço, guardando o banho dela, sem deixar de vir perto nenhuma criatura. De raro aludia, voz mais baixa, a misteriosos assuntos:  
 — Tem boi que pode tomar ódio a uma pessoa...  
 — Dizem que um boi preto, em noite muito preta, entende o cochicho da gente. (ROSA, 2013, p. 116).

Os bois têm nomes e comportamentos peculiares os marcam, indelevelmente, na memória afetiva do contador. São animais inteligentes e pacientes e seus sentimentos só são traduzidos pelo vaqueiro, que os observa de perto, percebendo-os como uma extensão de si. Mariano descreve rodeios, a caça do gado selvagem, a “ida das boiadas sinuosas pela estrada boiadeira” (ROSA, 2013, p. 118), a travessia de um rio cheio de piranhas, que acabaram por devorar um dos bois. Ganha relevo, ocupando quase metade do texto, narrativa que dá conta de uma comitiva que, conduzindo trezentas reses, no alto Pantanal, se viu cercada por grandes extensões de capim alto, que se consumia em chamas: “gritaram adiante e eu vi o fogaréu. Aí era fumaça, mesmo, e as lavaredas correndo, feio, em nossa frente, numa largura enorme, vindo p’ra cima de nós. Era uma queimada.” (ROSA, 2013, p. 122).

Na fala do vaqueiro é nítida a preocupação em irmanar homens e animais. Mesmo quando se comportam como feras, como no caso em que um boi, enfrentado por Mariano, o “tampou longe, uns dez metros, no poeirão” (ROSA, 2013, p. 118), os adjetivos associados ao gado vacum os personificam. O gado e o homem conseguem subsistir ao meio porque estão

em simbiose. Ao se postar à mesa, para fazer sua narrativa, Mariano planta as mãos na toalha, como um bicho em vigia e com os grandes olhos bons corre cada gesto ou movimento de seu interlocutor: “Vergava a cabeça, pondo aprovação, ou encarava-me, olhar bem aberto, com uma vagarosa mansidão aprendida. [...] Mas a paciência, que é do boi, é do vaqueiro” (ROSA, 2013, p. 118).

Em outro trecho, é muito próxima a descrição do homem ao boi: “José Mariano caminhava embora, no andar bamboleado, cabeça baixa, ruminando seu cansaço.” (ROSA, 2013, p. 127). Assim como o vaqueiro, também os bois têm grandes olhos pacientes e ruminam, parecendo cogitar sua vida profundamente. Comparativamente, citamos o poema de Carlos Drummond de Andrade, “Um boi vê os homens”, publicado pela primeira vez no livro *Claro enigma*, em 1951, que ilustra essa condição, fazendo coro às percepções de Rosa. Segue o poema:

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm  
e correm de um para outro lado, sempre esquecidos  
de alguma coisa. Certamente, falta-lhes  
não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres  
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,  
até sinistros. Coitados, dir-se-ia não escutam  
nem o canto do ar nem os segredos do feno,  
como também parecem não enxergar o que é visível  
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes  
e no rasto da tristeza chegam à crueldade.  
Toda a expressão deles mora nos olhos — e perde-se  
a um simples baixar de cílios, a uma sombra.  
Nada nos pelos, nos extremos de inconcebível fragilidade,  
e como neles há pouca montanha,  
e que secura e que reentrâncias e que  
impossibilidade de se organizarem em formas calmas,  
permanentes e necessárias. Têm, talvez,  
certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem  
perdoar a agitação incômoda e o translúcido  
vazio interior que os torna tão pobres e carecidos  
de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme  
(que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam no campo  
como pedras aflitas e queimam a erva e a água,  
e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade. (ANDRADE, 2012, p. 25).

No texto de Carlos Drummond de Andrade, há um boi que observa os homens, refletindo sobre sua fragilidade, gravidade, nobreza, melancolia e por um desassossego que os põe sempre em movimento, como se na busca por uma completude impossível. No poema, os dois seres se confundem: os mesmos versos atribuídos ao boi poderiam ser usados para descrever o gado, a partir dos olhos do homem. No entanto, sábio, liberto do sentimento espontâneo e intempestivo de se pôr em marcha, é o boi que medita acerca do que

lhe diz o ar e o feno, reconhecendo que o homem carece parar, ouvir e ruminar. A falta de paz é causa da tristeza e crueldade do homem, que “queima a erva e a água” (ANDRADE, 1991). É com o boi que o homem pode aprender a se acalmar e a viver, pois nos bichos o existir parece se realizar melhor.

Abrimos espaço aqui para a fala de Manoel Nardy, citada por Alessandra Bittencourt Flach, em dissertação intitulada *Nós, os fabulistas: o pensamento baseado na oralidade e as narrativas de Guimarães Rosa*:

Alma nós tudo têm. O sangue estando correndo, eu acho que a alma tanto faz de um boi como de um cavalo, ou de uma galinha. É a mesma, alma é uma só, é o sangue. [...] A única diferença que tem a nossa de um boi é que nós foi batizado e vai pra igreja, mas não sendo, o sangue coalhê, acabou. (NARDY, 2006, p. 63 apud FLACH, 2007, p. 33).

As palavras do vaqueiro Manoel Nardy soam aqui bem oportunas. A alma é inerente a homens e animais e inferimos que Mariano, também pastor, compartilhando de um arcabouço de saberes semelhantes, assim igualmente colocaria. Todos os seres têm alma e sangue, o que varia são as convenções: o homem é batizado e vai para a igreja, atendendo normativas estabelecidas pelo grupo social. Os seres dividem o que há de primordial em sua substância: Desse modo, para que o narrador alcance o objetivo de melhor conhecer a alma dos bois, é imprescindível que se debruce sobre a alma do pastor.

Rosa transpõe para a literatura componentes de uma cultura oral que, calcada na realidade, erigiu modos de ver e explicar a realidade a partir de recortes colecionados ao longo da vivência da comunidade sertaneja. O vaqueiro é conhecedor da matéria que narra, por isso, no texto, discursa em primeira pessoa, posição que o legitima como dono do enunciado. O interlocutor-narrador é um observador que quer compreender o sertão e o mundo a partir dos olhos do vaqueiro.

Nesse exercício, para se fazerem compreender, ambos lançam mão de artifícios. No texto, a fala de Mariano é direta, bem delimitada. Aceitando as marcações expostas no texto, relativizando o entrecruzamento entre fato e ficto, é fácil identificar os enunciados do contador. Para conseguir dar uma dimensão aproximada do que narra, Mariano elabora descrições detalhadas, colocando em primeiro plano cheiros, reproduzidas aqui, para que não se perca, via paráfrase, a síntese poética de cada registro: “O touro tem uma catinga quase como a do ramo de guiné; vaca e boi-de-carro têm catinga igual, só a do touro é mais forte...” (ROSA, 2013, p. 116); movimentos: “[o gado] imensa bomba viva, que ameaça estilhar-se e explodir a hora qualquer, e que persevera na estringência de mugidos: fino, grosso, longe,

perto, forte, fraco, fino, grosso...” (ROSA, 2013, p. 117); cores e sons: “[e] aquilo vinha que vinha, estراçalhando e estalando: pé-pé-pé-pé-pe!...” (ROSA, 2013, p. 122); “[n]o levantar do gado do curral, sobe um poeirão e tapa tudo. O gado faz redemoinho. Eu vim abrir a porteira, e era só a barulheira deles, e aquela nuvem vermelha, de pó de terra.” (ROSA, 2013, p. 119); “[o] senhor já viu piranha? Não viu, no rio, onde escorre o sangue da canaleta do saladeiro? Ali, tem hora que essas cozinham na água, subindo feito labaredas... [...] Era tanta quantidinha de piranha, que, no borbulho bravo, parecia u’a máquina grande, trabalhando, rodando...” (ROSA, 2013, p. 120-121); “[e]ra um dia tão forte, que a luz no ar parecia uma chuva fina, dançava assim como cristal e umas teias de aranha, ou uma fumacinha, que não era.” (ROSA, 2013, p. 120-122). Na tentativa de se fazer entender, o contador tece analogias entre o que viu e sentiu, buscando referentes que estariam próximos do universo do interlocutor, estendendo pontes entre os mundos que ambos representavam. A poeira era vermelha, o cardume de piranhas, ao se alimentar, barulhava feito máquina, o sol estava tão forte que parecia subir uma fumacinha. Essas estratégias são necessárias para que o relato não reste estéril, habilitando o interlocutor a compreender as passagens com a máxima exatidão, visto dispor só do que lhe é contado. Sinestésicos, os relatos aproximam o narrado da realidade de quem se depara com ele, relação que se complementa a partir dos sentimentos que tais cenas provocaram em quem as vivenciou.

Por sua vez, o interlocutor, ao reproduzir o narrado, marca sua voz, imprime pontos de vista e cuida de ser fiel ao que lhe contam. As contrações, como p’ra; p’lo; além de construções sintáticas flexíveis e vocábulos próprios do falar sertanejo são reproduzidas de modo a dar ideia do dinamismo da fala, aproximando também o potencial leitor, tendo em vista que o texto pressupõe uma recepção do mundo de que faz parte Mariano.

A palavra “entremeio”, no título, pode então indicar tanto o interlocutor, que funciona de mediador entre Mariano e o leitor pressuposto, quanto para Mariano, que medeia a relação do narrador-autor com o sertão.

A sabedoria de Mariano é tributária do ambiente que o cerca, pois ao observar a natureza, flora e fauna, identificou padrões que permitiram a ele reconhecer e se adaptar ao meio. O boi é também fonte de conhecimento, o que pode ser inferido de excertos como “[Mariano] falou do alvoroço geral do gado, quando o tempo muda; [...] dos que malham junto de casa e despertam dando sinal de temporal noturno, correndo, berrando medo” (ROSA, 2013, p. 116). Observando o ambiente, os bois notam as configurações do clima, lendo os bois, os vaqueiros acessam e fazem uso desse saber.

O dono da pena em “Entremeio com o vaqueiro Mariano” parece imbuído do desejo de apreender o sertão e também desejoso de registrar a maneira de narrar do vaqueiro. Recorre a um personagem da terra, cuja vida e lida estão intrinsecamente ligadas ao solo sertanejo. À primeira vista, o clima quente, a vegetação espinhenta, de troncos baixos e tortuosos, a escassez de água, parecem denunciar uma região pobre e hostil, fadada à morte.

De cinzel em punho, escavando esse primeiro plano, percebemos que o raquitismo do lugar é só aparente. Há, sim, espaço para o inóspito; no entanto, para os iniciados, é possível extrair modos de vida desse ambiente árido.

De um diálogo com o primeiro capítulo, reiteramos, nesse sentido, a perspectiva histórica de ocupação do sertão, que imprescindiu do gado e do vaqueiro. O gado cria o vaqueiro, o vaqueiro cria o gado. Indissociáveis, esses personagens compartilham suas existências.

Para aprender sobre o sertão, na perspectiva da ficção rosiana, é preciso aprender sobre o vaqueiro e sobre o boi. O “entrevistador” de “Entremeio com o vaqueiro Mariano” busca a essência da região na fala do boieiro, pintando o meio com as cores que o pastor lhe oferece. Não há idealizações, mas preocupação com a verossimilhança, inclusive quanto ao ritmo da narrativa. A poesia não brota de artificialismos, permeando a realidade como ela está posta. Mariano é um homem comum, com a compleição que lhe é inerente, por pertencer à espécie humana. No entanto, pela sua lida, consegue se colocar no mundo de um modo particular. Não é um ser perfeito. Como homem, carrega todos os dualismos a que seu fado o obriga, mas o respeito que demonstra pelo meio revela uma consciência holística de raízes profundas. O conhecimento formal, tão caro na sociedade letrada, pouco vale nos rincões sertanejos, em que só vigora quem se diplomou no exercício de ler a natureza em sua totalidade.

Na correspondência reunida por Paulo Dantas em *Sagarana emotiva: cartas de João Guimarães Rosa*<sup>4</sup>, como citado por Ivana Ferrante Rebello em texto já referido, declara Guimarães Rosa que Mariano realmente existiu, é “homem entre o boi xucro e permanentes verdes” (ROSA, 2013, p. 120). Que era vaqueiro e era seu amigo. Assumindo essa vertente biográfica, Rosa parece envolvido em um projeto de escrita que reabilite o sertão como lugar de cultura e conhecimento, falando a partir do seu cerne. Sobre o diálogo exposto no texto, é dito: “[u]mas palavras intensas, diferentes, abrem de espaços a vastidão onde o real furta à

---

<sup>4</sup> DANTAS. Paulo. *Sagarana emotiva: cartas de João Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

fábula. Os rebanhos transitam, passam, infundáveis, por entre nossas duas sombras, de Mariano e minha, na parede – mudamente amigas, grandes” (ROSA, 2013, p. 118). Os acontecimentos são tão peculiares que se assemelham a histórias inventadas e Rosa e Mariano, ao conversarem, conduzem juntos as boiadas dos relatos, criando laços de amizade entre o vaqueiro e o diplomata, entre o mundo socialmente tido como civilizado e o universo rústico.

Cuidamos de esboçar uma análise para o texto “Entremeio com o vaqueiro Mariano”, considerando que a narrativa faz parte da bibliografia básica em um estudo que se pretende voltar para os vaqueiros de Rosa. Inferimos que o boiadeiro de Rosa, no texto, não é um herói, nem um ser sobre-humano, mas sim um homem cuja configuração, tributária do meio que o cerca, está habilitado a ler o sertão sob um viés em que se considera parte de uma teia de relações. Sua vivência depende do boi e a subsistência do gado depende do vaqueiro. Esse vínculo aproxima os seres a tal ponto que é possível descrevê-los, em seus momentos de tranquilidade ou fúria, com os mesmos adjetivos. O olhar pausado do boi, o movimento que faz com a cabeça, quando parece assentir, seu andar cadenciado, sua paciência e o exercício de ruminar, metaforicamente, se repetem no vaqueiro. Ambos, desse modo, parecem aptos a singrar o sertão, mantendo suas particularidades e fundindo-se ao ambiente naquilo que é fundamental para ter garantida sua sobrevivência. Nessas produções, o vaqueiro e o boi são desbravadores destemidos e submissos e a sintonia que estabelecem entre si e o meio é pura poesia.

## 2.2 Um vaqueiro numa estória de amor

Em “Uma estória de amor”, publicado na primeira edição de *Corpo de Baile*, em 1956, o vaqueiro que entra em cena é Manuelzão. A história, extraída da ficção, referencia a relação amorosa de Rosa com o sertão/ vaqueiro, como sintetiza o protagonista ao afirmar: “[u]m amor está no descampadal do ar, no itê das frutas, no duro do chão onde minha boiada pasta” (ROSA, 2001, p. 108). O afeto exposto no título, no decorrer da narrativa, perpassa os vastos campos e pastos, a flora e a fauna da terra, os espaços alcançados pelo boi e pelo povo do boi.

Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos (2001) no texto “Outras trilhas”, do livro *O sertão e os sertões*, esclarece que o Manuelzão do texto é o vaqueiro Manoel Nardy, que conduziu a boiada de Francisco Guimarães Moreira, em 1952, da Fazenda da Sirga à fazenda

São Francisco, no percurso em que Rosa se fez de vaqueiro também e acompanhou a comitiva, como aludimos no capítulo anterior.

A autora assinala mais um ponto de contato entre o enredo e a viagem da boiada. Por ocasião da saída da comitiva, foi celebrada uma missa na Sirga, no texto transfigurada em Samarra, na capelinha de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. A celebração foi antecedida pela festejada chegada do padre e por uma procissão noturna, fatos que também têm espaço na festa de Samarra.

Assim é apresentado Manuelzão, no início do texto:

Manuelzão, ali perante, vigiava. A cavalo, as mãos cruzadas na cabeça da sela, dedos abertos; só com o anular da esquerda prendia a rédea. Alto, no alto animal, ele sobrelevava a capelinha. Seu chapéu-de-couro, que era o mais vistoso, na redondeza, o mais vasto. Com tanto sol, e conservava vestido o estreito jaleco, cor de onça-parda. Se esquecia. “Manuel Jesus Rodrigues” – Manuelzão J. Roíz (ROSA, 2001, p. 84).

A descrição do personagem, nesse excerto, já o sublinha como vaqueiro. Na cena em tela, Manuelzão, administrador da propriedade, por ocasião de uma missa e uma festa que haveria em Samarra, “nem fazenda, só repostos, um currais-de-gado, pobre e novo ali entre o Rio e a Serra-dos Gerais” (ROSA, 2001, p. 83), acompanhava os preparativos concernentes à arrumação da capela que seria inaugurada, em honra a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Mesmo que não esteja exercendo seu ofício habitual, o personagem não abdica da indumentária de pastor, incluídos aqui o chapéu-de-couro, o jaleco amarelado e a montaria. Do mesmo modo, mantém a postura atenta, como se uma manada observasse. Ser vaqueiro é da substância de Manuelzão, da sua natureza, não é caráter acessório do qual possa se despir. Sendo assim, é preciso estar sempre a postos, segurando as rédeas do cavalo, apropriadamente trajado, externa e internamente, visto que o ser vaqueiro também inclui a atitude contemplativa que o ofício ensina e que parece ser impressa pelo sujeito em sua vida cotidiana.

“Uma estória de amor” narra a festa idealizada por Manuelzão para inaugurar a capela. A narrativa é um mosaico, cujas tesselas moldam o desenho do sertão a partir da religiosidade, da natureza, da linguagem, dos costumes e valores. Enquanto transcorrem as comemorações, passam pela propriedade fiéis, músicos, contadores de histórias, “[t]antos sendo: os vaqueiros, as famílias; barranqueiros, vazanteiros, veredeiros, geralistas, chapadeiros, total das mulheres e crianças; moços e moças; ramo de gente da outra banda do Rio; catrumanos de longe. Os amigos dos vaqueiros, os parentes. Os do mundo” (ROSA,

2001, p.110). “O sertão é o mundo”. Gente corajosa, forjada no rigor sertanejo, como descreve poeticamente o escritor de Cordisburgo.

Quase todo o mundo tinha medo do sertão; sem saberem nem o que o sertão é. Sertanejos sabidos sábios. Mas o povo dali era duro, por demais. Mais, então, as mulheres. A gente perguntava: — “Vocês não têm medo de onça?” Essas respondiam: — “A gente tem remorso delas não...” (ROSA, 2001, p. 105).

Uma profusão de personagens e acontecimentos se entrelaçam à narrativa principal, que é rica em referências a boiadas, costumes, quadras e cantigas da cultura popular sertaneja. São abundantes as menções à natureza. No cerrado, o capim é duro e, de madrugada, “o orvalho é azul e mata a sede.” (ROSA, 2001, p. 86). “A gente ouvia as sariemas, no espinhaço da serra, retinir seu canto emendado. Ouvia o barulho das vacas arrancando o capim e dando bufo curto.” (ROSA, 2001, p. 111). Os cochos para os animais, no pátio, ficavam à sombra de árvores mansas, como gameleiras, tingues e cagaiteiras. “Enquanto os bois comiam, as florinhas e as folhas verdes caíam no sal.” (ROSA, 2001, p. 87). À noite, [a] poeira saía da escuridão, correndo uma neblina amarelada. (ROSA, 2001, p. 96). Ao amanhecer, conforme a poeticidade sensorial da escrita,

[a]s barras do dia quebrando, em cima da Serra dos Gerais, o roxoal da sobrealva abrida, os passarinhos instruindo, vinha por tudo o bafo de um dia que ia ser bonito. Que-queriam os periquitos. As fôgo-apagou, se dizendo alto, e os pássaros-pretos, palhaços, na brincadeira. Bandos de juritis, tantas, tão junto de casa. Nem eram só juritis, eram pombas-verdadeiras. E cheirava a muito boi. (ROSA, 2001, p.110).

A confusão de cores e alaridos novamente denotam uma experiência sinestésica, como no texto “Entremeio com o vaqueiro Mariano” e que designa o estilo da escrita de João Guimarães Rosa, em toda sua ficção. Além disso, fazem lembrar as imagens pintadas em *Boiada I* e *Boiada II*, trazidas no capítulo anterior. As plantas e pássaros têm nomes e hábitos, cada hora tem sua cor e som e, em meio ao ambiente natural, é organizada a estrutura para acolher e tratar o gado. O conjunto é harmonioso, cada ser ocupa um espaço, estando essas vidas integradas. Para delimitar sua feição, o vaqueiro observa o meio, aprende o nome dos bichos, os usos das plantas, tornando-se também parte nativa do sertão.

Ainda consoante Vasconcelos (2001), as anotações das cadernetas de Rosa, da viagem de 1952, reunidas nos livros referidos acima serviram de alicerce para a construção das narrativas de *Corpo de Baile*, do qual “Uma estória de amor” faz parte. É preciso dizer

das árvores, do orvalho, da neblina formada à noite, pela poeira, do nascer do dia e do amanhecer dos pássaros. A natureza não é cenário, é também personagem. Num trabalho que pretende pensar o vaqueiro, o ambiente precisa ser levado em conta, visto que o sertão, suas plantas e animais estão amalgamados na conformação desse boiadeiro sertanejo.

São vários os nichos ambientais descritos, demonstrando a riqueza de uma paisagem que, à primeira vista, pareceria inóspita. Nas imagens, detalhadas, há laivos de cultura e credence popular:

o pé-de-serra, onde o urubu faz casa nas grotas e as corujas escolhem sombra, onde há monte de mato, essas pedras com limo muito molhado, fontes, minadouros de água que sobe da terra aos borbos, jorra tesa, com força, o inteiro ano. [A] beira da lagôa, onde o jacaré-de-cabeça-azulada põe o focinho fora d'água, quando o sol sai tarde, e espirra mau-agouro e olha mau-olhado.” (ROSA, 2001, p. 92).

Da observação do ambiente, o sertanejo infere sobre o comportamento da fauna, orientando-se pelos animais, desvendando locais de sombra e água farta. Na falta de um conhecimento institucionalizado, formal, é preciso que o homem observe e rume os hábitos dos bichos, a disposição das plantas, as componentes climáticas, reunindo esses fatores todos numa rede, de modo a melhor compreender o meio. A percepção da paisagem se dá, para o narrador, mediada pelas impressões emotivas, que fornecem ao quadro natural uma vivacidade singular.

O tempo da narrativa é marcado pela estiagem, pelo frio e pelos ventos fortes. No calendário oficial, corresponde ao inverno. Cabe uma ressalva, pois no sertão, onde o vocábulo é associado à chuva, a estação das águas, de meados de outubro a janeiro, é que é o inverno. A seca, fria, é período hostil, que maltrata o sertanejo, sobretudo se precisar se pôr em viagem.

A passagem do tempo é marcada pela natureza. O tapejara, o vaqueano, exímio conhecedor do território, se guia pela lua, pelas plantas. Peregrino permanente, fazendo dos deslocamentos constantes um modo de vida, o vaqueiro marca o tempo e desvenda o meio, usando modos próprios, aprendidos através do exercício de observar e transmitidos, oralmente, através das eras. A natureza é um sistema e, como tal, organiza-se ciclicamente e, desde que considerada atentamente, permite a inferência de modelos, pelos quais o sertanejo organiza sua vida, como os bichos sabem fazer.

O texto é marcado por um narrador que sabe sobre o ambiente e também sobre as disposições subjetivas do protagonista. O que os outros personagens sentem e são vêm filtrados pela ótica de Manuelzão; no entanto, não é ele quem conta a história. É como se o

personagem e o contador não pudessem ser distinguidos: há passagens em que se denota a onisciência de alguém que está fora do plano; em outras, é Manuelzão quem assume a enunciação, num monólogo interior em que reflete sobre a vida. Arriscamos inferir que, tal qual em “Entremeio com o vaqueiro Mariano”, em “Uma estória de amor” é o vaqueiro o dono da narrativa, numa relação mediada por um observador.

Sobre a compleição de Manuelzão, vaqueiro, marca sua personalidade certa desconfiança, exemplificada quando avaliava os óbolos trazidos pelos fiéis para depositar na capela:

Criancice duma bôa gente, que remexia em seus trastes, alguma coisa tinham de trazer, menos as mãos vazias. Será pensavam preciosos só para Nosso Senhor e a Virgem esses objetos fora de serventia trivial, mas com bizzarria de luxo ou de memória? Talvez então eles também fossem espertos, ladinos demais, quando compareciam com aquela trezada — por não ter saída em comércio, nem nenhum outro seguro custo? Manuelzão, em sutil, desconfiava deles. (ROSA, 2001, p. 85).

No mesmo momento em que atribui a singeleza das oferendas à ingenuidade das pessoas, Manuelzão já cogita que os presentes só foram trazidos porque não possuíam valor de mercado, podendo ser dispendidos sem qualquer ônus. Se assim for, estaria desmascarada a atitude do crente, já que a oferta serviria apenas para criar, socialmente, uma imagem positiva. Do contrário, evidenciaria a simplicidade da comunidade de fé que, para venerar a santa, abdicava de um bem que tinha por precioso. Essa desconfiança sutil, velada, advém do labor do pastoreio, em que a postura precisa ser, constantemente, de alerta, tendo em vista que há muitos imprevistos inerentes à atividade do campear. Mariano também traz essa marca, como exposto em “Entremeio”: “mostrando prestatça em proteger, pouquíssima curiosidade, e um mínimo de automática desconfiança.” (ROSA, 2013, p. 113). O vaqueiro está sempre de sobreaviso, a dúvida faz parte de si.

Por ocasião da narrativa, Manuelzão está beirando os sessenta anos. Ocupa um cargo alto na fazenda, sendo a primeira pessoa depois do proprietário. No texto, há ações externas, concernentes à realização da festa, e íntimas, que dizem respeito às inquietações e reflexões do protagonista sobre sua vida. Embora às vezes, no decorrer do enredo, Manuelzão esteja em alguma companhia, a maior parte do tempo está cismando, sozinho. É “pessôa perita nas solidões e tudo.” (ROSA, 2001, p. 88). De origem pobre, chegou a encarregado de fazenda. Reconhece a ascensão; no entanto, remói o medo da morte e a impressão de não estar completo. Essa inquietação espiritual, “Manuelzão conhecia aquilo. Consoante o remexer da vida, o caminho do mundo, sem igualação, sem sossego.” (ROSA, 2001, p. 115). É como se

ele não pudesse experimentar tranquilidade, por estar sempre em movimento, interna e externamente, talvez acompanhado pelo receio de que estacar ofereceria tempo para a reflexão, quando então se reconheceria sozinho e miserável. Como se percebe na citação que segue, temos um Manuelzão que, desde criança, conheceu a dureza da vida: “[e]le, Manuel J. Roíz, vivera lidando com a continuação, desde o simples de menino. Varara nas águas. Boiadeiro em cima da sela, dando altas despedidas, sabendo saudade em beira de fogo, frias noites, nos ranchos” (ROSA, 2001, p. 94).

Manuelzão, desbravador, peregrino, em busca de condições melhores de vida abandonou a terra natal e negou a resignação do pai: “ao pai dele Manuelzão, que lavrava rude, mas só de olhos no chão, debaixo do mando de outros, relambendo sempre seu pedacinho de pobreza, privo de réstia de ambição de vontade. Desgosto.” (ROSA, 2001, p. 102). O pai era um pequeno lavrador, de uma região chamada Mim, na Mata. Uma terra longe e diferente, com outros paus e outros bichos. O pai era trabalhador, mas era conformado com sua miséria: à noite, sentava na porta da casa e fumava um cigarro, talvez o único luxo a que se desse. Inferimos que o que matou o pai de Manuelzão foi o receio de desejar, de ambicionar. A terra chamada “Mim” pode ser entendida como a variação do pronome “eu”, como se Manuelzão tivesse saído de si, negando uma herança que o limitava, para sair em busca de perspectivas.

Manuelzão trabalhou muito, desde criança, sempre boiadeiro, empreendeu travessias, numa vida asceta, se fazendo homem. “Se a rasgo não se lida, todo santo dia, com vontade de abrir um adiante, então tudo desmerece, desanda (ROSA, 2011, p. 106). Foi a lida de vaqueiro que o submeteu à saudade, ao frio da noite, ao medo, ao movimentar perene, sem sossego. Nesse ofício, conseguiu se afastar do destino de lavrador do pai, que sempre a olhar para o chão, não vislumbrava horizontes. Manuelzão viajou muito, montado no cavalo, conduzindo bois, sertão adentro e afora, na convicção de que era urgente trabalhar, seguir.

A Samarra ofereceu a Manuelzão a possibilidade de um pouso fixo; note-se, como exemplo, que o verbo “amarra” é parte constitutiva do nome da fazenda. A ele, que sempre mantivera um viver nômade, comboiando boiadas, se demorando pouco em retiros provisórios, viajando pela poeira do mundo, recebeu do proprietário, Federico Freyre, a incumbência de administrar aquele rincão: “Te entrego, Manuelzão, isto te deixo em mão, por desbravar!” (ROSA, 2001, p. 86). Manuelzão aceitou o trabalho, capataz, administrador. Convenceu outros homens a participarem do projeto consigo, os reuniu e vieram todos edificar a Samarra. Primeiro veio o gado, depois foi construído o curral e, então, a casa. A região, asselvajada, “umas araraquaras. A Terra do Boi Solto” (ROSA, 2001, p. 86).

Trabalhada, se converteu numa propriedade. Os vaqueiros, comandados por Manuelzão, tratavam do gado e da terra, fizeram a casa, o curral, os cochos, passaram cercas de arame para limitar a fazenda. O território careceu do boi e do vaqueiro para ser domado. Manuelzão é o fundador, o desbravador: tem sobrenome emprestado de bandeirante, Antônio Rodrigues Arzão, e providencia que seja celebrada a primeira missa.

Samarra significou um endereço, um “ter para onde voltar”; no entanto, continuou reclamando de Manuelzão a ação, tendo em vista que a propriedade demandava trabalho constante. É significativo que o pastor e o gado tenham chegado quase que juntos e que primeiro foi construído o curral, para, só então, se erigir a casa. As terras são para os bois. É por causa dos bois que os vaqueiros são necessários e é pelas mãos dos vaqueiros que o gado se mantém.

É imprescindível evidenciar que Manuelzão não é o dono das terras:

Sua casa. Sempre pudesse ser. Mas lá, a Samarra, não era dele. Manuelzão trabalhava para Federico Freyre — administrador, quase sócio, meio capataz de vaqueiros, certo um empregado. Porém Federico Freyre nem bem uma vez por ano se lembrava de aparecer, e Manuelzão valia como único dono visível, ali o respeitavam... Sempre puxara por isso, a duras mãos e com tenção teimosa, sem um esmorecimento, uma preguiça, só lutando... (ROSA, 2001, p. 86).

O boiadeiro cuida da propriedade alheia. O vaqueiro não é o fazendeiro, mas sim, e sempre, o empregado de confiança que representa o proprietário, que comumente reside na zona urbana. As boiadas que conduz e protege e as terras pelas quais zela estão sob sua guarda. Manuelzão encarnava o dono, a casa era sua, simbolicamente. Confrontando a realidade definitiva das coisas, no entanto, reconhecia que era um empregado, com direito de mando, mas sem direito de posse. Conquistou o respeito dos seus pares, trabalhava arduamente pelo progresso da fazenda, mas os bens não eram seus.

Ao cismar, o arranjo das coisas parece desagradar Manuelzão, que, mesmo sabendo-se amo em Samarra, reconhece que os quatro anos de trabalho na fazenda pouco acrescentaram à sua renda:

A Samarra. Aqui o gado aumentava. Mesmo mais do que a carne de sustento de se comer, e o de vendido de dinheiro, aquele trem, aqueles bois, formavam um consenso de respeito, uma fama. Triste que aquilo tudo não pertencesse — pois o dono por detrás era Federico Freyre. A ver, ele, Manuelzão, era somenos. Possuía umas dez-e-dez vacas, uns animais de montar, uns arreios. Possuía nada. (ROSA, 2001, p. 133).

Por ocasião da festa, por não poder comparecer, Federico Freyre encaminha uma

carta, justificando a ausência e tecendo elogios a Manuelzão. Esse reconhecimento alegra o vaqueiro, no entanto, em suas conjecturas, dentre as angústias que se apresentam ao personagem, o medo da miséria é uma delas. Também observamos a consciência sobre sua situação de trabalhador não-proprietário em relação a do patrão, proprietário- não trabalhador. Segue conjecturando que, caso abandonasse a Samarra, sairia sem nada: não tinha pasto onde deixar seu pouco gado e, se quisesse comprar terra, teria que vender suas reses.

Em Mariano, não observamos tal preocupação. Mariano não medita como Manuelzão, que se apresenta ao leitor como um filósofo do sertão. Mariano foi conclamado a contar seus feitos, pouco espaço é dado para rasgos de subjetividade, para reflexões de teor sentimental e íntimo. Em Manuelzão, no entanto, os exercícios de reflexão predominam e, além disso, talvez por já contar com idade avançada, o receio da insegurança financeira se coloca como algo natural.

Manuelzão continua a divagar sobre sua condição social e ao inferir sobre sua pobreza, parece sentir fisicamente a aflição de suas conclusões, expressas pelas “angústias de ar, a sopitação, até uma dôr-de-cabeça; nas pernas, nos braços, uma dormência (ROSA, 2001, p. 133). Como se andasse em círculos, Manuelzão não parece vislumbrar perspectivas: o muito trabalhar não afastou dele o receio da pobreza. Saiu de “Mim”, sua terra natal, mas o movimento parece ter restado inútil. Chega a se enxergar como um desvalido. Como o velho Camilo, morador da Samarra.

Camilo é um mendigo que vive de favores na propriedade. Realiza pequenas tarefas e se submete ao mando de todos, em troca de pão e teto. Manuelzão desdenha esse modo de vida; assim, quando se coloca em pé de igualdade com Camilo, percebemos a frustração do personagem que, embora trabalhe sem descanso, é homem de poucas posses. Manuelzão, pensando em sua trajetória, reconhece-se um homem bem-sucedido, mas quer ter mais. De qualquer modo, seja pela origem humilde ou por se reconhecer pobre, se comparado a outros, demonstra uma empatia pelos menos favorecidos, expressa na passagem em que, no pensamento, recrimina os fazendeiros abastados, que chegaram à missa bem vestidos e, mesmo já dentro de casa, mantiveram os capotes, “aqueles já estavam chegados ali, não tinham precisão de ficar com os balandraus nas costas. Não eram o padre. Até ofendia aos pobres, que nem não tinham direito com o que se cobrir, com bom pano. (ROSA, 2001, p. 93). A vestimenta, incrementada, marca a superioridade social, sendo que os indivíduos abastados estavam providos por uma indumentária que, de melhor qualidade, resistia às intempéries do meio, enquanto que aos pobres cabiam roupas às quais necessitavam remendo, por não resistir ao rigor da caatinga: “[h]avia quem precisasse da caridade de agulha e linha,

para recoser suas roupas, urtigadas contra os espinheiros, no atravessarem trechos de caatinga.” (ROSA, 2001, p. 85).

No texto, o modo como Manuelzão organiza as reflexões sobre sua vida parecem contingenciadas por narrativas que chegam a ele pela boca de contadores de estórias. Num meio em que a oralidade possui papel fundamental na transmissão de saberes, a experiência do ouvir e do contar auxiliam na construção de modos de perceber a existência. Para Roberto Soares Francisco (2017), no texto “Contadores de histórias, vaqueiros e um boi encantado: narrativas orais e cultura popular em “Uma estória de amor”, de Guimarães Rosa” há duas figuras que merecem a alcunha de contadores. De um lado, Joana Xaviel e, de outro, Camilo.

Ambos são mestres na arte de ouvir e narrar enredos que expressam visões sobre o modo como o mundo se organiza: mais precisamente, como o universo sertanejo orbita em torno do boi. Para Soares Francisco, as narrativas orais presentes no texto de Rosa, expostas na fala de Xaviel e Camilo, fazem parte do que Câmara Cascudo alcunhou de “ciclo do gado”, correspondendo às narrativas que são de uma cultura oral que valida o gado e o vaqueiro como protagonistas no processo de organização social e geográfica de muitas regiões do interior do Brasil (SOARES FRANCISCO, 2017).

Pela boca de Joana Xaviel, dentre as estórias que conta, ouvimos falar da mulher chamada Destemida, que, alegando desejos, obrigou o marido vaqueiro a matar a vaca Cumbuquinha, favorita do fazendeiro. Uma mentira foi então inventada: a vaca havia caído de uma ribanceira. Desconfiada, a mãe do fazendeiro descobre a verdade. No entanto, antes de poder revelar a farsa, é envenenada por Destemida, que ainda rouba as roupas com as quais a senhora seria enterrada e atea fogo à casa que guardava o corpo até o velório. A história termina com Destemida rica, não havendo qualquer punição por seus crimes. Manuelzão ouviu a narrativa e Soares Francisco (2017) observa que foi esse desfecho que incutiu no personagem questionamentos acerca de sua condição social, refletindo descontentamento ao concluir que suas posses não eram compatíveis com o volume de trabalho pelo qual se responsabilizava, desde criança, de fazenda em fazenda. Seguir as normas e trabalhar com afinco, não redundou, para Manuelzão, numa vida próspera, ao passo que, pela via da contravenção, Destemida alcançou riqueza e poder. Aos sessenta anos de idade, o vaqueiro ainda se dedica à lida bruta com o gado, desejando que seus netos não precisem trabalhar tanto.

Em dado ponto, Manuelzão reconhece um igual em Camilo, idoso e pobre. Chega a notar semelhanças entre o velho e o próprio pai: “[a]té onde um podia se lembrar, o velho Camilo parava não bem uma parença, mas o avultado de maneira, que tirava com o de seu

pai, dele Manuelzão”. Era uma figura digna, respeitosa, no entanto subserviente e miserável, um “triste desvalido” (ROSA, 2001, p. 118). É com desalento que Manuelzão enxerga suas semelhanças com Camilo e, em certo sentido, com o próprio pai que, sem ambições, viveu e morreu na pobreza. Manuelzão, desde cedo, almejou um destino diferente, se entregando ao trabalho árduo de vaqueiro. Qual não é sua angústia ao concluir que uma vida inteira de trabalho duro havia resultado no reconhecimento de uma posição importante na fazenda, mas, em termos práticos, não significou ascensão financeira.

Camilo, ao final do enredo, narra, na festa de Manuelzão, o “Romanço do Boi Bonito”, também denominado a “Décima do Boi e do Cavalo”, em que marca a superioridade de um vaqueiro corajoso sobre um boi valente. Há uma parte no texto em que é narrada a condução de uma boiada. Quem conta é o seo Vevelho, ao chegar à Samarra. Seriam três mil e seiscentas cabeças, gado de Goiás e do Urucuaia, indo para o Abaeté. Na comitiva, viajava Uapa, vaqueiro famoso. Uapa, rei de todos, em seu belo cavalo, em certo sentido, antecipa, válida e confere verossimilhança a partes do enredo do romanço, pois o leitor é levado a concluir que o vaqueiro real é capaz de levar a cabo façanhas notáveis. No final do texto, Camilo se redime. Deixa de ser uma figura marginal e digna de pena para assomar como personagem que devolve a Manuelzão o orgulho de ser boieiro sertanejo. Para Soares Francisco (2017), o romanço reestabelece a ordem no universo de Manuelzão, pois enaltece o trabalho, a bravura e a honra. Na narrativa, há um boi encantado, bonito, forte e inalcançável. Desejoso de o possuir, o fazendeiro ajunta centenas de boieiros para caçá-lo. Dentre os pastores, aparece um forasteiro, vaqueiro a que chamam de Menino, que parte no encaço do boi. Vencendo a rusticidade do ambiente e a persistência da rês, a alcança e a rende, com reverência. Ao mostrar o trunfo ao fazendeiro, como prêmio, só pede o cavalo e a liberdade do boi. Manuelzão se reconhece nesse boiadeiro, no modo como resiste ao adverso do meio para aprimorar, como vaqueiro, sua valia enquanto homem. Ao final do texto, num tom enfático, é posto que “a boiada vai sair”: nesse fecho, as angústias expostas pelo personagem ao longo do conto parecem ceder espaço para o garbo e orgulho com que se reconhece pastor de bois, corajoso e experiente, esmaecendo as impressões que a estória da Destemida haviam projetado.

Talvez por tanto conduzir boiada, ao se referir aos outros, comumente, Manuelzão os vê como bois. Em sua sabedoria, a vida no sertão poderia ser definida como um pátio, onde homens e animais conviveriam. Observando a festa, conclui que “no começo, cansava um pouco. Embaraçava. O povo trançando, feito gado em pastos novos.” (ROSA, 2001, p. 116). Como bois, as pessoas se ajuntavam, se organizavam num mesmo espaço. Reunidas, “se

reconheciam, se aceitando sem estranhice, feito diversos gados, quando encurralados de repente juntos.” (ROSA, 2001, p. 91). Semelhantes a gado encurralado, os convidados da festa interagem, no espaço limitado do quintal, durante a festa. Na procissão, “Manuelzão se retardava para trás, deixava que seguissem sem ele. Retomava seu posto, na culatra – conforme cumpria nas boiadas – os costumes de responsabilidade. (ROSA, 2001, p. 97). Durante a procissão, Manuelzão vê no ajuntamento de pessoas a condução de uma boiada e se posta atrás, num posto que permite a ele ter visão do todo. Sobre as mulheres com as quais esteve: “eram gado sem marca, como as gariobas, sem dono, do cerrado.” (ROSA, 2001, p. 104. Os casos amorosos que viveu foram com mulheres livres, como bois soltos no mundo, sem dono. Os conhecimentos do pastor, criado em cima do lombo do cavalo, na lida vaqueana, direcionam o modo como opera socialmente. Realizando um processo de zoomorfização, Manuelzão compreende e descreve as reações humanas a partir do comportamento do boi. Para orientar seu proceder, incorpora a lida com o gado em várias situações sociais, erigindo modos de perceber os acontecimentos a partir de sua experiência como vaqueiro. Manuelzão se identifica como pastor, é como boieiro que organiza seu universo e seu modo de interagir com o mundo.

No início da narrativa, Manuelzão denota dificuldade em acompanhar o trabalho das mulheres, ao ornamentarem a capela:

Mas Manuelzão menos entendia o mover-se das mulheres, surgidas quase de repente de toda parte, muitas ele nem conhecia. Mau o acordo com que elas se juntavam, semelhavam batalhão de mutirão. A sonsa, queriam afastá-lo? Enquanto fora obra de roçar a marca, torar madeira e carrear o materiame, fincar os esteios, levantar os oitões, e terminar – ele mestreara. Mas entre homens, seus homens. Agora, as mulheres tomavam conta. E ele ia ter algum jeito? [...] Só que não percebia os espíritos do mulhierio reunido; e aquele arremate para a festa tinha de ser de muitas mãos. (ROSA, 2011, p. 85).

Por não conseguir estabelecer uma analogia entre seu trabalho de vaqueiro e as atividades que o grupo de mulheres ora realizava, Manuelzão, mesmo com sua voz de comandar mil bois e sabendo que não seria desrespeitado na propriedade, porque era visto como chefe, não atinou sobre como proceder, nem como organizar, mentalmente, o trabalho que estava sendo feito. Enquanto foi exigida força física, entre os homens ele era o mestre. No entanto, observando o grupo de mulheres, sentiu-se deslocado, reconhecendo, por fim, que era um trabalho para muitas mãos, ou seja, que não havia como ele direcionar tudo, como costumava fazer no trato com a fazenda e com o gado: “nesta vida, se carece de esperar o costume, para o homem e para o boi.” (ROSA, 2011, p. 87).

Em suas reflexões, Manuelzão demonstra um grande medo da morte. Entendemos que o receio do personagem não é a morte, mas o apagamento de si, que ela representa. “Supunha a morte? Carecia de um filho, prossequinte. Um que levasse tudo levantado, sem deixar o mato rebrotar.” (ROSA, 2001, p. 102). Logo quando assumiu a Samarra, decidiu Manuelzão trazer para perto de si um filho que havia tido, Adelço, com uma mulher cujo nome nem se recordava. Trouxe o filho e a família deste. Embora reconheça que Adelço é trabalhador, enxerga nele maldade, dizendo-o desamigo de todos. Adelço não reunia as características desejáveis para ser seu sucessor, para dar seguimento ao seu trabalho.

Porque pressentia a morte, Manuelzão “[d]e todo não queria parar, não queria suspeitar em sua natureza própria um anúncio de desando, o desmancho, no ferro do corpo. Resistiu. Temia tudo da morte.” (ROSA, 2001, p. 89). Se de certa forma a ideia de se ver perpetuado no filho restou frustrada, Manuelzão vê na festa de inauguração da capela a possibilidade de ser reconhecido e lembrado: “tocava para a Casa, a ver a chegada de mais povo. Ativo e quieto, Manuelzão ali à porta se entusiasmava, público como uma árvore, em sua definitiva ostentação.” (ROSA, 2001, p. 89). Aprazia a ele ter organizado um evento a que acorreram centenas de pessoas, de toda a redondeza, como lemos nos seguintes trechos: “Ah, todo o mundo, no longe do redor, iam ficar sabendo quem era ele, Manuelzão, falariam depois com respeito. (ROSA, 2001, p. 93) e “[s]empre fora homem firme. E agora estava hospedando o padre. O senhor do Vilamão, seo Vevelho, pessôas de posse. Mais ainda havia de melhorar, e muito, tudo.” (ROSA, 2001, p. 105).

A festa daria a Manuelzão a eternidade que ele ambicionava. Exige que haja fartura, alegria, dança e música, para que a festa ficasse famosa e fosse lembrada, assim ele também permaneceria na memória das pessoas.

Aquele poder de gente, por ali, chegando, para a festa, todos o olhavam com admiração e aspecto. Mundo grande! Mas, ainda muito maior, quando a gente podia estar em sua casa, e os outros vinham, empoeirados de sete maneiras, por estradas sertanias – e pediam um café, um gole d’água. (ROSA, 2001, p. 95).

Além disso, envolver-se na atividade o colocava em movimento e diminuía o tempo que dedicaria aos seus pensamentos. O personagem tem a necessidade de ter sempre um projeto para o motivar a prosseguir, a encontrar sentidos para sua vida. No seu entender, é a estagnação que traz o fenecimento: “[d]epois, Manuelzão, quando era de estar esmorecido, planejava a capela, a missa; quando em outros melhores ânimos, projetava a festa. Muitos assuntos ele mesmo não sabia que neles não queria pensar” (ROSA, 2001, p. 89).

No trecho em destaque, os movimentos e os preparativos para a festa entusiasma Manuelzão. Sobre o cavalo, a narrativa sugere que ele pastoreia os “campeiros e agregados” tal como rege seus bois. No domínio da festa, Manuelzão não deixa de ser vaqueiro. Mesmo cuidando dos preparativos da festa, não deixava de determinar aos empregados as tarefas diárias. Primeiro, quis a capela. Depois, pôs-se a planejar uma missa e a festa. Estava sempre como vaqueiro, em cima do cavalo. Esforçava-se para acompanhar tudo e, mesmo com o pé machucado, não se detinha, indo e vindo, várias vezes.

O vaqueiro é homem de ação. “Manuelzão, em sua vida, nunca tinha parado, não tinha descansado os gênios, seguira um movimento só.” (ROSA, 2001, p. 85). Agora, com o chegar dos anos, habituado ao movimento, sentia a necessidade perene de buscar alguma coisa. “Manuelzão era o das forças, não se queixava.” (ROSA, 2001, p. 87), não esbarrava. Era preciso ter sempre algo para se fazer. Primeiro, quis construir a capela, depois, pôs-se a planejar a inauguração. Para depois disso, já tinha planejado viajar em comitiva, conduzindo aproximadamente mil cabeças de gado.

A feio o berro do gado é na estrada, em desde cedo, a gente molhado de orvalho, feito se estivesse debaixo de chuvas. O sol esquenta, a lazeira, o gado naquele rém-rém, vagaroso demais, sempre no muito de poeiras. Em horas de comer, a carne-seca mal limpada, com farinhas: os bichos dela saltavam... Tudo se sofria. Maus pastos de pernoite, o arrancho nos descampados, os frios no serros... Mas, sempre tudo não tinha sido assim, toda a vida? Nada nenhum. Por que era, então, que, desta vez, repelia de ir, o escuro do corpo negava suas vontades, e depois a alma se entristecia? (ROSA, 2001, p. 128).

Para conduzir uma boiada, é preciso sair cedo, fazer madrugadas. Aguentar o molhado do sereno, de manhã, e o rigor do sol, no correr do dia. O gado tem um ritmo lento, seguindo pela estrada poeirenta, que a narrativa poética registra por meio da onomatopeia “rém-rém”. No intervalo para o almoço, a refeição é parca, seca: carne e farinha. Sendo que, comumente, há larvas de inseto na carne. A viagem, dificultosa, não propicia meios para se preparar adequadamente o de comer. O descanso é improvisado e, a todo momento, se sofre e se digladiava com o meio. A condução da comitiva parece metaforizar a travessia da vida: há as dificuldades, o cansaço, a caminhada. Refletindo sobre as dificuldades da viagem, Manuelzão percebe uma resistência em seu corpo e espírito, entendendo que, em sua vida, as renúncias eram uma constante.

Grande parte das reflexões de Manuelzão, ao longo do texto envolvem a viagem com a boiada, que aconteceria três dias depois da festa. É evidente a angústia do personagem em admitir a falta de vontade de viajar. A resistência se acentua, como alardeamos em

parágrafos anteriores, após Manuelzão ouvir a estória da Destemida. Em mais de uma vez, deseja que o filho se ofereça para ir em seu lugar, de modo que ele possa ficar em casa e descansar. Quando finalmente Adelço faz esse movimento, Manuelzão recusa o socorro do filho e define que fará a viagem, sendo que, ao término do “Romanço do boi bonito”; já parece despontar altivo e firme para persistir em sua existência de vaqueiro.

O texto se fecha justamente com Camilo narrando a estória do boi inalcançável, o mais formoso da região, que é rendido por um vaqueiro notável. No livro, há uma narrativa dentro da outra, um entrecruzamento de vozes, entrelaçando o vaqueiro Menino e Manuelzão. Como Menino conseguiu vencer o boi encantado, Manuelzão fez desvanecer suas tristezas, inseguranças e receios, reconhecendo que “[c]ada vez a gente tem mais medo. A coragem era só para se avançar mais longe, ir fundar lugar noutra parte. Só isso, ah, sempre” (ROSA, 2001, p. 108). Binária, a existência se firma nos contrários: o medo serve para fazer assomar a coragem, que é mola propulsora, empurrando o homem para novos destinos.

Manuelzão é resistente, tenaz, teimoso, paciente, sério e severo. Não se entrega às vicissitudes do corpo, forçando sua carne até os limites. Por isso não declina da viagem, por isso efetuou todas as tarefas que lhe sentia caber, na festa, mesmo com o pé machucado. Quando o receio da morte e a tristeza da sua condição o faz querer desanimar, reúne forças para mais um rompante, como faz Mariano, quando o perigo o ronda. Rumina seus pensamentos, sucessivamente, buscando sentido para sua vida, suas ações e sentimentos. Observa as pessoas e os animais, aprendendo, em qualquer parte, recolhendo “lérias, letras, alegres ou tristes, pelas voltas do mundo, vindo de longe, de dentro da gente mesmo.” (ROSA, 2001, p. 97-98).

Para Paulo Rónai (2016), em “Rondando os segredos de Guimarães Rosa”, o autor é mestre em projetar, em seus sertanejos, almas abissais. Os vaqueiros, indissociáveis do meio, impulsionam-se por um conhecimento prático, sensíveis ao extraordinário, que orientam por premonições, sonhos e credices. Os vaqueiros de Rosa, seres humanos que são, demonstram medo da morte e da solidão. Quando expostos a situações de tensão, no caso de Mariano, os reais perigos enfrentados, no caso de Manuelzão, a consciência da finitude, as insatisfações e prazeres que vivencia, refletem sobre a vida, sobre seu estar no mundo, buscando sentido para sua existência.

### **2.3 O vaqueiro Lélío**

“A estória de Lélío e Lina” tem como protagonista o vaqueiro Lélío e principia por sua chegada à fazenda do Pinhém, conforme lemos:

Na entrada-das-águas, tempo de afã em toda fazenda-de-gado nos Gerais, um vaqueiro de fora chegou à do Pinhém. [...] De pronto, relancearam o que nele havia a ver, a olho de vaqueiro: rapaz moço, bôa cara e comum jeito, sem semelho de barba nenhum, ar de novidade; com sua roupinha bem tratada: só o chapéu-de-couro baixava muito, maior que a cabeça do dono. Alforjes cheios, saco de dobro na garupa, capa na capoteira; laço estaço – uma “corda” bem cuidada; hampa de vara-de-topar que provava prestança. (ROSA, 2001, p. 105).

Esse vaqueiro “foriço” vem de outra fazenda e busca trabalho no Pinhém, por ocasião das águas, período de fartura no sertão. O clima é úmido e abafado e há água e pasto para o gado, que engorda e viceja. O vaqueiro é exigido para cuidar das reses paridas, conduzir o gado, conter arribações. Havendo muito serviço na propriedade e apresentando-se como filho de Higino, vaqueiro famoso, já falecido, acaba sendo contratado. Suas habilidades só posteriormente serão testadas, visto que sua indumentária: o chapéu, a capa, o laço e a vara de topar já denotavam que estava apto para o trabalho.

Em seu trabalho, tem por colegas e amigos outros onze vaqueiros, relacionando-se também com as demais famílias que moravam na propriedade. Na trajetória de Lélío no Pinhém, vários são os tipos que interagem com ele e muitas são as cenas da vida pastoril retratadas. Há muitas descrições da paisagem sertaneja e várias quadras populares aparecem entrelaçadas ao narrado.

Enquanto nos gerais predominavam pasto e terra pobre, em que “o gado deixado lá às vezes nem cresce, fica de ossos moles, se entortando, no tempo-das-águas em muitos lugares tinham de descer com ele para as caatingas”. (ROSA, 2001, p. 106), no Pinhém a terra era fértil, boa para cultura e para pastos.

Seo Senclér é o proprietário do Pinhém. No decorrer do texto, é revelado que ele passava por dificuldades financeiras e precisaria vender a fazenda para quitar dívidas. No entanto, mesmo assim, os trabalhos todos transcorriam normalmente, sobremaneira o dos vaqueiros, que guiavam e curavam o gado, campeavam reses fugidas. A fazenda era próspera, de solo fértil, rica em pastagens, e as centenas de cabeça de gado distribuía-se pelas vastas terras.

Os vaqueiros solteiros tinham pouso na fazenda, num ranchão-barracão, cheio de sacos, latas de leite, pilhas de couro, cangalhas e outros objetos variados. Havia camas e redes e, mesmo que fosse um ambiente simples, conseguiam descansar com algum conforto. Além

disso, alimentavam-se bem, fazendo as refeições, às horas determinadas, na fazenda. Posto isso, concordamos com as colocações de Luiz Dagobert de Aguirra Roncari (2001), no texto “Irmão Lélío, irmã Lina: incesto e milagre na “ilha” do Pinhém”, que considera que, embora o trabalho fosse custoso, não havia porque nutrir grandes preocupações relativas à subsistência, de modo que o sujeito contaria com tempo livre para se preocupar com questões existenciais, com o prazer e com o amor.

Essas circunstâncias vão ao encontro do que ansiava o pastor, que “estava de alma esvaziada, forro de sombra arrastada atrás, nenhum peso de pena, nem preocupo, nem legítima saudade” (ROSA, 2001, p. 108), parecendo estar em busca de um destino. Lélío evidencia uma necessidade de novidade e de movimento, também presentes em Mariano e, principalmente, em Manuelzão. Uma dificuldade para se encaixar numa rotina, por uma vida inteira. Como se o gosto de galopar pelo campo fosse seu modo de levar a vida. Além disso, demonstra uma sede de já “ter vivido muito mais, senhor aproveitado de muitos rebatidos anos, para poder ter maior assunto em que se reconhecer e entender.” (ROSA, 2001, p. 109). Lélío, vaqueiro jovem, necessita vivenciar mais experiências, para se construir, como homem, para se entender melhor. Seu ofício de boiadeiro é deveras operacional, prático, mas das atividades que exerce e das pessoas com as quais se relaciona pretende extrair matéria para delinear sua própria personalidade.

Antes de vir para o Pinhém, o vaqueiro residia em Tromba-d’Anta. Havia tido um caso com Maria Felícia, casada, e o cônjuge andava desconfiado da relação. Vexava o vaqueiro não apenas a desonra que infligia ao marido traído, mas principalmente o fato de sabê-lo um bom homem. Ao pedir dispensa na propriedade, solicitaram a ele um último serviço: que acompanhasse uma boiada até Pirapora, de lá podendo seguir seu caminho. Na viagem, conheceu um chofer de caminhão, que o instou a abandonar a vida no campo para se tornar motorista. Lélío chegou a experimentar a direção, mas considerou não ter jeito e definiu que precisava mesmo era ser vaqueiro, porque era disso que gostava. Sendo tão jovem, no decorrer do texto entendemos que ele ainda está experimentando e descobrindo a si; no entanto, é necessário frisar que a respeito do trabalho já traz consigo definido que é vaqueiro por afeto, por opção e também por herança, visto que o pai também o fôra.

Na viagem, travou conhecimento ainda com um montes-clarense, arrieiro, que viajava com uma comitiva para Paracatu. O boieiro assentiu de os acompanhar e foi aceito na tropa. Coincidentemente, no grupo viajava uma moça, Sinhá-Linda, a quem Lélío havia visto e por quem passou a nutrir uma paixão.

O vaqueiro idealiza a jovem e nutre por ela um sentimento romântico. Ela, sendo de família abastada, é inatingível, e trata com arrogância e indiferença os esforços que o vaqueiro faz para ser notado. Como já estava disposto a seguir para o Norte, Lélío separou-se do grupo quando o caminho deles iria divergir do seu e, num último momento, ainda guardou esperança de que Moça-Linda o pedisse para ficar. A solicitação não veio e o pastor seguiu seu rumo. Na experiência amorosa do galanteio, o vaqueiro aproxima-se da figura do cavaleiro medieval, que serve à donzela inatingível. A beleza do espaço natural concorre para dar ao local o plano perfeito para a construção de uma história de amor, que, no entanto, resta platônico.

Com a vida ligada ao pastoreio, também o pastor, para descrever os homens, usa como páreo o boi, tal como Manuelzão, como quando diz do Aristó: “Aristó encerrava. Ele tinha o sestro de bulir com o nariz e os beiços, falando, como um boi revolve as ventas ao pastar.” (ROSA, 2001, p. 113).

O boieiro observa as pessoas da fazenda, principalmente os vaqueiros. Sua cordialidade parece exalar um sentido de conforto e segurança e os que se acercam dele acabam por fazer confidências, sobre si mesmos e sobre os outros colegas. Primeiro Delmiro, depois Canuto, fazem revelações que ajudam o jovem a desenhar o perfil de cada sujeito.

Delmiro fala sobre a disposição de cada um, em relação ao ofício. Tomé, jovem e sisudo, era o melhor topador à vara: não tinha medo de nada. Canuto era bom no laço; Lorindão, cavaleiro e peão amansador; Soussouza, benzedor; Lidebrando entendia de gado e Aristó, o mais sábio na lida e, por isso, chefe de todos. J’sé-Jórjo é bom companheiro; Placidino nunca fez mal a ninguém. Pernambo era alegre e bom de versos. Ele, Delmiro, era o mais ambicioso do grupo, idealizando meios de se fazer rico. Canuto, por sua vez, descreve para Lélío aspectos da história de cada um.

Fazendo uma bricolagem, entre o que ouve, vê e vivencia, Lélío vai aprendendo com os pastores e construindo uma impressão própria sobre os outros vaqueiros.

Jsé-Jórjo era calado no atual, mas diverso do Tomé Cássio, que parecia com um luto branco por dentro, e do Lidelbrando, que ao mor de sua natureza não carecer de fala; o J’sé-Jórjo, não, esse dava o ar de que não falava porque não podia, não sabia, como se tudo no interior dele fosse travado de gago. (ROSA, 2001, p. 125).

O boiadeiro observa e admira muito a seriedade e paciência de Lidelbrando, com quem gostaria de se parecer. Simpatiza com a alegria de Pernambo, que conta que já viu muita desgraça, se sentindo satisfeito por estar naquele canto do mundo, ganhando o pão

trabalhando como pastor. Respeita os silêncios de J'sé-Jórjo, que, na maior parte do tempo calado, em uma ocasião revela detalhes íntimos de sua vida a Lélío, como uma recompensa, ao reconhecer nele um amigo. O vaqueiro, bom rastreador, oferece a Lélío o que sabe: quis ensinar-lhe o sutil das marcas do rastreio, como se pode ler nos excertos a seguir: “— Eh, rês fugida faz rastro seguido – não é aquele rastro caracoleado, da rês em logradouro ...” (ROSA, 2001, p. 129). “— Se for de touro já feito, o rastro é maior. O touro tem os cascos bem redondos. Bem volteadas as pontas...O boi capado tem as pontas dos cascos mais finas, já forma as pontas bem compridas...” (ROSA, 2001, p. 131). Nesses ensinamentos de vaqueiro estão configurados ensinamentos para a vida. A proximidade entre o boi e o homem, tema que se repete na ficção de João Guimarães Rosa, evidencia uma relação quase simbiótica entre ambos, o rastro de um leva ao rastro do outro.

Lélío também coleciona sabedorias que foi amalhando ao longo do tempo, mencionadas ou inspiradas por pessoas cujos caminhos se cruzaram com o seu. Da convivência com outros vaqueiros, aprendeu sobre a brevidade da vida, sobre o sentimento de incompletude que o ser humano carrega em si, como se sempre houvesse algo a se fazer, reclamando uma movimentação perene e sem descanso, marcada por inconstâncias e incoerências. É também do convívio com outras pessoas da fazenda, mais precisamente de quando trava conhecimento com a personagem Toloba, que Lélío conclui sobre o equívoco a que pode conduzir a presunção. “Presos debaixo do céu, os homens e os bois sabiam sua distrição.” (ROSA, 2001, p. 143). Irmanados, o gado e o homem, dividem sua existência e reconhecem a aflição inerente à condição de se estar vivo. Em tudo, o vaqueiro ruma. Para refletir sobre seu lugar no mundo, Lélío observa, digere e incorpora em si as lições que considera importantes, moldando sua personalidade a partir dos encontros que sua profissão de vaqueiro lhe propicia.

No trabalho, [b]eiraram belas veredas, buritizais de se querer bem. E o sujo de campos já em pronto revêrde. (ROSA, 2001, p. 129). O cerrado é uma festa de cores, de animais e sons, como lemos no excerto em destaque. A musicalidade dos termos, iniciados com o fonema “b”, evoca ao leitor o som do vento, agitando as palhas dos buritis.

Nesse cenário, os vaqueiros cuidavam das reses. “O gado entendia, punha orêlhas para o abôio, olhavam, às vezes hesitavam. Uns furavam embora, às pragas. Ficavam para depois. Mas o grosso da parte restava, se englobavam em manada extensa, obedeciam de vir. Uns dois centos, sem menos” (ROSA, 2001, p. 116). Na citação, o cotidiano da condução da manada. Os bois entendiam os comandos, o aboio, a maioria se submetia, subserviente. Alguns debandavam, seriam campeados depois. É preciso ter paciência e cuidado. Durante a

lida ou nos momentos de lazer e conversa, Lélío reflete sobre a vida: os vaqueiros ensinavam mansidão.

Além dos vaqueiros, o rapaz, no Pinhém, conhece as tias. Duas senhoras a quem os homens procuravam, quando desejavam favores femininos. Gostavam de estar com homens e prezavam, ainda mais os vaqueiros, que, diferentemente dos lavradores “[v]aqueiro é homem mais em pé, é homem circunspeito...” (ROSA, 2001, p. 135). Na primeira vez em que vai à casa, uma das cortesãs lhe diz: “Descansas, repousado, bem, p’ra te acostumar com o lugar. Boi sempre estranha bebedouro novo...Mas não olha p’ra cima, não repara, que tu só vê é capim e esses fios de picumã... Tudo no Gerais é bom, mas ainda tem muito atraso...” (ROSA, 2001, p. 134). O boi está posto como uma alegoria do homem, em lugares que lhe são estranhos. O gado vacum está arraigado no imaginário da comunidade e, como exposto acima, analogias são feitas para facilitar o entendimento das situações: ao tranquilizar Lélío, buscando deixá-lo à vontade, a tia recorre ao boi que, no entender dela, num raciocínio que compartilha com o vaqueiro, o gado também estranha paragens novas. Além disso, em cada sutileza do enredo, abre-se uma brecha para uma reflexão acerca de questões maiores, como o aparente atraso em que o campo estaria imerso, estando implícito, também no trecho, um jeito de ser do habitante dos Gerais, seu apego às tradições, o jeito manso, simples e tranquilo de viver. Não se trata de uma abordagem panfletária dos problemas – ao contrário: dá-se, aqui, um tratamento estético ao tema: é o capim do “telhado” que revela o atraso; é a opção por um léxico que evidencia a origem das personagens, é a relação de poder e a luta de classes que emoldura o trato do dono do gado com o vaqueiro e vice-versa.

De todas as pessoas que conheceu no Pinhém, no entanto, a que mais marcou o jovem foi a senhora Rosalina, Lina, que teria idade para ser sua avó. Para Lélío, a senhora tinha em si uma nobreza ensinada pela experiência de vida. Ao conversar com ela, o vaqueiro sentia-se em paz, e percebia tantas afinidades que, como se ela fosse um de seus companheiros, às vezes pressentia que não precisava nem conversar para ser entendido.

A simpatia entre ambos nasceu espontaneamente, logo que se encontraram. Lélío, tão desassossegado, passou a encontrar em Rosalina um refrigério para suas dúvidas. “Ela, que sabia ver outras coisas por mais que os buritis e os gaviões, e o caldo dos pastos, verdolengos, que eram o Pinhém.” (ROSA, 2001, p. 165). Ao sentir o coração oprimido, ao não conseguir lidar com suas emoções ou precisar de conselhos sobre como agir, a senhora oferecia o conforto de sua casa e o abrigo de sua sabedoria. Uma extraordinária amizade nasce entre os dois. Lélío passou a buscá-la frequentemente. Em sua companhia, arrefecia-se qualquer nervosismo e tristeza. “Desde aquele ano todo, quase dia com dia, se acostumara a

buscar da bondade dela, os cuidados e carinho, os conselhos” (ROSA, 2001, p. 144). É por Rosalina que Lélío passa a balizar suas relações e atitudes. Sobre a passagem do tempo, diz a senhora: “[u]m dia você ainda vai ver, meu Mocinho: coração não envelhece, só vai ficando estorvado... Como o ipê: volta a flor antes da folha [...] [d]epois, fui vendo que o tempo mudava, não estive querendo ser como a coruja – de tardinha, não se vòa...” (ROSA, 2001, p. 139); sobre a vida: “a vida de verdade era sempre esquisita e fora de regra.” (ROSA, 2001, p. 146), “[l]eis-do-mundo era o desencontro!” (ROSA, 2011, p. 178). As lições de Lina, fruto de suas vivências, são formalizadas a partir das semelhanças que guardam com o existir de plantas e animais sertanejos e, talvez por isso, repercutem no espírito do vaqueiro, visto que, embora tratem de uma experiência que ele não viveu pessoalmente, são trazidas para dentro de seu universo e, por isso, o auxiliam a pensar caminhos novos.

O protagonista reside um ano no Pinhém. Ao fim desse tempo, as possibilidades de casamento restam frustradas e, a exemplo do que motivara sua saída de Tromba D’Anta, começa a pensar que o Pinhém não possui mais nada a oferecer a ele, para que se aprimore como ser humano. Sabendo da decisão, diz Rosalina:

“— Vai, meu Mocinho. Chegou o de ir. Não por fuga, nem por canseira daqui, nem por medo. Mas, o que eu sei, e seu coração sabe, é que a razão da vida é grande demais, e algum outro lugar deve de estar esperando por você...” E dona Rosalina, que nunca mudava, tinha como que naqueles olhos, diversos de todos, um exato de coisas que ele precisaria de um existir sem fim para aprender, mas que cabiam também no momento de um só olhar de bem-querer. (ROSA, 2001, p. 179).

Rosalina entende os motivos de Lélío para partir: ele precisa buscar um destino, um sentido. Ambos lamentam pelo fato de se separarem e a amizade que Lina nutre irradia pelos seus olhos. E então ambos decidem ir embora juntos, por não conseguirem mais viver apartados.

Lélío é afetivo, cordial e guiado pelo seu coração. Ao buscar o Pinhém, está refazendo os passos do pai que, ao abandonar a família, foi viver com uma mulher para os lados do Pinhém. Inclusive, um dos vaqueiros, o Canuto, apresenta-se como afilhado do Higino. O que move Lélío é o desejo de se autoconhecer e de descobrir um sentido para seu existir. Talvez na tentativa de aplacar a angústia que sente, Lélío se apaixona, seguidas vezes, por mulheres inatingíveis e acessíveis. Procura a casa das tias com frequência e, ao começar um caso com Jiní, esposa do Tomé, vivencia a relação intensamente, sem conseguir se desvencilhar. Sente remorsos por trair o amigo, mas não consegue racionalizar. Não é a busca amorosa que o move, mas a sede de se testar, de se saciar, de reconhecer limites.

Para Roncari (2001), por ser uma propriedade privada, fechada, Pinhém favorece a concentração, em detrimento da dispersão. Faz com que o sujeito tenda a se voltar para sua própria vida. A visão de Lélío e a do narrador se confundem, como em “Uma estória de amor”. Na primeira parte do livro, Lélío chega ao Pinhém, busca reconhecer o meio, vivenciar experiências, para amadurecer e se integrar. A segunda parte começa pelo fim de tudo, da venda da fazenda e das pessoas que já se foram. É conduzido então um *flashback*, em que os acontecimentos que conduziram a tal desfecho são detalhados.

Lélío é um bom vaqueiro, trabalhador e conhecedor de seu ofício. No Pinhém, não é destacado o melhor vaqueiro, porque cada um dos doze possui uma afinidade e realiza melhor uma parte do trabalho. Trabalhando em grupo, formam um conjunto competente, uma sociedade em que as partes se integram, harmoniosamente. Talvez por ser jovem, não possuindo uma história individual muito bem definida, como pano de fundo, é cheio de dúvidas e angústias. É da sua natureza refletir, ponderar e, nesse exercício de autoconhecimento não dispensa do auxílio dos outros. Os encontros que suas vivências lhe permitem o ajudam a pensar o mundo, o sistema da vida, formando sua memória e subjetividade.

#### **2.4 A busca da poesia em “Cara-de-Bronze”**

Passaremos agora a “Cara-de-Bronze”. A narrativa, ambientada na fazenda Urubuquaquá, assim descreve o cenário:

Os campos do Urubuquaquá – urucúias montes, fundões e brejos. No Urubuquaquá, fazenda-de-gado: a maior – no meio – um estado de terra. A que fora lugar, lugares, de mato-grosso, a mata escura, que é do valor do chão. Tal agora se fizera pastagens, a vacaria. O gadame. (ROSA, 2001, p. 68).

Uma fazenda de gado, nos Gerais, com chapadas, a vegetação agreste, as veredas e buritis. A propriedade era rica, com seu sobrado de varandas, janelas amplas, batentes de pereiro e sucupira, portas de vinhático. De lá se avistava campo verdejante, só marcado num ponto longe, por um barranco, “rechã, vermelho de grês. Mas, por cima, azulal, ao norte, fechava o horizonte o albardão de uma serra.” (ROSA, 2001, p. 68). O dono de tudo era Segisberto Saturnino Jéia Velho Filho, apelidado de Cara-de-Bronze. O apelido remetia às

feições do fazendeiro, pela cor que assumiram no decorrer de uma vida exposta ao sol e ao sofrimento.

O texto não possui uma narrativa linear. Vamos tropeçando no enredo, aqui e ali nos deparando com recortes da narrativa que precisam ser costurados, para dar uma ideia geral da história. No momento em que o texto começa, há vaqueiros trabalhando, no curral, tentando separar os bois, durante uma forte chuva. Uma boiada havia sido vendida e os vaqueiros procediam à separação das reses. Outros vaqueiros, não diretamente envolvidos nesse serviço, estavam ali por perto, conversando. Na varanda, um tocador de viola. “Negavam gosto na lufa, os que apartavam. Um dia em feio assim, com carregume, malino o chuvisco, rabisco de raios; o gado era feroz.” (ROSA, 2001, p. 69).

Na chuva, os bois ficavam agitados, nervosos. O chão do curral, com lama e esterco, escorregava. E os vaqueiros entendiam não ser momento adequado para aquele tipo de trabalho; no entanto, o Cara-de-Bronze, de dentro de seus aposentos, ordenava que assim fosse. Os vaqueiros são mandados: “Patrão risca, a gente corta e cose”. (ROSA, 2001, p. 70).

Os bois,

[d]e tristes e astutos, viravam gente, cobrando de humano. – “*Desdói disso, juca!*” – xingava o vaqueiro Sãos. “– *Deserta de mim, diôgo!*” – o vaqueiro Tadeu vociferava. Tinha-se para um breve desespero, ante o aproximaço – que eram grandes testas e pontas de cornos, e um côice de vaca tunde como mãozada de pilão, e o menos que havia de pior era desgarrão ou esbarrão. (ROSA, 2001, p. 69).

Com frequência, a perspectiva do olhar confunde-se entre homem e boi. Os bois demonstravam a irritação. A força e os chifres afiados representavam risco, acaso resolvessem debandar ou investir uns contra os outros ou contra os pastores. “Os vaqueiros desembainhavam de suas capas de couro os ferrões” (ROSA, 2001, p. 69) e, armados também de coragem, executavam a tarefa de apartar o gado, enquanto, por si, os bois, ou não queriam ou não entendiam que deveriam se desunir. “Separar bois, se separa as ondas do mar.” (ROSA, 2001, p. 70). Esses comentários, frequentes no conto, miscigenam narração e apreensão filosófica. O cotidiano de bois e homens é também um ensinamento para vida.

Enquanto a labuta transcorria, os vaqueiros mantinham sentido no gado, mas “tinham tento no que dentro da Casa estaria acontecendo. Eles, com ares de grandes novidades.” (ROSA, 2001, p. 69). Estavam curiosos e discutiam entre si o retorno do Grivo que, como na brincadeira do “Boca de forno”, uma das epígrafes do texto, havia partido da fazenda, há dois anos, a mando do mestre, o Cara-de-Bronze, para cumprir missão incógnita. Na segunda epígrafe, é como se o Grivo, ao retornar, tivesse ascendido ao posto de mestre,

porque sua viagem o cumulou de saberes diversos, sobre a beleza, a poesia e as regras do mundo natural, como os descritos na última epígrafe do texto. Como detalha o vaqueiro Mainarte, Grivo saiu em meados de janeiro, tempo das águas. No entanto, a missão era urgente: o velho “[n]em esperou izinvernar, té que os caminhos enxugassem.” (ROSA, 2001, p. 74). Ao chegar, o Grivo foi direto para dentro da casa, para dar notícias ao Cara-de-Bronze. Sua viagem pelos longes do sertão, sem prazos, foi contar ao patrão, conhecedor dos motivos da expedição, em que havia resultado a travessia.

Conforme segue a história, que se desenrola por um dia inteiro, os vaqueiros especulam qual seria essa missão tão imprescindível, que exigiu uma partida em tempos de chuva que, nos gerais, normalmente é grossa, com raios, trovões e ventos, esboroando as estradas e trilhas. Enquanto os vaqueiros confabulam, surge uma narrativa que, embora o texto não indique expressamente, parece esclarecer o passado do Cara-de-Bronze. Muito jovem chegou à região. Trouxe consigo uma rede, dinheiro e um cavalo, que logo morreu. À custa de muito trabalho, a fazenda prosperou. A partida do jovem de sua terra natal se deu porque, revidando um ataque, desferiu um tiro contra o próprio pai, que, estando bêbado, caiu. Julgando que o tivesse matado, Segisberto fugiu, abandonando a noiva, vindo dar no Urubuquaquá. Décadas depois, descobriu que o tiro não havia acertado o pai. Sua noiva havia se casado com outro e constituído família: Idoso – “[o] homem envelhece é porque não aguenta viver, ainda não sabe, e tem medo da morte: então, vai envelhecendo.” (ROSA, 2001, p. 86). Doente, fechado em casa, remoendo solidão e tristeza, “[d]e agora, ele estava ali, olhando no espelho da velhice [...] Oé, o Cara-de- Bronze tinha uma gota-d água dentro de seu coração. Achou o que tinha. Pensou. Quis. Mas isto são coisas deduzidas, ou adivinhadas, que ele não cedeu confiança a ninguém (ROSA, 2001, p. 87).

O passar dos anos trazem a iminência da morte e as limitações da velhice. Doente, sem poder sair do quarto, desolado e triste, Cara-de-Bronze parece ter encontrado em si um último sopro de ânimo, um arranco, elaborando um projeto: escolher, entre seus vaqueiros, um que possa retornar a sua terra natal, observando todas as miudezas do caminho, passarinhos, plantas, cores, sons,

[a] rosação das roseiras. O ensol do sol nas pedras e folhas. O coqueiro coqueirando. As sombras do vermelho no branqueado do azul. A baba de boi da aranha. O que a gente havia de ver, se fosse galopando em garupa de ema. Luaral. As estrelas. Urubús e as nuvens em alto vento: quando eles remam em voo. O virar, vazio por si, dos lugares. A brotação das coisas. A narração de festa de rico e de horas pobrezinhas alegres em casa de gente pobre...(ROSA, 2001, p. 87).

Não queria saber de campeação, de relatos a lida, sobre as roças, o clima, os pastos. Queria alguém para contar o “quem das coisas” (ROSA, 2001, p. 88), de um modo que ele conseguisse revivenciar o trajeto, retornando a seu passado. Interessam as cores, os sons, as pequenas coisas. Grivo retorna e vem casado com a neta da ex-noiva de Cara-de-Bronze, fechando um ciclo, cumprindo uma missão que, aceitando essa leitura, o patrão havia deixado em aberto. Para Daniel Sampaio Augusto (2006), em *Um assunto de silêncios – Estudo sobre o Cara-de-Bronze*, isso fica evidenciado quando Grivo, já fora da casa, em conversa com os colegas, revela que o patrão lhe perguntou como era a rede dada às moças noivas:

Grivo (de repente começando a falar depressa, comovido): Ele, o Velho, me perguntou: — “Você viu e aprendeu como é tudo, por lá?” – perguntou, com muita cordura. Eu disse: — “Nhor vi.” Aí, ele quis: — “Como é a rede de moça – que moça noiva recebe, quando se casa?” E eu disse: — “É uma rede grande, branca, com varandas de labirinto...” (ROSA, 2001, p. 103).

Para Sampaio Augusto, a rede que Cara-de-Bronze trouxe, ao chegar, seria a rede dada à sua antiga noiva. Grivo soube dar notícia e detalhes desse mimo e aqui, o passado e o presente parecem se cruzar na tessitura da rede.

Em nenhum momento Cara-de-Bronze aponta no espaço visível da narrativa, “como um boi quieto, que ainda não deu pra se conhecer...” (ROSA, 2001, p. 80). “O fazendeiro patrão não saía do quarto, nem recebia os visitantes, porque tinha uma erupção, umas feridas feias brotadas no rosto. Seria lepra? Lepra, mal-de-lázaro, devia de ser” (ROSA, 2001, p. 85). O que é esboçado dele vem filtrado, da boca de outros. O texto não é uma sucessão de relatos de vaqueiros, entremeados por construções que ora parecem teatrais, ora enquadradas por uma câmera de cinema.

São muitas vozes e focos, e, conforme Bruno Pucci, André Dela Vale e Artieres Estevão Romeiro, em “Cara-de-Bronze, de Guimarães Rosa: as toadas, o diálogo, as poesias, o enigma”, “o enredo apresenta indícios elucidativos, mas nenhuma solução definitiva.” (PUCCI; DELA VALE; ROMEIRO, 2014, p. 106). As inferências sobre enredo que aqui apresentamos encontram coro nos apontamentos de Sampaio Augusto. A forma como o texto se apresenta, fragmentado, recortado, não traz certezas. O que ora é dito sobre o personagem título, sobre a viagem, sobre o motivo do deslocamento, é uma interpretação: o texto não diz claramente. Constituída de fragmentos, sem linearidade, todo recortes, são muitas as vozes presentes no texto, fazendo com que ele alcance sentidos diversos.

Na fazenda há um cantador, um artista. Sua obrigação reside em fazer versos para enlear e entreter o Cara-de-Bronze. No entanto, ao buscar alguém para empreender a longa jornada, foi entre seus vaqueiros que escolheu um para trazer a poesia do mundo. O vaqueiro, por excelência mestre na observação do meio e do tempo, acostumado à solidão, asceta, vestido de couro, já que “em catingal, esbagaça. O que não for de couro...” (ROSA, 2001, p. 94), poderia ver as entrelinhas dos caminhos e narrar a “massa de lembranças” (ROSA, 2001, p. 97) com o apuro devido. Era preciso que um só viajasse. E o Grivo, que tinha “costume de tristeza: tristeza azul tarde, água assim” (ROSA, 2001, p. 93), medo da solidão e coragem para desbravar os longes do mundo, com o coração desprendido de amores e saudades, foi eleito para a função.

Os vaqueiros vão tecendo a narrativa, enquanto o dia decorre, com seus afazeres cotidianos: “no curral, um touro urra – o urro de rival a faro, querendo amedrontar. Se escuta também uma tosse de vaca.” (ROSA, 2001, p. 80). A vaca tosse, fabular, retoma a sabedoria popular do “nem que a vaca tussa”: o extraordinário acontece.

O cantador na varanda fala de buritis e bois, e os vaqueiros, ocupados e curiosos, aptos a desvendar porquês existenciais, estão incorporados no poético Grivo, humildezinho, de boa inclinação, paciente como o boi, sem raposia, lê o mundo a partir do sertão, pausadamente. Os conhecimentos adquiridos no ofício servem de base e são transfigurados, desdobrados, em questões maiores, universais.

Os vaqueiros em “Cara-de-Bronze” são muitos: Cicica, Adino, Mainarte, Zazo, Grivo, Doím, Sacramento, Tadeu, Fidélis, José Uéua, Muçapira, Zeguilha, Raimundo. Há um “cozinheiro-de-boiada” Massacongô e o questionador Moimeichêgo. As perguntas de Moimeichêgo vão orientando as falas, permitindo que, a partir das respostas vagas dos vaqueiros, a feição do Cara-de-Bronze e o motivo da viagem do Grivo sejam compostas. Esse desfile de personagens parece reiterar uma viagem de boiada, em comitiva, como a efetuada por Rosa, em 1952: há bois, vaqueiros, um cozinheiro, o caminhar. Como acentuado por Elaine Cristina Cintra (1995), no texto “A viagem de Moimeichêgo – um estudo da metapoesia em Cara-de-Bronze”, etimologicamente, o nome desse personagem estaria formado pela reunião da palavra “eu”, como dita em diferentes idiomas. O vaqueiro perguntador seria, assim, o próprio Rosa, figurando em Cara-de-Bronze de modo parecido ao que performou junto à tropa de Manuelzão: vestido de vaqueiro e transbordante de perguntas. Permanentemente em movimento, o pastor leva consigo bagagem singular: o gibão de couro, o ferrão, o chapéu, o cavalo, os quais, metaforicamente, funcionam como meios para que o homem efetue sua travessia pelo mundo, pela caatinga hostil, recolhendo tão somente

conhecimento, visto que os bens materiais pouco significam, em se considerando a brevidade da vida e a inevitabilidade da morte. Para descobrir a beleza e a poesia parece ser preciso ver o mundo pelos olhos de um vaqueiro. É a figura que Rosa legitima para conduzir essa tarefa.

Postos assim, um após o outro, é como se Lélío e Grivo, Mariano e Manuelzão, nessa ordem, funcione assim como um mesmo vaqueiro, em diversos momentos da vida. Na juventude, encarnada pelos primeiros, é evidenciada a angústia da busca pelo “quem das coisas”, a necessidade do autoconhecimento e da poesia. Em Mariano, a maturidade, a conformação ao meio, a reverência à experiência. Em Manuelzão, a tensão por sentir que o corpo já pensa em ceder, quando o espírito ainda permanece vigilante. Em todos, reflexões sobre a finitude da vida e sobre a urgência de se manter sempre em movimento, numa contínua adaptação ao meio.

## 2.5 “Pé-duro, Chapéu-de-couro”: uma síntese

“Pé-duro, Chapéu-de-couro” é o vigésimo texto da coletânea *Ave, palavra*. Partindo de uma circunstância real – a festa de inauguração do Grande Hotel de Caldas de Cipó, na Bahia; o autor mineiro busca traçar uma genealogia histórica e literária para o vaqueiro sertanejo

A narrativa principia assim:

Reunindo redondo mais de meio milhar de vaqueiros, na cidade baiana de Cipó, no São João deste ano, para desfile, guarda-de-honra, jogos de vaquejada e homenagem recíproca entre o Chefe da Nação e os simples cavaleiros do Sertão Ulterior, o que Assis Chateaubriand moveu – além de colocar sob tantos olhos os homens de um ofício grave e arcaico, precisado de amparo, e de desferir admodo um *comando* de poesia – foi algo de coração e garra, intento, amplo, temero, indiminuível (ROSA, 2009, p. 174).

Originalmente, a narrativa foi publicada no Rio de Janeiro, em 1952, n’*O Jornal* (LYRA, 2006). Depois foi reunido a *Ave, palavra*, em 1970. No entanto, extrapola a “métrica” da reportagem jornalística, ao se valer de um discurso, por vezes poético, para dizer mais do vaqueiro do que das circunstâncias políticas da comemoração. A festa em questão significou o encontro entre centenas de vaqueiros, de várias regiões do país que, a convite de Assis Chateaubriand, compareceram, junto a autoridades políticas da época, para inauguração do Grande Hotel Caldas de Cipó. A festa junina do São João foi comemorada com desfiles e jogos de vaquejada naquele ano de 1952. Para Janio Roque Barros de Castro (2012), no

trabalho “As manifestações culturais no contexto das festas juninas espetacularizadas na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano”, as festas juninas merecem destaque, dentre as várias manifestações festivas culturais brasileiras, como prática radicada na memória coletiva, sobretudo no Nordeste, permeada por aspectos religiosos e míticos. Não haveria, assim, data mais oportuna para celebrar o vaqueiro com toda pompa e distinção.

A reunião convocada por Chateaubriand “desembrenha” e “mobiliza” os vaqueiros. Rosa desvela um sentido literário para os festejos e não cuida de descrevê-los denotativamente, mencionando autoridades presentes ou discursos proferidos, nem tampouco detalha as circunstâncias todas que fizeram parte das comemorações. Antes, minuciosa e cuidadosamente, se detém sobre o vaqueiro que, ante seus olhos, é protagonista do evento, estando, inclusive, no mesmo patamar do Presidente da República, maior autoridade política presente, ressaltando que os Cavaleiros e o Chefe da Nação homenageiam-se reciprocamente.

Durante todo o texto, Rosa louva o vaqueiro. Relevante ressaltar que na nota ao pé da página 178, o autor reconhece o tom encomiástico do texto, pontuando: “[s]e exagero, jus para o exagero.” (ROSA, 2006, p. 178). O vaqueiro é merecedor dos elogios que lhe são dedicados. É oportuno que a sociedade reconheça e louve seu valor, sua importância histórica e a relevância do seu trabalho para a economia nacional. O boi e o vaqueiro, singrando os sertões, desbravaram territórios, distribuíram arraiais, favoreceram a ocupação do Brasil e sua configuração como polo pecuário.

O título do texto enaltece o boi e o homem vaqueiro, pé-duro, chapéu-de-couro. A História oficial, baseada em grandes nomes e grandes atos, negou ao “Homo coriaceus”, homem de couro, sua importância. A narrativa de Rosa solicita uma leitura atenta e plural, que dê conta, ainda que parcialmente, de compreender o homem vaqueiro em sua longa “tradição rusticana”.

Buscando traçar a genealogia do vaqueiro, Rosa cuida de localizá-lo na Literatura, dialogando com diversos autores, como acentuam André Tessaro Pelinser e Letícia Malloy, no texto “Ave, a palavra do sertanejo na literatura brasileira” (2014). Daremos atenção ao diálogo com os autores Luis de Góngora y Argote, Tomás Antônio Gonzaga, José de Alencar, Euclides da Cunha, e com o vaqueiro Manuelzão.

É notável o grande número de escritores mencionados na crônica. A literatura percebe a realidade, seleciona recortes do contexto e, ao se voltar para o vaqueiro, reduz a termo suas nuances, de modo a perpetuá-lo, a partir da escrita, refletindo sua prática, seu modo de vida, que supera a violência da natureza que o circunda.

Acrescida aos escritores, a referência ao Manuelzão, que assim é apontado:

Calam, o quanto tanto, esse amor, como a seus demais amores, plantados fundo: pois severas são as vistas de seu meio, onde o bel-prazer e o bem-bom logo se reprovam e qualquer maior abrir de alma se expõe a castigo; como na trova habitual de Manuelzão:

*Querer bem é muito bom,*

*mas é muito perigoso:*

*se eu morrer, eu perco a vida*

*se eu matar, sou criminoso...* (ROSA, 2009, p. 198, grifos do autor).

Rosa acentua a rusticidade e aspereza do ambiente, que acaba internalizado por seus habitantes, sobretudo pelo vaqueiro, que tem na caatinga tórrida seu meio de vida. Para se adaptar e sobreviver ao ambiente é preciso fazer-se duro, impenetrável. Embora consideremos bastante apropriada a forma como Pelinser e Malloy trouxeram a referência a Manuelzão, no excerto transcrito, optamos por entendê-lo aqui na orientação metonímica em que está no texto. Em “Pé-duro, chapéu-de-couro”, Manuelzão é citado como vaqueiro, sintetiza esse espírito que carece de ser olhado de perto para que se dê conta de falar sobre ele. Sua personalidade ganha contornos mais complexos, já que, além do homem rude, o trecho permite vislumbrar igualmente a alma artística, sensível, que entoia versos que falam de dor.

Na epígrafe do texto, estão postos versos de Góngora:

— Qué buscades, los vaqueros.

— Una, ay, novilleja, una...<sup>5</sup>

(Góngora).

(ROSA, 2009, p. 174)

Rosa, recorrendo a Góngora, assinala seu texto com marca indelével, já consagrada, atrelando-o a um cânone. Em tradução livre, nos versos há um interlocutor que se dirige a alguns vaqueiros, questionando o que procuram. Eles retorquem afirmando que estão buscando uma ovelha. Uma só ovelha. Nesse ponto, podemos inferir um diálogo com a Parábola da Ovelha Perdida (BÍBLIA, *Mateus*, 18, 12-14.), texto bíblico no qual um pastor empreende a busca por um animal que se perdeu do rebanho. Assumindo essa leitura, os vaqueiros, logo no início do texto, são tidos como persistentes, tenazes, buscando uma ovelha para reintegrá-la ao rebanho. Metaforicamente, guardam em si, então, características que os aproximariam de Jesus, que, em vários momentos das Escrituras, é assemelhado a um pastor.

Para dizer do vaqueiro na série literária brasileira, o autor conclama Tomás Antônio Gonzaga, José de Alencar e Euclides da Cunha, conforme podemos ler:

---

<sup>5</sup>— Que buscam, vaqueiros.

—Uma, ai, ovelha, uma...

(Tradução nossa).

[...] de começo, nossa volumosa lida pastoril, subalterna e bronca, desacertava das medidas clássicas, segundo se sente do árcade:  
 Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,  
 Que viva de guardar alheio gado,  
 De tosco trato, de expressões grosseiro... (ROSA, 2009, p. 175).

Conforme assinalado no trecho, o vaqueiro brasileiro não se adéqua à métrica neoclássica: não é um correspondente do pastor árcade. Sua alusão em Tomás Antônio Gonzaga configura-se, de fato, em uma elisão. Digna de nota, no entanto. Em Gonzaga, a partir do trecho, inferimos um pastor que está mais para um proprietário de terras e de gado. Ele não sobrevive de cuidar dos bois de um outro. Não é como o Ausébio ou o Aristério do texto do escritor mineiro:

Chama-se Ausébio, vaqueiro baiano, de Inhambupe. Vaqueiro à certa, à antiga, trabalhando “a cabelo”.  
 — A cabelo?  
 — “Quatro: um...” - responde.  
 Em cada quatinca de bezerros, um é a sua paga, no *sistema de sorte*. (ROSA, 2009, p. 185, grifos do autor).  
 e  
 Aristério – José Aristides do Nascimento, mas o velho Aristério. Setenta anos de vaqueiro, de campeão efetivo, toda essa era transcorrida num lugar, na fazenda do Pandeiro – “no Pandeiro”.  
 Porém velho ainda desdobrável, servível, coração de fibras rijas. Trabalha até hoje em dia. (ROSA, 2009, p. 186).

No primeiro excerto, curioso o itálico em *sistema de sorte*. Em sentido lato, sistema pressupõe uma organização, uma ordem determinada. Talvez o grifo advenha do aparente paradoxo da expressão, pois o termo sorte passaria a ideia de acaso, de eventualidade, noções que não seriam esperadas em um sistema.

O vaqueiro nesse texto é um profissional, um trabalhador. Sua essência advém do seu labor. Obtém seu sustento cuidando do gado, em troca de uma paga em que, por vezes, a moeda é a rês. O vaqueiro está, então, a serviço, mas, como observa Rosa, é “[u] servo solitário, a que se obedece” (ROSA, 2009, p. 192), no sentido que, embora não seja o proprietário, é pelas suas mãos que os terrenos são desbravados e o gado conduzido, gerando riquezas. Na ausência do proprietário, é o vaqueiro o administrador, a figura a ser obedecida. É, no entanto, também um empregado. A contradição da expressão é só aparente, tendo em vista que o vaqueiro alterna os papéis de patrão e servo. O vaqueiro trabalha e recebe como pagamento um bezerro a cada quatro que nascem, constituindo assim seu próprio rebanho, lenta e gradualmente. Se o eu de Gonzaga precisa se desvencilhar de condições que, digamos,

seriam próprias a um vaqueiro, para poder afirmar-se, em Rosa esse personagem vale justamente pelo que lhe é inerente enquanto cuidador de bois.

Gonzaga também acrescenta que não é um vaqueiro de “tosco trato, de expressões grosseiro”. No autor, o vaqueiro é um disfarce: o que se tem é um indivíduo abastado que se faz passar por pastor perante a amada, pois seria o eu-lírico mais adequado para frequentar os cenários bucólicos em que as histórias se desenrolam. Trata-se então de um homem sensível, de boas maneiras e traços harmoniosos. Por seu turno, o vaqueiro de Rosa pertence à caatinga, o “homem pé-duro. [...] Austero é que tem mesmo de ser, apertado de estóico. É o posteiro menor, o vavassor da brenha, homem a quem os morcegos chupam o sangue.” (ROSA, 2009, p. 193). O boieiro rosiano vive a vida com rigor, servil às regras da natureza, à mata brava. O pastor de Rosa é o homem de natureza nacional, sertanejo, com cheiro de boi, de trato rude, de fisionomia e comportamentos afeitos a um ambiente em que só o árido resiste.

O que é caro ao vaqueiro propriamente dito é renegado no pastor de Tomás Antônio Gonzaga. Rosa retoma o bardo árcade para acentuar o valor do vaqueiro em sua plenitude, como cuidador de gado, congregando todos os aspectos da sua constituição como sendo dignos de nota e de valor: ficcionaliza o vaqueiro real. O que diferencia o vaqueiro do poeta árcade daquele do escritor de Cordisburgo é que neste último não há idealizações, nem modelo clássico que lhe sirva de medida; ele surge, ativo, em sua posição social e antropológica bem definida e valorizada.

Nas palavras de Rosa, é assim que, no século XIX, José de Alencar aborda o vaqueiro:

Assim a apanhou Alencar - a figura afirmativa do boieiro sertanejo – passando-a na arte como avatar romântico, daí tomado, bem ou mal, por outros, à maneira regional ou realista, mas indesejado da sugestão são de epopéia, porquanto sua presença – esportiva, equestre, viril, virtualmente marcial – influi esse tom maior romanceável (ROSA, 2009, p. 176).

A obra aludida na citação é *O sertanejo*, publicado 1875 – que é protagonizada pelo vaqueiro Arnaldo, “um homem protetor da natureza de sua terra natal” (ROCHA, 2012, p. 1), mitificado pela narrativa. Em Alencar, o boieiro sertanejo passou à literatura como representante da “cor local”, de valores elevados de tenacidade, esforço e inteligência. Seus feitos o laureariam como herói guerreiro, figura digna de ser retratada em epopeia. Diz Alencar:

Esta imensa campina, que se dilata por horizontes infindos, é o sertão de minha terra natal.

Aí campeia o destemido vaqueiro cearense, que à unha de cavalo acossa o touro indômito no cerrado mais espesso, e o derriba pela cauda com admirável destreza (ALENCAR, 19-- , p. 1).

O livro tem início com a descrição da paisagem e do labor do vaqueiro cearense. Há a referência ao gado, ao aboio, ao sertão. O sertanejo do título é Arnaldo Louredo, homem destemido e trabalhador, que vive um amor interdito. Arnaldo se mostra também egoísta e teimoso, visto que o objeto de sua paixão, a jovem Flor, filha do patrão, não o interessa enquanto mulher, mas sim como objeto de adoração. Despreza a chance de se casar com ela e afasta todos os pretendentes, sendo inclusive o responsável pelo assassinato de um deles. Arnaldo persegue Flor, de longe, secretamente, alegando querer protegê-la; no entanto, seu comportamento beira o obsessivo. Persiste no projeto de mantê-la solteira e intocada, a despeito dos desejos e projetos da moça. Nesse ponto, embora inteligente, tenaz e exímio vaqueiro, transparece a humanidade de Arnaldo, ao revelar sentimentos mesquinhos de sua personalidade. O vaqueiro não é um deus, é um homem, com grandezas e fraquezas. Ao mencionar o texto, Rosa o amplia e modifica, contando como vaqueiros

[g]aúchos meridionais, peões mato-grossenses, pastoreadores marajoaras, e outros de muita parte para dentro desses extremos geográficos; como vaqueiros propriamente os do rugoso sertão que ajunta o Norte de Minas, porção da Bahia, de Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande, Ceará, Piauí, Maranhão, Goiás (ROSA, 2009, p. 176).

O vaqueiro de Rosa é um “espírito glório e contreito, uma séria hombridade maior, um *tonus* conquistado de existência.” (ROSA, 2009, p. 190). Os vaqueiros de Rosa são honestos, trabalhadores, mas também humanos, demonstrando sentimentos menos nobres, como medo e insegurança. Moldados pelo ambiente, tendem a ser agrestes e teimosos.

Há duas situações no livro de Alencar que encontram correspondência na ficção de Rosa analisada aqui. Em um episódio, o fazendeiro, ao retornar para a sede com a família, vê a filha seguir a frente de todos, com pressa de estar logo em casa. Adiante, a moça se depara com uma queimada, quase sucumbindo ante as chamas. Em seu socorro, secretamente, corre Arnaldo, que a arrebatou e a deixa, em segurança, na sede. Outro ponto se refere à caça que um grupo de vaqueiros empreende a um boi, o mais bonito da região, que permanecia sem dono no sertão, por não ter aparecido vaqueiro que lhe fosse páreo. Ambas as situações aparecem nos textos de Rosa: a primeira, pela boca de Mariano, que também se viu cercado por um incêndio, no cerrado. A segunda se assemelha ao “Romanço do Boi Bonito”, aludido por Camilo, em “Uma estória de amor” e também lembrado por Guimarães Rosa em “Pé-

duro, chapéu-de-couro”. No caso da queimada, parece ser uma situação cotidiana no sertão, visto tratar-se de uma prática vinculada à atividade agrícola, de preparo do solo. O problema acontece quando a queimada sai do controle e se converte em incêndios de grande proporção. Em relação à história do boi, é a perpetuação de uma narrativa, oral, que encontrou espaço na literatura, sendo veiculada por Alencar e, no século seguinte, também por Rosa. A história faz parte da cultura sertaneja, sobrevive no imaginário da comunidade. Tanto em Rosa quanto em Alencar, os episódios servem para louvar a coragem, a grandeza, a força do vaqueiro.

Sobre o aboio, diz Alencar: “Aí, ao morrer do dia, reboa entre os mugidos das reses, a voz saudosa e plangente do rapaz que abóia o gado para o recolher aos currais no tempo da ferra” (ALENCAR, 19--., p. 1). Rosa parece complementar: “[v]i o aboiador, mão à boca, em concha, sustenir um toado troco” (ROSA, 2009, p. 179). Postos assim, os excertos se integram, como se estivesse Rosa ouvindo soar o rebo do canto trazido por Alencar. O aboio “fala ao bovino como interjeição direta” (ROSA, 2009, p. 179), e o gado, compreendendo as orientações, obedece ao som, século após século. Para Adriano Caçula Mendes (2015), no trabalho *Aboio no sertão paraibano: um canto no trabalho, um trabalho no canto*, cantar para o gado é uma atividade secular, comum a todas as regiões em que há atividade pecuária. É uma melodia melancólica, geralmente, uma vocalização entre as vogais A e O. Na marcha das boiadas, para conduzir o gado ao curral ou resgatar reses fugidas, o aboio tranquiliza o boi, chama-o. A cadência do canto é entendida pela rês, que atende à solicitação do vaqueiro.

Prossegue Alencar:

Vestia o moço um traje completo de couro de veado, curtido à feição de camurça. Compunha-se de véstia e gibão com lavores de estampa e botões de prata; calções estreitos, bolas compridas e chapéu à espanhola com uma aba revirada à banda e também pregada por um botão de prata. Ainda hoje êsse traje pitoresco e tradicional do sertanejo, e mais especialmente do vaqueiro, conserva com pouca diferença a feição da antiga moda portuguesa, pela qual foram talhadas as primeiras roupas de couro. (ALENCAR, 19--., p. 5).

As vestes se assemelham às usadas pelos boieiros descritos por Rosa. “Tudo couro. Dentro do couro, os homens.” (ROSA, 2009, p. 181). Preciado de se impor ao ambiente, o vaqueiro se veste de couro, metamorfoseando-se em fera, para irromper através do cerrados, dos Gerais, carrascos campos, caatingas, ambientes áridos e rústicos, guiando as boiadas, desenvolvendo formas para se acomodar ao ruim da terra.

Este é o cenário sertanejo, para Alencar:

Pela vasta planura que se estende a perder de vista, se ericam os troncos ermos e nus com os esgalhos rijos e encarquilhados, que figuram o vasto ossuário da antiga floresta. O capim, que outrora cobria a superfície da terra do verde alcatifa, roído até à raiz pelo dente faminto do animal e triturado pela pata do gado, ficou reduzido a uma cinza espessa que o menor bafejo do vento levanta em nuvens pardacentas. O sol ardentíssimo cõa através do mormaço da terra abrasada uns raios baços que vestem de mortalha lívida e poenta os esqueletos das árvores, enfileirados uns após outros como uma lúgubre procissão de mortos. (ALENCAR, 19--., p. 3).

Descrevendo a paisagem, na época da seca, Alencar não poupa adjetivos para dizer o quanto o ambiente é desolador: o sol inclemente, a vegetação de galhos retorcidos, tal qual viventes em agonia. O solo seco, a poeira solta, como se restos de uma floresta incendiada. Não parece haver qualquer intenção de mascarar uma realidade: assim é o sertão. Pelo menos “nessa época”, conforme frisa o autor. Na época da seca. Como após um incêndio resta o mormaço, um bafejo quente, a poeira, embaçando a vista, e os esqueletos dos seres consumidos pelo fogo.

Na ficção de Guimarães Rosa, “[...] a caatinga lívida “onde, subida a seca, só pervive o que tem pedra na seiva, o que é em si hispido, armado, fechado” (ROSA, 2009, p. 194), a paisagem de Rosa se assemelha à narrada por Alencar. Percebemos a secura, o fogo, os galhos tortuosos. O sertão de Alencar e de Rosa confundem-se. Nas primeiras chuvas, no entanto, assim que a água toca o solo, esses seres desencantam-se e revivem: o verde reveste a paisagem outrora pardacenta. A vida lateja no íntimo do semiárido, em lenta espera, aguardando condições propícias para se revelar. Os troncos de casca grossa, os espinhos, os galhos tortos, é a armadura com a qual a flora se reveste para resistir.

Consoante à aproximação do texto rosiano com narrativa de Euclides da Cunha, em “Pé-duro, chapéu-de-couro”, encontramos:

[...] quem tirou à luz o vaqueiro, em primeiro plano e como essencial do quadro – não mais mero paisagístico, mas ecológico – onde ele exerce a sua existência e pelas próprias dimensões funcionais sobressai. Em *Os sertões*, o mestiço limpo adestrado na guarda dos bovinos assomou, inteiro, e ocupou em relevo o centro do livro, como se de sua superfície, já estatuido, dissesse de se desprender. E as páginas, essas, rodaram voz, ensinando-nos o vaqueiro, sua estampa intensa, seu código e currículo, sua humanidade, sua história rude (ROSA, 2009, p. 177).

O texto euclidiano, publicado em 1902, tem como pano de fundo o conflito de Canudos, e, ao descrever a terra, o homem e a guerra, lança sementes para se pensar num Brasil de raízes sertanejas, que possuísse no sertão o embrião de sua particularidade, enquanto

povo, como afirmam Rita de Cássia Martins Oliveira e Shirley Ferreira (2002), no texto “Literatura e identidade nacional: desafios do Romantismo e Modernismo Brasileiros”. Para Rosa, Cunha evidencia o vaqueiro por suas dimensões funcionais, ou seja, pela atividade que exerce, prestigiando sua biografia, suas vivências e seus saberes instintivos. Pelo olhar euclidiano, que aborda o sertão científica e literariamente<sup>6</sup>, tem-se que, dada a violência com que a natureza tratava o homem, exigindo que ele mobilizasse suas energias, quase todas, na luta pela sobrevivência, impediria o desenvolvimento de uma consciência elevada, ou civilizada, que, nesse viés, só seria possível se as necessidades básicas por conforto e alimentação estivessem plenamente saciadas. Euclides da Cunha parece ter chegado ao sertão convicto de que se depararia com exotismo e barbárie. Conforme adentra a região e apreende o sertanejo, redimensiona seus pontos de vista, concebendo a figura como parte importante do processo de constituição da nação.

O texto é dividido por Euclides da Cunha em três partes e, aparentemente, também o escritor se desdobra em três figuras: Em “A terra” cuida de descrever, minuciosa e cientificamente, a geografia das paisagens sertanejas, em muitos momentos assemelhada a um habitat desértico. Em “O homem”, a partir de um ponto de vista antropológico e sociológico, volta-se para o sertanejo. Na última parte, “A luta”, descreve, como jornalista, o conflito, não se eximindo de apresentar sua visão pessoal sobre aquilo que considerou, na “Nota Preliminar” da obra, um crime.

Para Rosa, em Euclides da Cunha, no entanto, o ciclo se encerra (ROSA, 2009, p. 177): “[d]e então tinha que ser como se os últimos vaqueiros reais houvessem morrido no assalto final a Canudos. Sabiam-se mais distanciados, no espaço menos que no tempo, que nem mitificados, diluídos.” (ROSA, 2009, p. 177). É como se o vaqueiro tivesse sucumbido junto ao povoado de Canudos. A terra ignota resgatada em *Os sertões* é, novamente, e por décadas, relegada ao ostracismo; em certo sentido, até cumprindo a profecia euclidiana, de que “[d]e sorte que sempre evitado, aquele sertão, até hoje desconhecido, ainda o será por muito tempo.” (CUNHA, 1984, p. 14). No entanto, como Rosa revela, “[d]ensas contudo respiravam no sertão as suas pessoas dramáticas, dominando e sofrendo as paragens em que

---

<sup>6</sup> *Os Sertões* foi publicado em 1902. Conforme César Gonçalves de Oliveira, em dissertação intitulada *Quant’Os sertões: Escrita e experiência literária*, (2011), o livro de Euclides da Cunha narra a Guerra de Canudos, conflito ocorrido no sertão baiano, no final do século XIX. Correspondente da *Folha de São Paulo*, Cunha documenta o conflito que culminou com a aniquilação do povoado pelas forças militares do governo. *Os sertões* seria a transcrição elaborada e artística da Caderneta de Campo de Cunha, consistindo numa “poética científica” (OLIVEIRA, 2011, p. 60), em que o uso de termos técnicos das áreas de Botânica, Geografia, Geologia e História revestem-se de valor estético.

sua estirpe se diferenciou.” (ROSA, 2009, p. 177): os sertanejos persistiam, os vaqueiros subsistiam, em sua lida rude com o meio.

A convocação de Chateaubriand traz os vaqueiros para o palco, como protagonistas no espetáculo de construção do identitário nacional. Rosa compartilha do objetivo de Chateaubriand, que parece ter sido também, talvez não conscientemente, ou não num primeiro momento, o projeto de Euclides da Cunha, de extrair e dar visibilidade ao vaqueiro real, à sua transcendência e à sua maneira de ver o mundo. O vaqueiro nômade, fixo, bestiário, generoso, singelo, herói, atleta ascético. O vaqueiro prudente e ousado, fatalista dinâmico, corajoso tranquilo. (ROSA, 2009, p. 192). O vaqueiro em sua configuração original, com os aspectos que lhe são inerentes: os deslocamentos contínuos, a simplicidade, o modo como conforma seu corpo para resistir às dificuldades impostas pelo meio e pelo ofício, com coragem e paciência.

Cunha deu ao vaqueiro sua exata dimensão. No entanto, as eras posteriores pecaram ao enterrar o vaqueiro na mesma vala destinada ao povoado idealizado por Antônio Conselheiro. O que Rosa intenta é dar ao vaqueiro espaço social e voz, evidenciando-o em suas peculiaridades, em seu meio e em seu trabalho.

O ambiente sertanejo, para Rosa, é aquele “onde os rios são voláteis, os dias são o sol, as noites brusca escuridão, a água obtida obnãotida, pasmosa a solidão, as tempestades pesadas, soltas as ventanias, sem cara certa” (ROSA, 2009, p. 193): a escassez de água, a solidão das grandes extensões de terra, os ventos fortes e as chuvas raras, mas bruscas. Os vaqueiros “montados, bem estribados, como vistos, quase não se via “o homem permanentemente fatigado”, o “desgracioso, desengonçado, torto” euclidiano” (ROSA, 2009, p. 184). Para o escritor mineiro, o sertanejo realiza-se, plenamente, quando, vestido de vaqueiro, parece sublimar qualquer fraqueza física que sua compleição poderia ensejar, dedicando-se a um ofício em que o perigo e o risco fazem parte do cotidiano.

Em *Os sertões*,

Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante... (CUNHA, 1984, p. 19).

A natureza sertaneja euclidiana é mais prolixa na descrição, mas é o mesmo ambiente trazido por Rosa e, por assim dizer, também por Alencar. O inóspito do clima, a aridez do solo, os galhos retorcidos, os espinhos. O cenário repele, denota hostilidade e desolação, afugenta. A vegetação parece ter sido submetida à rigorosa tortura. É como um aviso de que a vida, ali, exigirá sacrifícios extremos. As cascas são grossas, para minimizar a perda de água, as raízes são profundas, para garantir a máxima absorção de nutrientes, os galhos se retorcem, aparecem espinhos, as folhas são grossas e pilosas; em tudo, uma atitude de defesa.

O sertanejo euclidiano é um forte, mas desgracioso, Hércules-Quasímodo, por ser resistente e desengonçado. A postura é abatida e o andar é sem firmeza. O sertanejo euclidiano é torto, como é torta a vegetação que lhe serve de fundo e seu andar cambaleante parece apropriado às trilhas que se desenham no sertão. E é forte, como são fortes os seres que se adaptam e sobrevivem ao clima inóspito. Os gestos são vagarosos, a postura é de reflexão, parecendo sempre tender à inércia. O ambiente reclama isso: é preciso resguardar as forças, devido às condições adversas a que o sertanejo é submetido. Como aponta a última frase da citação, no entanto: “toda essa aparência de cansaço ilude”. Tal qual a vegetação da caatinga, o sertanejo parece ter desenvolvido uma casca e uma postura que o protegem dos rigores do meio. Para Cunha,

[o] vaqueiro, porém, criou-se [...] em uma intermitência, raro perturbada, de horas felizes e horas cruéis, de abundância e misérias – tendo sobre a cabeça, como ameaça perene, o sol, arrastando de envolta, no volver das estações, períodos sucessivos de devastações e desgraças. [...] Cedo encarou a existência pela sua face tormentosa. É um condenado à vida. [...] Fez-se forte, esperto, resignado e prático. Aprestou-se, cedo, para a luta. (CUNHA, 1984, p. 52).

O vaqueiro sertanejo possui sua configuração em função do ambiente, que o moldou e exigiu dele que se conciliasse, que se harmonizasse com o cenário, para que não sucumbisse. Em Rosa, analogamente, é o vaqueiro sertanejo reflexo da caatinga, “tórrida, hórrida, que é pedra e cacto e agressivo garrancho, e o retombado escorrer do espinhal, o desgrém de um espinheiro só, tranço de cabelos da terra morta ou reptar de monstro hirsuto, feito em pique, farpa, flecha, unha e faca”. (ROSA, 2009, p. 182). Para o vaqueiro, sucedem-se momentos de tranquilidade e fartura e horas de desconforto e escassez. No clima do sertão predomina o sol quente, um calor forte, que obriga a uma busca contínua por água e alimento. O vaqueiro precisa ser inteligente, para lidar com seu entorno e com o gado, seu companheiro de trabalho, precisa ser paciente, tenaz e persistente: tais atributos são indispensáveis para a

luta a que se destina.

Euclides da Cunha aponta que a postura desgraciosa do sertanejo é apenas aparente: quando a circunstância o exige, ele se apruma, heróico e forte, para responder à demanda. Cunha, para dizer da transformação que se opera no sertanejo, contrapondo o momento do ócio ao momento da ação, cita como exemplo uma circunstância que conclama o vaqueiro à prática: a fuga de uma rês. “[Q]uando o bovino abre suas hostilidades. Nas vaquejadas, ou na brutalidade das apartações – pesadelos nos currais grandes, por entre a poeira parda-verde do estrume e estrondos e mugidos de feras violentadas” (ROSA, 2009, p. 194). O vaqueiro se põe em ação, determinado, alinhado e forte, mobilizando seus saberes, para manter o rebanho em ordem. Seria então como vaqueiro que o sertanejo se realizaria como mito, se tomarmos as referências feitas pelo autor à Mitologia Grega, a Hércules ou as analogias estabelecidas com titãs e centauros. Esse tom epopeico, da mesma forma, perpassa a narrativa de Rosa, ao tratar dos cuidadores do boi, “que lutavam com anjos” (ROSA, 2009, p. 175), ou seja, que desafiavam divindades. O vaqueiro, acudindo ao chamado de seu ofício, apresta-se, forte e bem preparado, para a demanda. O aparente cansaço cede lugar para a altivez e, aprumando-se sobre seu cavalo, vestido de couro, o boiadeiro ganha seu pão, ágil, empertigado, prático e eficiente.

Rosa se coloca como testemunha ocular, reiterando que esteve lá, em Caldas do Cipó, e contemplou “[a] cavalaria de seis centenas de cavaleiros toscos, rijos de velha simpleza e arrumados de garbo, célebres semostrados no enorme fouvo nativo de seus trajes: cor de chão ou de terra ou de poeira, ou de caatinga seca de meio-do-ano; cor de suassurana; digamos: cor de leão.” (ROSA, 2009, p. 178). Os vaqueiros são afeitos às solidões, trabalham sozinhos ou em pequenos grupos. O que houve em Caldas de Cipó foi inédito: a reunião de um grupo tão numeroso de boieiros. Cada um representando, nas vestes e no proceder, as peculiaridades de seu sertão. Vistos assim, reunidos em grande número, falando em nome de tantos lugares, de prontidão, conforme Rosa, quase não deixavam antever o desajeitado descrito por Cunha. Rosa parece admirar o garbo e o porte dos vaqueiros justamente por vê-los prontos para o embate, vestidos com cores de feras, belicosos.

Assim como Rosa, Cunha descreve as vestimentas dos vaqueiros:

O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado (CUNHA, 1984,

p. 53).

O vaqueiro de Cunha veste uma armadura de couro para não sucumbir à caatinga, assemelhando-se a um campeador medieval. Prevalece um tom pardo, cor de poeira, que o faz confundir-se com o meio. Rosa igualmente fala do couro da roupa: o pastor reveste-se do couro do bode, do veado, do boi, animais que resistem ao ambiente árido. O vaqueiro está intimamente ligado à natureza: dela retira seu sustento, e a partir dela, configura sua fisionomia.

Cunha aborda o vaqueiro em sua lida, o sistema de trabalho. O proprietário, ausente, confia terras e rebanhos aos vaqueiros. Como Federico Freyre entregou suas posses a Manuelzão. Envolto em seu traje de couro, o boiadeiro cuida com desvelo dos bois, conduzindo-os em meio à aridez do ambiente, sem descanso, com pouco ou nenhum conforto. Quando as vacas dão cria, o boieiro marca o bezerro com o sinal do patrão e, a cada quatro, recebe um como paga pelos serviços, cumprindo fielmente esse contrato apalavrado.

Ao serem interpelados, pelo nome, Alencar, Gonzaga e Cunha são conclamados a falar sobre o vaqueiro num texto que talvez pretenda funcionar como síntese dos estudos, efetuados até então, que tiveram como *corpus* essa persona. Rosa usa o texto de Gonzaga como contraponto, como marco introdutório para dizer da emergência do vaqueiro na literatura. Em se tratando de José de Alencar, “Pé-duro, chapéu-de-couro” parece aproveitar o tom romanceável. Compartilha dos valores atribuídos ao vaqueiro e da descrição da natureza sertaneja, transpondo-os para sua narrativa.

*Os sertões* é a principal referência de Rosa para a composição de “Pé-duro, chapéu-de-couro”. Não só pela frequência com que o autor reclama a fala de Cunha, mas também por traços estilísticos que assemelham as duas obras: a ressonância epopeica, a divisão em várias partes, a riqueza em referências, o cuidado na descrição, a riqueza de detalhes. De início, Euclides da Cunha parece olhar o sertanejo de soslaio, com certa desconfiança. No entanto, conforme avança a narrativa, é como se fosse se desvestindo da roupagem cientificista e determinista, visto que, subordinado a elas, não conseguiu abarcar o sertanejo em toda sua substância. Não é possível falar apenas em leis naturais imutáveis, as quais as subjetividades estariam subordinadas. Ao conviver com o sertanejo, Cunha o vai percebendo como um forte, torto, desengonçado, que precisou se adaptar ao inóspito, ao tórrido e horrível do ambiente, para encontrar formas de subsistir.

O autor mineiro recolhe, de muitas fontes e momentos, fragmentos sobre o vaqueiro, transitando no espaço e no tempo. “Pé-duro, chapéu-de-couro” reúne um todo,

unificado e coerente, efetuando uma exposição do vaqueiro em sua função, com sua indumentária e proceder. Nos vaqueiros reunidos em Cipó inferimos um Grivo, um Manuelzão, um Lélío, um Mariano e tantos outros vultos de pastores que atravessam os textos rosianos.

Na narrativa, o escritor mineiro, em detalhes, descreve os vaqueiros presentes em Caldas do Cipó. Fala do homem e do boi, da vaqueiragem, da caatinga, do couro, dos chapéus, dos cavalos e das selas. Na festa idealizada por Assis Chateaubriand, o país marcha do litoral para o sertão, parecendo encontrar no vaqueiro sertanejo o símbolo, tendo-se que as “melhores raízes da nossa alma [estariam] nesta ordem sertaneja que agora nos chama” (ROSA, 2006, p. 191).

A epopeia elaborada pelo autor de *Grande Sertão: veredas* tem por matéria-prima o vaqueiro, que existe nos rincões sertanejos, coração do Brasil. O pastor representa sua realidade, honradamente, sua conformação e propósito. A festa em Cipó valoriza os hábitos, e comportamento, a indumentária, a cultura, a experiência do boieiro sertanejo, ressaltando sua importância e, por extensão, a relevância da região de que faz parte.

No texto rosiano, o vaqueiro é apresentado, em suas várias nuances, desde a indumentária, até os valores que professa e o modo como procede. O que Rosa edifica é uma arqueologia para o vaqueiro e, de pincel em punho, espana a poeira acumulada por séculos de uma trajetória folclórica, histórica, literária, atemporal e mítica.

Ao descrever os vaqueiros em “Pé-duro, chapéu-de-couro”, Rosa os identifica como descendentes de africanos, europeus e índios. Está aqui representada quase que a totalidade dos povos do mundo. “Pé-duro, chapéu-de-couro, pode, então, “simbolizar metonimicamente todas as experiências humanas” (PELINSER; MALLOY, 2014, p.137). Rosa parece oferecer uma resposta poética a uma humanidade, que deve reencontrar-se com suas origens, para refletir sobre sua natureza e seu lugar no mundo, como membro de imensa família cujas ramificações, aparentemente, conectam todos os homens a partir de um ancestral comum: o encourado.

O boieiro, como exposto na ficção de Rosa, é um homem simples, acostumado à rusticidade do sertão, à dureza da vida, às renúncias, à escassez de alimento, de conforto e de água. Encarna um peregrino permanente, sempre em movimento, pioneiro, desbravador de territórios hostis, domador e companheiro do gado. O movimento que efetua externamente reflete também sua inquietude interior, que o leva a refletir continuamente sobre seu estar no mundo. Suas meditações, integradas ao seu modo de vida, derivada de seu ofício e das relações que estabelece com a natureza e com os bois, refletem uma sabedoria que se

multiplica. Rosa contribui para a configuração de um personagem universal, mas de concepção regionalista, que emerge da terra e funde-se ao boi e ao meio, configurando-se numa representação humana e sócio-política cosmopolita, que seria comum à história de várias das nações do mundo.

### 3. CONCLUSÃO

Ao buscarmos as raízes universais da associação entre o homem e o boi, inferimos uma relação que data dos primeiros agrupamentos humanos, que encontraram na domesticação do gado uma ferramenta para estabelecer povoações, a partir das práticas arcaicas da pecuária e da agricultura. A faculdade de produzir o próprio alimento lançou as sementes para a fixação de sociedades humanas, que não mais eram obrigadas a estar sempre em marcha para buscar recursos básicos que garantissem sua sobrevivência.

No Brasil, o vaqueiro tem papel importante na ocupação do interior. A pecuária nacional, nascida como atividade acessória do cultivo da cana-de-açúcar, já surgiu destinada ao interior do país, tendo em vista a incompatibilidade entre a lida com o gado e as plantações de cana que se estendiam pelo litoral.

Posteriormente, a criação de gado ofereceu os meios para que a exploração de metais preciosos fosse bem sucedida, ao garantir o fornecimento de alimentos, couro e transporte para escoamento da produção.

Com o declínio do ciclo do ouro, no entanto, a maior parte do sertão deslocou-se do eixo econômico-financeiro do país. Invisibilizada, a região persistiu, sobretudo, da pecuária e de uma agricultura, basicamente, de subsistência. Cultivando sua memória e cultura, o sertanejo estabeleceu uma concepção de mundo que o entende profundamente integrado ao meio que o circunda.

O ofício do vaqueiro exige que ele compreenda os ciclos da natureza, os regimes de chuva e de seca, entenda o comportamento de plantas e bichos, observe e rume, como seu companheiro vacum, acerca das circunstâncias que fazem parte de seu estar no mundo. O boieiro, nas longas travessias que empreende pela caatinga, faz-se rústico também, se veste de couro, busca a sombra, a água e o alimento, para si e para o boi. A sobrevivência do boiadeiro depende da leitura que faz do meio, a partir do que sua comunidade experiencia e do que aprende com o gado, a fauna e a flora nativa.

Na ficção rosiana, o vaqueiro assoma como protagonista. Manuelzão, Lélío, Grivo, Mariano e tantos outros, multiplicados em “Pé-duro, chapéu-de-couro”, vêm ante nós com sua indumentária: a vara de ferrão, os trajes de couro, os chapéus. Sua existência asceta e uma concepção de vida que mescla nobreza e fraqueza parecem sintetizar o ser humano a partir do viver sertanejo.

Os vaqueiros singraram o país, domando o hostil, abrindo espaço para o povoamento. Precidados de espaço, atravessaram o sertão, conduzindo o gado, conformando-se ao meio árido e criando formas para se adaptar e subsistir.

Em seu labor, vestido de couro, conduz o gado, observa as plantas e pássaros. Nos textos rosianos, é o vaqueiro o homem capaz de falar sobre o “quem das coisas”. Está sempre em movimento e o espírito, inquieto, ruma, continuamente, apreendendo o mundo a partir do que vivencia.

O pastor é submetido a condições de vida duras e a um ambiente inóspito. Aprende a extrair felicidade das miudezas cotidianas, dominando o ambiente e sua própria natureza, refletindo sobre sua lida e sua vida. Ao desejar apreender sobre a alma do vaqueiro, Rosa precisa se voltar também para o boi e para o ambiente: é esse conjunto de relações que vai definir a fisionomia do boiadeiro.

O pastor não é um herói mítico, é o homem comum. A forma como vive a realidade, no entanto, parece aprimorar suas melhores características. Mesmo que continuem subsistindo fraquezas, o vaqueiro oferece lições acerca do modo como o homem deve se colocar no mundo: como elo numa cadeia de relações que conecta todos os seres, solidariamente.

Ao erigir seus personagens-vaqueiros – e, em muitos casos, constituindo-se ele próprio um vaqueiro-aprendiz – Guimarães Rosa retoma, ficcionalmente, seres essenciais da construção do Brasil, esquecidos ou desvalorizados, porque habitantes de um ambiente primitivo, marginalizado ou caricatural. A estética da palavra, neste caso, serviu à retomada desses homens rudes, amalgamados com suas reses, para uma compreensão mais abrangente acerca da identidade do povo brasileiro. Nos vaqueiros de Guimarães Rosa, reencontramos, nessa relação de tensão e dissonância, harmonia e integração da linguagem literária com o mundo, o profundo enlace da história do Brasil e da configuração da sociedade humana com o boi e o homem que o pastorea. Foi o que esta pesquisa procurou revelar.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano. *Capítulos de História Colonial: 1500-1800*. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998. Disponível em: < <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1022/201089.pdf> >. Acesso em: 10 nov. 2017.

ALENCAR, José de. *O sertanejo*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--]. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000140.pdf>>. Acesso em 04 jul. 2017.

REBELLO, Ivana Ferrante. Entremeio: poesia e cultura popular nos vaqueiros de Guimarães Rosa. *Revista Literatura, História e Memória*. Cascavel. v. 13, n. 22, 2017, p. 91-102. Disponível em: < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rhlm/article/view/17802/12330>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Um boi vê os homens. In: *Claro Enigma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 25.

AUGUSTO, Daniel Sampaio. *Um assunto de silêncios – Estudo sobre o “Cara-de-Bronze”*. 2006. 126 f. Dissertação. (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BÍBLIA. N. T. Mateus. In: BÍBLIA. Disponível em: < <https://www.bibliaonline.com.br/acf/mt/18>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental: do homem das cavernas até a bomba atômica*. Trad. MACHADO, Lourival Gomes; MACHADO, Lourdes Santos; VALLANDRO, Leonel. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1968.

CASTRO, Janio Roque Barros de. As manifestações culturais no contexto das festas juninas espetacularizadas na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. In: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (Orgs.) *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012. p. 113-126. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-07.pdf> >. Acesso: em 10 nov. 2017.

CINTRA, Elaine Cristina. A viagem de Moimeichêgo – um estudo da metapoesia em Cara-de-Bronze. *Itinerários*. Araraquara, n. 8, p. 67-76, 1995. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/107057/ISSN0103-815X-1995-8-67-76.pdf;sequence=1>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

COSTA, João Batista de Almeida. Fronteira regional no Brasil: o entre-lugar da identidade e do território baianos em Minas Gerais. *Revista Sociedade e Cultura*. v. 5, n. 1, p. 53-64, jan/jul 2002. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/554/475> >. Acesso em: 10 nov. 2017.

COSTA, João Batista de Almeida. Minas Gerais na contemporaneidade: identidade fragmentada, a diversidade e as fronteiras regionais. *Caderno da Escola Legislativa*. V. 11, n. 16, p. 117-137, jan/jun 2009. Disponível em: < <https://dspace.almg.gov.br/xmlui/bitstream/handle/11037/1263/0001263.pdf?sequence=3> >. Acesso em: 10 nov. 2017.

CUNHA, Euclides. *Os sertões*. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante). Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

FLACH, Alessandra Bittencourt. *Nós, os fabulistas: o pensamento baseado na oralidade e as narrativas de Guimarães Rosa*. 2007. 147 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007).

LYRA, Maria de Lourdes Viana. Guimarães Rosa: uma reflexão sobre a questão da identidade nacional. *Revista de Letras*, n. 28, v. 1-2, p. 144-148, jan/dez, 2006. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revletras/article/view/2330/1797>>. Acesso em: 09 jan. 2017.

MENDES, Adriano Caçula. *Aboio no sertão paraibano: um canto no trabalho, um trabalho no canto*. 2015. 132 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

MEYER, Mônica. A natureza do sertão. In: ROSA, João Guimarães Rosa. *A Boiada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 203-231.

MOREIRA FILHO, Otaviano de. Resistência identitária: a configuração etnocultural da comunidade sertaneja norte-mineira no processo histórico de Minas Gerais. 2006. Disponível em: < [https://www.proec.ufg.br/up/694/o/02\\_resistencia\\_identitaria.pdf](https://www.proec.ufg.br/up/694/o/02_resistencia_identitaria.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2017.

NOGUEIRA, Mônica Celeida Rabelo. Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais. 2009. 233 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

OLIVEIRA, César Gonçalves de. *Quant'Os sertões: Escrita e experiência literária em Os sertões*, de Euclides da Cunha. 2011. 124 f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Martins; FERREIRA, Shirley. Literatura e identidade nacional: desafios do Romantismo e Modernismo Brasileiros. *Revista Eletrônica Fundação Educacional São José*. 9 ed, p. 1-9, 2014. Disponível em: < <http://www.fsd.edu.br/site/wp-content/uploads/2014/03/Literatura-e-Identidade-Nacional.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

PASTOR. Dicionário *on line* Michaelis. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pastor/>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia. Ave, a Palavra do Sertanejo na Literatura Brasileira. *Millenium*, 46-A. Número Especial temático sobre Literatura, nov. 2014. Disponível em: < <https://www.usp.br/bibliografia/obra.php?cod=20663&s=grosa> >. Acesso em: 09 jan. 2017.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. Disponível em: < [http://resistir.info/livros/historia\\_economica\\_do\\_brasil.pdf](http://resistir.info/livros/historia_economica_do_brasil.pdf) >. Acesso em 10 nov. 2017.

PUCCI, Bruno; DELA VALE, André; ROMEIRO, Artieres Estevão. Cara-de-Bronze, de Guimarães Rosa: as toadas, os diálogos, a poesia, o enigma. *Artefilosofia*. Ouro Preto, n. 17, p. 91-109, dez. 2014. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/509/465>>. Acesso em 10 nov. 2017.

ROCHA, Hélen Cristina Pereira. *Subverter e controlar: dos modos de dominação em “A estória de Lélío e Lina”*, de Guimarães Rosa. 2012. 109 f. Dissertação. (Mestrado em Letras/Estudos Literários) – Programa de pós-graduação em Letras/Estudos Literários, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2012.

RÓNAI, Paulo. Rondando os segredos de Guimarães Rosa. In: *No Urubuquaquá, no Pinhém: Corpo de Baile*. 13. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 18-21.

RÓNAI, Paulo. Nota da primeira edição. In: ROSA, João Guimarães. *Ave, Palavra*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

RONCARI, Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Irmão Lélío, irmã Lina: incesto e milagre na “ilha” do Pinhém. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, v. 15, n. 42, p. 413-448, 2001. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9814/11386>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

ROSA, João Guimarães Rosa. Entremeio – Com o vaqueiro Mariano. In: *Estas estórias*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ROSA, João Guimarães Rosa. *A Boiada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

ROSA, João Guimarães. Pé-duro, chapéu-de-couro. In: *Ave, Palavra*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 174-201.

ROSA, João Guimarães Rosa. A estória de Lélío e Lina. In: *No Urubuquaquá, no Pinhém (Corpo de Baile)*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 105-188.

ROSA, João Guimarães Rosa. Cara-de-Bronze. In: *No Urubuquaquá, no Pinhém (Corpo de Baile)*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 66-104.

ROSA, João Guimarães. Uma estória de amor. In: *Manuelzão e Miguilim*. 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 83-144.

SCHLESINGER, Sérgio. *Onde pastar? O gado bovino no Brasil*. Rio de Janeiro: FASE, 2010. Disponível em: < <https://fase.org.br/wp-content/uploads/2010/06/Onde-pastar.pdf> >. Acesso em: 10 nov. 2017.

SENNA, Janaína. Nota Editorial. In: ROSA, João Guimarães Rosa. *A Boiada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

TEIXEIRA, Jodenir Calixto; HESPANHOL, Antônio Nivaldo. A trajetória da pecuária bovina brasileira. *Caderno Prudentino de Geografia*. Presidente Prudente, n. 36, v. 1, p. 26-38, jan./jul. 2014. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2672/2791>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

VASCONCELOS, Sandra Gardini Teixeira. Sertão e memória: as cadernetas de campo de João Guimarães Rosa. In: ROSA, João Guimarães Rosa. *A Boiada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 187-202.

VASCONCELOS, Sandra Gardini Teixeira. Outras trilhas. In: BRAIT, Beth (Org.) *et al. O sertão e os sertões*. São Paulo: Arte e Ciência, 1998, p. 105-122.